

JOANA ISABEL REIS SILVEIRA

**UMA PROPOSTA DE ROTEIRO DA
ALFARROBA PARA O ALGARVE**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências e Tecnologias

2016

JOANA ISABEL REIS SILVEIRA

UMA PROPOSTA DE ROTEIRO DA ALFARROBA PARA O ALGARVE

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura Paisagista

Trabalho efetuado sob a orientação de:

ORIENTADOR: Professor Doutor Desidério Batista

COORIENTADOR: Professor Doutor Pedro Correia



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências e Tecnologias

2016

UMA PROPOSTA DE ROTEIRO DA ALFARROBA PARA O ALGARVE

"Declaração de autoria de trabalho"

"Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída".

COPYRIGHT Joana Isabel Reis Silveira

" A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor".

2016

DEDICO AOS MEUS PAIS E IRMÃ

A tese é dedicada aos meus pais e irmã. Mas principalmente aos meus pais, Mário Manuel Silveira e Maria José Silveira, pelo esforço, dedicação e empenho no zelar de um sonho e uma ferramenta de vida.

AGRADECIMENTOS

Para terminar, mais uma etapa ao nível escolar, sem dúvida é necessário agradecer a todos os que colaboraram de uma forma ou de outra para concluir este trabalho. Estas pessoas foram pilares essenciais ao longo de todo o percurso de realização desta fase de vida. Deu espaço às recordações que ficarão guardadas na memória, aos conselhos ricos em sabedoria, às conversas durante horas e horas, às correções, às sugestões, à ajuda, ao apoio e motivação, principalmente naqueles dias nublados, onde as soluções teimavam em não aparecer.

Primeiramente, um enorme obrigada à associação AIDA, pela parceria, pela ajuda, por uma dedicação incansável ao longo de todo o período de execução deste roteiro. Ao Presidente da associação, Pedro Correia sendo ainda o Coordenador, pelas ideias, pelo fornecimento de informação, pela disponibilidade e acompanhamento de todo o trabalho. Também ao técnico Senhor José Filipe da AIDA, pela sua presença e opinião nas reuniões e saídas de campo e ainda pela disponibilização da informação necessária.

Na comunidade académica saliento o Professor Doutor Desidério Batista, pela ajuda no percorrer de todo este caminho, pelas melhores sugestões na ânsia do melhor resultado, pela sua orientação e dedicação, o meu especial e muito obrigada. Sem dúvida que também refiro, um agradecimento à Professora Doutora Jacinta Fernandes, pela sua ajuda, para além de professora foi amiga e conselheira, o meu mais sincero e doce obrigada. Ainda dentro do âmbito académico subscrevo o Professor Doutor André Leitão, pela disponibilidade e ajuda, para uma avaliação do roteiro ao nível das ferramentas de ordenamento do território, este apoio foi essencial ao trabalho, por isso deixo aqui o meu enorme agradecimento. Às Senhoras da Biblioteca do Campus de Gambelas, pela paciência de todos os dias compreenderem a necessidade de requisitar e consultar diversos livros, ou da cave ou das estantes, foi sem dúvida um período maçudo, peço desculpa por isso e a todas vocês, muito obrigada.

Dentro das diversas entidades consultadas, enalteço a vereadora da Câmara Municipal de S. Brás de Alportel pelo seu apreço perante este tema, pelo entusiasmo da concretização do mesmo e ainda por toda a informação fornecida e motivação à realização do trabalho, por acreditar no futuro prospero deste roteiro, o meu muito obrigada, Exma. Marlene Guerreiro. À Região de Turismo do Algarve, em especial às Doutoradas Ângela Reis e Luísa Correia, pela disponibilidade para nos reunirmos e debatermos quais os melhores métodos de divulgação deste roteiro já ao nível futuro, a ambas o meu agradecimento. Ainda agradeço toda a informação dispensada que foi verdadeiramente útil para completar todo o trabalho, o apoio, a ajuda, por parte da Divisão de Cultura, Património e Museus do concelho de Tavira; à Divisão Ambiente, Espaço Público e Transportes da Câmara de Loulé; à Associação Campo Arqueológico de Tavira (Arkeotavira), em especial ao Exmo. Luís Fraga da Silva e ao senhor João Manuel Guerreiro Costa da Direção de Serviços de Desenvolvimento Agroalimentar e Rural, e Divisão de Agricultura, Estudos e Programação, o meu sincero obrigada, por tudo o que disponibilizaram e pelo apoio.

A todas as empresas pertencentes aos pontos de interesse envolvidos pelo roteiro, o meu maior agradecimento, por toda a disponibilidade, pela excelente receção, evidencio, a senhora Fátima Galego, o senhor Ismael Chorondo e ao seu empregado, o Senhor David empregado nos Viveiros Mil Plantas, o Polo Museológico dos Frutos Secos e os restantes senhores e senhoras envolvidos neste roteiro, um enorme obrigada.

Agradeço aos meus pais e irmã, pela motivação e entusiasmo. Pelos valores transmitidos não só que a vida é uma luta constante, como que a luta por aquilo que amamos, sonhamos e queremos tem de ser com "unhas e dentes" e não baixar os braços

à mínima adversidade. Estes valores foram uma bênção à concretização do trabalho. Ter em plena consciência que a verdadeira felicidade e riqueza está presente nas coisas simples e humildades da vida. Um enorme e carinhoso obrigada por acreditarem em mim, pelo esforço, e dedicação da vossa parte, nesta difícil caminhada para a realização de um sonho.

Aos meus colegas de trabalho da apanha da alfarroba, pelos saberes, costumes, as tradições, fotografias, ensinamentos e estórias contadas naquelas tardes de verão a apanhar alfarroba, obrigada do fundo do coração pelo traçar de um olhar antigo na minha memória.

Não podia deixar de agradecer às minhas colegas de casa e verdadeiras amigas. À nossa amizade, pela companhia nos dias e tardes, tanto na biblioteca como em casa, pela paciência, nos dias em que o meu bom humor era escasso, muito obrigada de coração às minhas meninas, pelo apoio, pela ajuda, por acreditarem que era possível e sim agora posso afirmar o nosso lema "Isto foi só um cheirinho"!

A todos os referidos e a todas as pessoas envolvidas em alguma parte deste trabalho, o meu muito obrigada. Obrigada ainda pelo meu crescimento pessoal, o que me tornou numa lutadora ainda maior.

RESUMO

À luz da imagem de um Algarve rico em potencialidades, espécies, produtos e património imaterial outrora desvalorizados e esquecidos, pretende-se criar os estímulos e estratégias necessárias em rumo à exploração do território-paisagem e dinamização de uma espécie marcante nesta região.

A proposta de roteiro da alfarroba consta na concretização de uma rede de percursos e na sua divulgação, de modo a revelar os lugares perante a sequência da componente produtiva, de transformação e consumo ligados à alfarroba. É ainda responsável pela promoção da génese social e cultural na salvaguarda dos antepassados.

Tenciona impulsionar a vontade de percorrer, viajar e conhecer os hábitos tradicionais símbolos da cultura algarvia, numa viagem que abarca novas alternativas turísticas aproximando o viajante da população local, em prole de um desenvolvimento regional sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Alfarrobeira, Roteiro, Paisagem, Património, Pomar, Divulgação

ABSTRACT

In light of the image of a rich potential in Algarve, species, products and intangible heritage once devalued and forgotten, it aims to create the necessary incentives and strategies towards the exploration of the territory, landscape and promotion of a remarkable species in this region.

The carob script proposal consists in the realization of a network of paths and their disclosure in order to reveal the places before the result of the productive component, processing and consumption related to carob. It is responsible for promoting social and cultural genesis in safeguarding the ancestors.

Will boost the will to go, travel and see the traditional habits symbols of Algarve culture, a journey that embraces new tourist alternatives approaching the traveler of the local population in offspring of a sustainable regional development.

KEY-WORDS: Carob, Script, Landscape, Patrimony, Orchard, Disclosure

-

A "viagem não acaba nunca ... é preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava" (Saramago, 1997, p. 387).

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| I-PARTE: ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL | 4 |
| 1. A ALFARROBEIRA E A PAISAGEM | 4 |
| 1.1. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ALFARROBEIRA | 4 |
| 1.2. ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO DA ALFARROBEIRA | 8 |
| 1.3. EVOLUÇÃO DA PAISAGEM ALGARVIA E DOS POMARES DE SEQUEIRO | 11 |
| 1.3.1. POMARES TRADICIONAIS E POMARES DE CARÁCTER INDUSTRIAL | 13 |
| 1.3.2. O POMAR DE ALFARROBEIRA E A ALFARROBA: TRADIÇÃO E INOVAÇÃO | 18 |
| 2. PAISAGEM, PATRIMÓNIO E TURISMO | 23 |
| 2.1. O CONCEITO DE PAISAGEM E A PAISAGEM ENQUANTO PATRIMÓNIO | 24 |
| 2.1.1. PAISAGEM CULTURAL | 26 |
| 2.1.2. A PAISAGEM DO BAIXO ALGARVE | 27 |
| 2.2. O CONCEITO DE PATRIMÓNIO E DE PATRIMÓNIO CULTURAL | 33 |
| 2.2.1. OS VALORES ECOLÓGICOS E PAISAGÍSTICOS DO BAIXO ALGARVE | 35 |
| 2.3. O CONCEITO DE TURISMO, TURISMO CULTURAL, RURAL E DE NATUREZA | 39 |
| 2.3.1. O TURISMO | 39 |
| 2.3.2. O TURISMO CULTURAL | 40 |
| 2.3.3. O TURISMO RURAL E DE NATUREZA | 41 |
| 3. DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS DE ITINERÁRIO, PERCURSO E ROTEIRO | 43 |
| 3.1. ITINERÁRIO | 43 |
| 3.2. PERCURSO | 43 |
| 3.3. ROTEIRO | 45 |
| II- PARTE: DOS ROTEIROS AO ROTEIRO DA ALFARROBA PARA O ALGARVE | 46 |
| 4. CASOS DE ESTUDO DE ROTEIROS TEMÁTICOS | 46 |
| 4.1. O ROTEIRO DA CORTIÇA NO ALGARVE | 48 |
| 4.2. O ROTEIRO DO AZEITE NO ALENTEJO | 49 |
| 5. UMA PROPOSTA DE ROTEIRO DA ALFARROBA PARA O ALGARVE | 50 |
| 5.1. INVESTIGAÇÃO PRÉVIA AO TRAÇADO DO ROTEIRO | 50 |
| 5.2. PARTICIPAÇÃO PÚBLICA-INQUÉRITOS | 53 |
| 5.3. ÁREA GEOGRÁFICA DO ROTEIRO | 57 |
| 5.4. CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS PONTOS DE INTERESSE NOS DISTINTOS CONCELHOS | 58 |
| 5.5. O ROTEIRO DA ALFARROBA ENQUANTO MEIO DE DESCOBERTA DA PAISAGEM E DO PATRIMÓNIO | 66 |
| 5.6. O ROTEIRO DA ALFARROBA: PROPOSTA DE TRAÇADO, DIVULGAÇÃO E PERSPETIVAS DE FUTURO | 69 |
| 5.6.1. ROTEIRO GRANDE | 73 |
| 5.6.1.1. ROTEIRO GRANDE: PEÇA 1 | 78 |
| 5.6.2. ROTEIRO MÉDIO | 79 |

| | |
|---|----|
| 5.6.2.1. ROTEIRO MÉDIO ESTE: PEÇA 2 | 80 |
| 5.6.2.2. ROTEIRO MÉDIO OESTE: PEÇA 3 | 81 |
| 5.6.3. ROTEIRO PEQUENO | 82 |
| 5.6.3.1. ROTEIRO PEQUENO: PEÇA 4 | 83 |
| 5.6.4. PROPOSTA DE DIVULGAÇÃO | 84 |
| 5.6.4.1. DESDOBRÁVEL | 85 |
| 5.6.5. PERSPETIVAS DE FUTURO: BENEFÍCIOS ECOLÓGICOS, SÓCIO-ECONÓMICOS E CULTURAIS | 86 |
| CONCLUSÃO | 89 |
| BIBLIOGRAFIA | 91 |
| ANEXOS | 96 |

ÍNDICE DE ANEXOS

| | |
|---|----|
| ANEXO I - PRIMEIRO ESQUEMA DO ROTEIRO E DOS SEUS PONTOS | 1 |
| ANEXO II - PERSPETIVAS | 2 |
| ANEXO III - PERSPETIVA FUTURA DO ROTEIRO DA ALFARROBEIRA | 5 |
| ANEXO IV - DIVERSAS APLICAÇÕES DA ALFARROBA | 6 |
| ANEXO V - TRADIÇÕES | 9 |
| ANEXO VI - SITE | 10 |
| ANEXO VII - ESTRUTURA DOS INQUÉRITOS REALIZADOS | 13 |
| ANEXO VIII - PLANO DE NEGÓCIOS | 15 |

ÍNDICE DE FIGURAS

1. A ALFARROBEIRA E A PAISAGEM

| | |
|--|----|
| Figura 1.1. - <i>Ceratonia siliqua</i> . Fonte: (Silveira, 2016)..... | 4 |
| Figura 1.2. - Folhas da <i>Ceratonia siliqua</i> L. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 5 |
| Figura 1.3. - Alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 5 |
| Figura 1.4. - Floração da Alfarrobeira. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 6 |
| Figura 1.5. - Tronco de alfarrobeira, nos solos calcários. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 6 |
| Figura 1.6. - Manutenção efetuada após a colheita. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 7 |
| Figura 1.7. - Mapa da Carta da Distribuição das principais espécies lenhosas, pelo território português continental. Fonte: a partir da Carta de Barros Gomes (Guerreiro, 1991, p. 21). E a distribuição da alfarrobeira no Algarve. Fonte: em 1994 a partir da (AIDA, 2005)..... | 9 |
| Figura 1.8. - Carta Agrícola e Corográfica de Portugal- 1870, Mosaico das folhas do Algarve Central e Ocidental, escala 1:50 000, pelo autor Gerardo disponível em < http://www.arkeotavira.com/Mapas/Pery/ > | 10 |
| Figura 1.9. - Carta Agrícola e Florestal: grandes grupos de utilização do solo. Fonte: (Atlas Ambiente, 1979)..... | 10 |
| Figura 1.10. - Alfarrobeiras inseridas nas fendas das rochas e em solos pobres (Silveira, 2016)..... | 12 |
| Figura 1.11. - Alterações ocorridas no pomar de sequeiro numa perspetiva daqui a 10 anos, tendo em conta figueira e a alfarrobeira. Fonte: (Carvalho & Madeira, 2000)..... | 14 |
| Figura 1.12. - Pomar misto de sequeiro com cultura sob coberto. Fonte: (Carvalho, 1992, p. 13). | 15 |
| Figura 1.13. - Paisagem de solo calcário vermelho mostrando utilização antiga com pomar tradicional de sequeiro com legumes e cereais de Inverno. Fonte: (Koop, Sobral, Soares, & Woerner, 1989, p. 109)..... | 16 |
| Figura 1.14. - Vista do pomar de alfarrobeiras, de um ponto mais alto. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 17 |
| Figura 1.15. - Vista do pomar de alfarrobeiras, de um ponto mais alto. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 18 |
| Figura 1.16. - Senhoras dão início à apanha da alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 19 |
| Figura 1.17. - Esquema sobre os processos de industrialização da alfarroba. Fonte: (Carvalho & Madeira, 2000, p. 21)..... | 20 |
| Figura 1.18. - Sementes e polpa de alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 21 |
| Figura 1.19. - Esquema de uma máquina de ma máquina de tritar alfarroba, do Polo Museológico dos Frutos Secos. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 21 |
| Figura 1.20. - Esquema sobre a comercialização da alfarroba em Portugal. Fonte: (Carvalho & Madeira, 2000, p. 20)..... | 23 |

2. PAISAGEM, PATRIMÓNIO E TURISMO

| | |
|---|----|
| Figura 2.1. - Pomar misto de sequeiro, com amendoeira, alfarrobeira e figueira. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 28 |
| Figura 2.2. - <i>Olea europaea</i> . Fonte: (Silveira, 2016)..... | 28 |
| Figura 2.3. - <i>Ficus carica</i> . Fonte: (Silveira, 2016)..... | 28 |
| Figura 2.4. - <i>Prunus dulcis</i> . Fonte: (Silveira, 2016)..... | 28 |
| Figura 2.5. - Carta de Unidade de Paisagem (Extrato), com a área de estudo. Fonte: (Abreu et al., 2004)..... | 30 |
| Figura 2.6. - Mapa da Vegetação potencial, séries climatófilas . Fonte:(Gomes & Ferreira, 2005, p. 301)..... | 37 |
| Figura 2.7. - Nidificação em tronco de alfarrobeira. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 39 |
| Figura 2.8. - Vestígios nas alfarrobas que servem de alimento para animais. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 39 |

4. CASOS DE ESTUDO DE ROTEIROS TEMÁTICOS

| | |
|--|----|
| Figura 4. 1. - Traçado do roteiro da cortiça. Fonte: (Jacinto & Alves, 2004). | 48 |
| Figura 4. 2. - Lagar oliveira da serra. Fonte: (SoulPortugal, 2013). | 49 |

5. UMA PROPOSTA DE ROTEIRO DA ALFARROBA PARA O ALGARVE

| | |
|---|----|
| Figura 5.1. - Feira das Varas em Paderne. As varas são de eucalipto e de diversos tamanhos. Fonte: (Silveira, 2016). | 53 |
| Figura 5.2. - Gráfico com a questão: O que acha da implementação de um Roteiro da Alfarroba no Algarve, que abrange os concelhos de Faro, S. Brás de Alportel, Loulé, Olhão e Tavira? Fonte: (Silveira, 2016)..... | 54 |
| Figura 5.3. - Gráfico com a questão: - Se for implementado o roteiro da alfarroba acha que trará vantagens ou desvantagens à população local? Fonte: (Silveira, 2016)..... | 54 |
| Figura 5.4. - Gráfico com a questão: O que simboliza a alfarrobeira para si? Fonte: (Silveira, 2016). | 55 |
| Figura 5.5. - Gráfico com a questão: Iria percorrer o roteiro da alfarroba? Fonte: (Silveira, 2016). | 55 |
| Figura 5.6. - Gostaria de contactar, ensinar e conversar sobre a alfarrobeira com as pessoas que não conhecem esta árvore? Fonte: (Silveira, 2016). | 55 |
| Figura 5.7. - Acha interessante dinamizar a alfarrobeira e preservar a tradição da apanha e do varejo? Qual o seu grau de satisfação? Fonte: (Silveira, 2016). | 55 |
| Figura 5.8. - Logótipo da AIDA. Fonte: (AIDA, 2005)..... | 56 |
| Figura 5.9. - Concelhos algarvios abrangidos pelo roteiro. Fonte: (Silveira, 2016). | 57 |
| Figura 5.10. - Viveiros Mil Plantas. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 59 |
| Figura 5.11. - Museu do Trajo. Fonte: (Silveira, 2016). | 60 |
| Figura 5.12. - Alfarrobeira encaixadas por entre as fendas das rochas. Fonte: (Silveira, 2016). | 61 |
| Figura 5.13. - Poço antigo, onde os visitantes se podem refrescar. Fonte: (Silveira, 2016). | 61 |
| Figura 5.14. - Triturado de alfarroba, das instalações de Chorondo & Filhos, Lda. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 61 |
| Figura 5.15. - Made in Loco. Fonte: (Silveira, 2016). | 62 |
| Figura 5.16. - Gelado de Alfarroba e Baunilha da gelataria Natural.Come . Fonte: (Silveira, 2016). | 62 |
| Figura 5.17. - Instalações e preparação das iguarias à base de alfarroba de Fátima Galego. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 63 |
| Figura 5.18. - Alfarrobeira centenária no jardim do estabelecimento de Fátima Galego. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 63 |
| Figura 5.19. - Polo Museológico dos Frutos Secos. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 63 |
| Figura 5.20. - Espargal. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 64 |
| Figura 5.21. - Quinta do Freixo. Fonte: (Silveira, 2016). | 64 |
| Figura 5.22. - Quinta da Parra. | 64 |
| Figura 5.23. - Santo Estevão. Fonte: (Silveira, 2016). | 65 |
| Figura 5.24. - Fonte Salgada. Fonte: (Silveira, 2016). | 65 |
| Figura 5.25. - As ideias a desenvolver na elaboração do roteiro. Fonte: (Silveira, 2016). | 69 |
| Figura 5.26. - Esquema da distância entre os pontos de interesse. Fonte: (Silveira, 2016). | 73 |
| Figura 5.27. - Viveiros Mil Plantas - Alfarrobeiras jovens. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 74 |
| Figura 5.28. - Santo Estevão. Fonte: (Silveira, 2016). | 75 |
| Figura 5.29. - Fonte Salgada. Fonte: (Silveira, 2016). | 75 |
| Figura 5.30. - Trilhos e Caminhos entre os pomares de sequeiro e os muros de pedra tradicionais. Fonte: (Silveira, 2016). | 75 |

| | |
|--|----|
| Figura 5.31. - Mecanismo de trituração da alfarroba na fábrica Chorondo & Filhos, Lda. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 76 |
| Figura 5.32. - "Natural.Come" Fonte: (Silveira, 2016)..... | 76 |
| Figura 5.33. - Instalações Fátima Galego (Silveira, 2016)..... | 76 |
| Figura 5.34. - Polo Museológico dos Frutos Secos. Fonte: (Silveira, 216)..... | 77 |
| Figura 5.35. - Esquema com o nome das ruas, estradas e ainda as distâncias entre os pontos de interesse. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 82 |

ÍNDICE DE TABELAS

1. A ALFARROBEIRA E A PAISAGEM

| | |
|--|----|
| Tabela 1.1. - Os três países produtores de alfarroba Fonte: de Graça 1994 (Cabecinha, 2007, p. 1) | 22 |
|--|----|

2. PAISAGEM, PATRIMÓNIO E TURISMO

| | |
|---|----|
| Tabela 2.1. - <i>Rhamno oleoidis-Quercu rotundifoliae sigmetum.</i> de Pinto-Gomes e Paiva-Ferreira, 2005, Fonte: (Canas et al., 2012, p. 295) | 37 |
| Tabela 2.2. - <i>Aro neglecti-Oleo sylvestris Sigmetum.</i> Fonte:(Canas et al., 2012, p. 297). | 38 |

5. UMA PROPOSTA DE ROTEIRO DA ALFARROBA PARA O ALGARVE

| | |
|---|----|
| Tabela 5.1. – Reuniões realizadas para a elaboração coerente da tese. Fonte: (Silveira, 2016). 52 | |
| Tabela 5.2. - Os pontos de interesse que integra o roteiro com a respetiva localização e critérios. Fonte: (Silveira, 2016). | 59 |
| Tabela 5.3. - A Rede Natura 2000, no Barrocal. Fonte: (ICNF, 2005). | 68 |
| Tabela 5.4. - Proposta de preçário dos percursos de roteiro. Fonte: (Silveira, 2016)..... | 71 |
| Tabela 5.5. - Número de visitantes, respetivas hipóteses de transporte e ainda alguns empresas de aluguer de veículos no Algarve e os veículos ao seu dispor. Fonte: (Silveira, 2016). | 72 |
| Tabela 5.6. - Horário de funcionamento e duração dos percursos. Fonte: (Silveira, 2016). | 72 |

INTRODUÇÃO

O principal propósito da presente tese é a elaboração de uma Proposta de Roteiro da Alfarroba para o Algarve com vista à divulgação da cultura da alfarrobeira - *Ceratonia siliqua*, e do seu fruto, e das paisagens e tradições que lhe estão associadas, através da identificação de uma rede de percursos que configurando o roteiro conecta os principais pontos de interesse, no que respeita aos processos de produção, transformação e consumo da alfarroba. Por sua vez, o objetivo secundário consta na elaboração de um "documento" de divulgação que identifique os percursos e pontos de interesse a visitar no âmbito quer de atividades didáticas e pedagógicas quer de atividades de recreio e lazer associadas ao turismo cultural e ao turismo rural. O tema da presente dissertação surge na sequência de um desafio lançado pela Associação Interprofissional para o Desenvolvimento da Produção e Valorização da Alfarroba (AIDA), com a sede em S. Brás de Alportel no sentido do desenvolvimento de uma proposta de roteiro que contribua para a valorização da alfarrobeira e da alfarroba considerando os benefícios socioeconómicos, ecológicos, paisagísticos e de preservação patrimonial da cultura deste fruto seco tão característico da região algarvia, potenciando o roteiro e a cultura da alfarroba relacionando-o com o turismo, principal atividade socioeconómica da região.

No Algarve, a alfarrobeira é uma espécie arbórea de grande importância, quer a nível ambiental, quer económico. O seu fruto, a alfarroba, já foi um dos principais produtos na economia algarvia, visto ser utilizada pela civilização humana desde a antiguidade, constituindo um elemento importante na memória cultural da região. Porém, nas últimas décadas do século XX a atividade económica ligada à alfarroba entrou em declínio, apesar da vasta extensão de alfarrobais, verificando-se atualmente um novo interesse e novos desenvolvimentos ligados à investigação sobre a produção e consumo deste fruto que perspetivam futuras utilizações para a alfarroba, nomeadamente no âmbito dos biocombustíveis e da indústria agrícola e alimentar.

O referido roteiro, procura contribuir para ajudar a diminuir o abandono e desvalorização das práticas agrícolas tradicionais enquanto suporte de uma paisagem cultural e de um património rural, aspirando pela dinamização desta espécie arbórea, enquanto legado que se procura preservar e fomentar no âmbito das distintas atividades socioeconómicas como a agricultura e o turismo.

A proposta visa uma nova forma de utilizar os recursos locais, através de uma rede de percursos turísticos que conectando os pontos de interesse dispersos pelos concelhos

do Algarve considera três aspetos fundamentais associados à cultura da alfarroba: a sua produção, transformação e consumo. A área de incidência do roteiro abrange os concelhos de Faro, S. Brás de Alportel, Loulé, Olhão e Tavira de modo a incluir a principal área de distribuição da alfarrobeira no Algarve. Esta rede de percursos que configuram o roteiro compreende estradas e caminhos que permitem conexões aos níveis paisagístico, cultural e patrimonial criando as condições imprescindíveis, à participação, à descoberta, à exploração do território-paisagem e do património, que associados à transmissão de conhecimentos e saberes antigos e novos, vinculam e elegem a própria identidade e memória do Algarve como premissa fundamental para a definição do(s) roteiro(s).

Para a concretização deste desígnio, os métodos utilizados ao longo de todo o processo seguiram diversas fases: desde a pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema da dissertação e a área geográfica sobre a qual incide a proposta de roteiro; o estudo de casos de roteiros temáticos já implementados; a análise cartográfica para a marcação dos percursos e pontos de interesse, assim como de ligação ao roteiro já existente e, ainda, o trabalho de campo, considerado valioso e essencial para uma definição rigorosa do roteiro.

A proposta de roteiro foi elaborada a várias escalas para permitir a perceção quer global, quer parcial dos pomares de alfarrobeira e dos locais e processos, associados à produção da alfarroba, das pequenas fábricas familiares associadas à sua transformação, e das lojas de comércio local vinculadas ao consumo do produto.

Neste sentido, o roteiro compreende um percurso grande, dois percursos médios e um percurso pequeno, que poderão ser realizados, por veículos, motorizados ou cicláveis à exceção do percurso pequeno que poderá ser efetuado também a pé fazendo a ligação à rota da cortiça já existente, dando a possibilidade de o visitante poder, caso o deseje, conhecer dois produtos característicos deste território, numa só viagem, conectando o roteiro da alfarroba com o da cortiça.

O interesse e apoio de várias entidades como a Região do Turismo do Algarve, os Municípios que integram o roteiro, a Direção Regional da Agricultura e Pescas do Algarve, a Divisão de Cultura, Património e Museus da Câmara Municipal de Tavira entre outras, contribuiu para além da riqueza do trabalho em equipa, para o desenvolvimento de uma proposta mais sólida e coesa, e possibilitando acrescentar informação extremamente útil à investigação.

A dissertação compreende duas partes, a I - Parte que diz respeito ao Enquadramento Teórico-Conceptual, diretamente relacionado com o roteiro,

apresentando a Identificação e Caracterização da cultura da Alfarrobeira e da paisagem a ela associada e onde se enquadra o roteiro; e a II-Parte: Dos roteiros ao roteiro da Alfarroba no Algarve, expõe o estudo dos casos do roteiro da cortiça e do roteiro do azeite e apresenta uma proposta de roteiro a diversas escalas e o respetivo desdobrável/panfleto de divulgação, terminando com uma visão futura do roteiro, considerando os distintos benéficos a ele associados.

I-PARTE: ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

No âmbito da presente investigação, é necessário definir e entender em primeiro lugar os conceitos relacionados com o seu tema principal e o roteiro da alfarroba explorando a relação entre o homem e a componente paisagística e patrimonial e os valores da cultura, associados à alfarrobeira e ao seu fruto.

Neste sentido, pretende-se nesta primeira parte da dissertação contribuir para a identificação e caracterização da alfarrobeira e da paisagem a ela associada, e definir e relacionar um conjunto de conceitos considerados essenciais enquanto base para o desenvolvimento da proposta de roteiro.

1. A ALFARROBEIRA E A PAISAGEM

A alfarrobeira é uma espécie de elevada importância, estando ligada à componente rural e às atividades agrícolas tradicionais. A paisagem onde se insere corresponde a um "documento" que narra a história e a tradição inscrita na região do Algarve. Os pomares de alfarrobeiras conferem a esta paisagem a singularidade dos lugares que a constituem, vinculados à sua identidade e carácter.

1.1. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ALFARROBEIRA

O nome científico da alfarrobeira - *Ceratonia siliqua* L, parece derivar do grego "Keros", e do latim "siliqua" (Batlle & Tous, 1997, p.1) com referência à forma e dureza da vagem, (Jesus, 2001) (Figura 1.1.).

Por sua vez, alfarrobeira, nome comum de *Ceratonia siliqua*, terá a sua origem no termo Hebraico Kharoub (Jesus, 2001), que deriva do árabe Kharoubah (Loução & Carvalho, 1989) ou alharruba (Enciclopédia, 1989). E que constituirá a raiz etimológica em outros idiomas, *caroube* em francês, *carruba* em italiano, *carob* em inglês, *algarrobo* em espanhol e finalmente alfarrobeira em português (Loução & Carvalho, 1989).

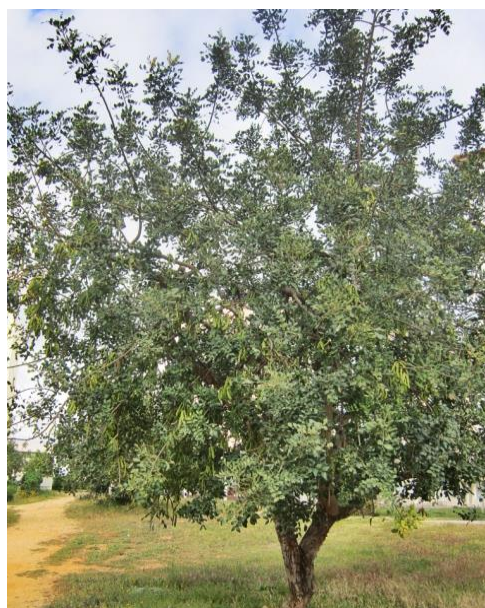


Figura 1. 1. - *Ceratonia siliqua*. Fonte: (Silveira, 2016).

O Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa refere que já no século XVI existe referência a este fruto, "Aqui há muitos vinhos, e alguns açúcares; há muitas alfarroubas" (Machado, 1977, p. 192). Com a evolução linguística, o vocábulo árabe "Alharruba" teria dado entrada em Portugal também por outras vias, como por exemplo através dos termos *algarobo*, bem como, *garroba* e *algarroba* que se presume de origem castelhana (Machado, 1977).

Por outro lado não no âmbito da escrita mas no domínio da fala as pessoas no seu dia-a-dia acabam por alterar as próprias palavras e os seus sons tanto da alfarroba como da alfarrobeira, eliminando o prefixo dando lugar a "farroba" e "farrobeira" (Ricardo, 2014), como é vulgar ouvir nalgumas zonas do Algarve.

A alfarrobeira (*Ceratonia siliqua L.*) é uma espécie pertencente à família *Leguminosae*, subfamília das *Cesalpinoideae*. É uma árvore de copa ampla e densa, folhas com 2-5 pares de folíolos, persistente, flor pequena em cachos axilares, vagem pendente castanho-escuro (Moreira, 2008) (Figura 1.2.).

Apresenta um porte que pode atingir, normalmente, entre os 6 e os 12 metros de altura. O fruto da alfarrobeira é uma vagem denominada de alfarroba (Figura 1.3.). Esta tem uma camada externa que se denomina de pericarpo e a parte interna sendo mais suave, denominada de mesocarpo (Batlle & Tous, 1997).

Segundo estes autores, a coloração verde e vermelho das flores, transparecem a simetria do cálice e um pequeno pedúnculo, sendo que aquele apresenta uma forma semelhante à de um disco e contém substâncias nectáreas. Por um lado, as flores femininas são compostas por um peristilo com cerca de 6 a 8,5 mm que contém 5 sépalas com pêlos e o seu ovário é constituído por dois carpelos que apresentam 5 a 7 mm, contendo vários óvulos, e por outro lado as flores masculinas revelam um disco com substâncias nectáreas que têm 5 estames e filamentos delicados (Batlle & Tous, 1997).

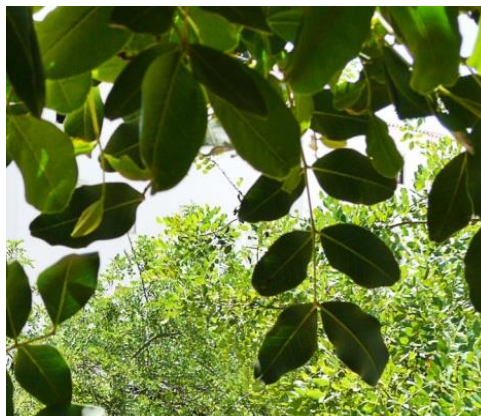


Figura 1. 2. – Folhas da *Ceratonia siliqua L.* Fonte: (Silveira, 2016).



Figura 1. 3. – Alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016).

No mediterrâneo floresce em julho, (Figura 1.4.). Supondo-se que os agentes polinizadores são o vento e os insetos, e que a polinização ocorre em Setembro e Outubro, tendo em atenção que a produtividade é afetada pela relação entre árvores masculinas e femininas existentes na área (Nascimento, n.d.). As variedades cultivadas propagam-se maioritariamente por enxertia (Loução & Carvalho, 1989), porém as principais variedades de alfarrobeiras são: a canela, a mulata e a gallosa, sendo que no Algarve, a que é mais cultivada é a mulata, por ser a variedade que tem mais produtividade ao inverso das restantes (Fortuna,1951).



Figura 1. 4. – Floração da Alfarrobeira. Fonte: (Silveira, 2016).

Mas interessa evidenciar que a alfarrobeira ainda que leguminosa, não forma nódulos radiculares, responsáveis pela fixação do azoto atmosférico, e por esta circunstância depende do azoto presente no solo (Loução & Carvalho, 1989). Esta cultura constitui um fator interessante que é a baixa exigência em cuidados, constatando-se que nas áreas degradadas e abandonadas esta cultura apresenta interesse estimável e, normalmente, não é aplicada rega ou fertilização, à exceção de casos em que os produtores identifiquem vantagens (Loução & Carvalho, 1989).

A alfarrobeira adapta-se à região e ao clima do Mediterrâneo, pois tem a capacidade de poder suportar temperaturas elevadas, até aos 45°C, devido à sua plasticidade morfológica, porém prefere temperaturas menos extremas, resiste às secas prolongadas de Verão e é sensível ao frio, embora o possa suportar, prefere solos calcários e permeáveis, (Figura 1.5.) como os típicos solos do Barrocal Algarvio (Nascimento, n.d.). A alfarrobeira é considerada uma planta esclerofila e xerófita, reconhecida como uma componente caracterizadora da flora mediterrânica (Gonçalves, 2002), importando realçar que



Figura 1. 5. – Tronco de alfarrobeira, nos solos calcários. Fonte: (Silveira, 2016).

perante as características adaptativas desta planta, esta pode conferir inclusive a revalorização de zonas degradadas ou em que são difíceis de exercer a exploração (Gonçalves,2002).

A *Ceratonia siliqua* pela capacidade de sobrevivência em solos pobres, pode solucionar problemas nas zonas de sequeiro e regadio em Portugal, valorizando a componente territorial, ambiental e paisagística (Loução & Carvalho, 1989), sendo que as culturas de sequeiro têm a capacidade de armazenar água da chuva, visto que, em anos de seca não há a possibilidade de rega (INIC, 1989).

Esta árvore apresenta grande longevidade, não necessitando de uma manutenção elaborada, que se efetua seguidamente à colheita (Loução & Carvalho, 1989) (Figura 1.6.).



Figura 1. 6. – Manutenção efetuada após a colheita. Fonte: (Silveira, 2016).

Como comprova o estudo, "Trunk Biomass and tree-crown structure in *Ceratonia siliqua*", a produtividade da alfarroba está relacionada com a densidade das folhas, ou seja, uma maior produtividade de acordo com a unidade de área da folha, em contrapartida com a redução do sombreamento, poderá provar que leva à formação de novos frutos em vez de folhas. Um outro fator testado é o vento, onde as alfarrobeiras que se localizam em áreas ventosas têm uma menor produtividade pelo fecho da coroa (Sousa et al., 1980). Outro estudo, "Management of carob tree orchards in Mediterranean ecosystems: strategies for a carbon economy implementation" é relativo aos pomares puros e pomares mistos, de acordo com a sua produtividade de sequestro de carbono. Este estudo revela

que o pomar misto, da alfarrobeira com a figueira, oliveira e amendoeira a uma distância variada, mas em árvores de 10 anos de idade, denota-se que a produção de alfarroba por árvore é relativamente superior nos pomares mistos em comparação com os pomares puros. De acordo com a referida investigação este aumento de rendimento pode estar associado ao diâmetro da copa que, por sua vez, está associado diretamente ao diâmetro da árvore, significando que troncos maiores têm uma maior produtividade. Outros fatores também relevantes para esta produtividade, ainda segundo o mesmo estudo, seria a adubação por parte dos agricultores e o melhoramento do solo em pomares mistos. Já relativamente ao sequestro de carbono os pomares mistos tiveram um resultado superior comparativamente aos pomares puros, resultado que está associado com a densidade de plantação e não com o tamanho da árvore. A alfarrobeira é uma árvore de crescimento lento, podendo acumular mais carbono do que as culturas de crescimento rápido (Correia, Guerreiro, Pestana, & Loução, 2016).

1.2. ORIGEM E DISTRIBUIÇÃO DA ALFARROBEIRA

Importa perceber que a origem da *Ceratonia siliqua*, não é certa, devido ao seu intenso cultivo desde os tempos mais antigos (Batlle & Tous, 1997). No entanto é considerada uma árvore originária da Síria, que se expandiu por todo o Mediterrâneo, região onde se encontram as condições essenciais, para a sua existência e adaptação (Nascimento, n.d.). Historicamente terão sido os árabes que introduziram a cultura da alfarrobeira na Península Ibérica (Loução & Carvalho, 1989).

Os países da bacia do mediterrâneo são palco desde a antiguidade do cultivo desta espécie, que em certos lugares apresenta-se espontânea, acabando no entanto por evoluir devido à sua domesticação (Batlle & Tous, 1997).

A distribuição da alfarrobeira, apresenta uma história repleta de aventura. Há autores que consideram que a alfarroba foi espalhada pelos gregos da Grécia à Itália, posteriormente os árabes espalharam-na pela costa do norte de África, para leste de Espanha e daqui expandiu-se para sul de Portugal (Batlle & Tous, 1997). O povo espanhol acabou por levar esta espécie até ao México e Califórnia, e posteriormente os ingleses levaram-na para a Índia, Austrália, e África do Sul, locais com as características climáticas semelhantes às da região do mediterrâneo (Nascimento, n.d.).

Em Portugal, a alfarrobeira assume uma distribuição dispersa pelo país, porém é no Algarve que esta espécie marca maior presença e detém valor patrimonial, (Gonçalves,

2002)(Figura 1.7). Apenas o sul de Portugal e o Alto-Douro é que possibilitam a existência desta cultura, devido às particularidades climáticas destas regiões (Loução & Carvalho, 1989)

Porém, a distribuição geográfica da alfarrobeira está concentrada no Algarve, principalmente no Barrocal Algarvio, embora também surjam zonas de cultura menos intensa no Litoral, sendo que no Sotavento se reconhece a maioria do seu espaço ocupado do ponto de vista agrário por culturas arbustivas e arbóreas das quais se destaca a amendoeira, a figueira e a alfarrobeira (Cavaco, 1976).



Figura 1. 7. - Mapa da Carta da Distribuição das principais espécies lenhosas, pelo território português continental. Fonte: a partir da Carta de Barros Gomes (Guerreiro, 1991, p. 21). E a distribuição da alfarrobeira no Algarve. Fonte: em 1994 a partir da (AIDA, 2005).

Através da interpretação de cartas datadas e espaçadas no tempo procurou-se traçar de forma breve a evolução da ocupação do solo na região algarvia com destaque para a distribuição da alfarrobeira. Para este efeito, foi efetuada uma comparação entre uma carta de 1870 e outra de 1979, para se compreender como ocorreu a evolução da cultura de sequeiro, em especial da alfarrobeira.

Por um lado, a Carta Agrícola e Corográfica de Portugal de 1870, Figura 1.8., regista espacialmente uma grande diversidade de sistemas culturais e culturas agrícolas. Revela que na primeira metade do século XIX, ocorreu o auge da cultura cerealífera, com o predomínio da ocupação do solo. Para além do trigo, regista as principais áreas de

matos, de incultos, de pastagens naturais e "áreas florestais". Na proximidade dos aglomerados populacionais o uso do solo é dominado pelos sistemas agropecuários. Um detalhe a ter em consideração é o facto de a legenda da carta estar incompleta devido à falta de nitidez e perceção do seu conteúdo, motivo perfeitamente comum visto ser uma carta antiga (Arkeotavira, 2016).

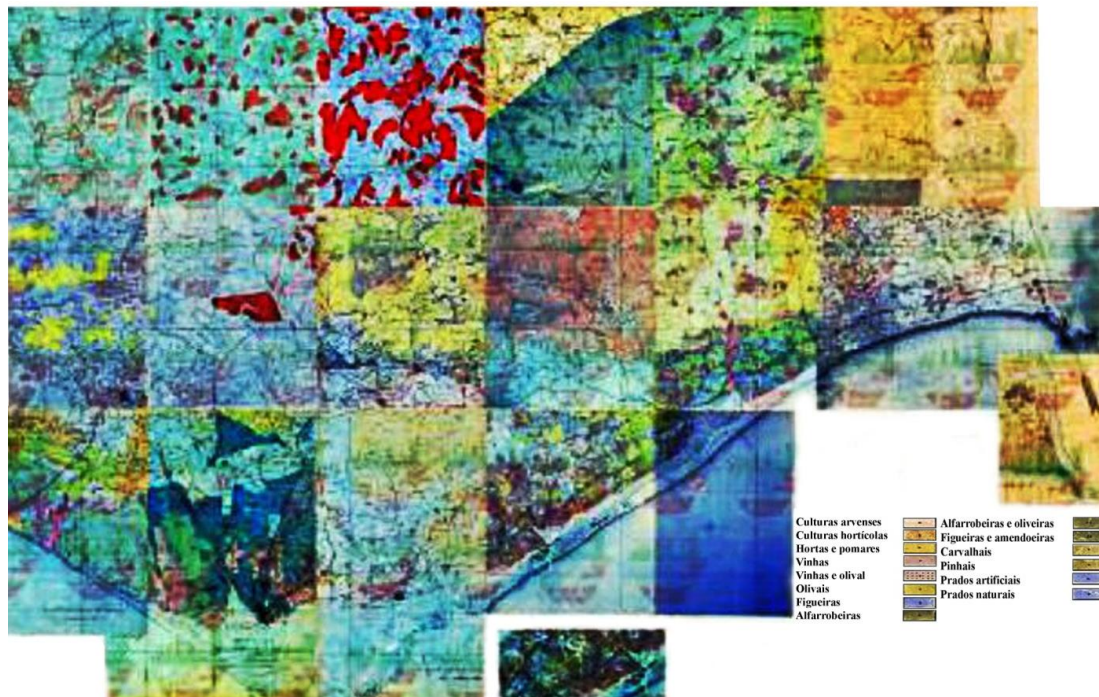


Figura 1. 8. - Carta Agrícola e Corográfica de Portugal- 1870, Mosaico das folhas do Algarve Central e Ocidental, escala 1:50 000, pelo autor Gerardo disponível em < <http://www.arkeotavira.com/Mapas/Pery/>>

Por outro lado, a Carta Agrícola e Florestal de 1979, Figura 1.9., mostra a ocupação do solo, a ampla área destinada à utilização agrícola, mais concretamente culturas arbóreas, expandindo-se pelo Barrocal e Litoral Algarvio, das quais fazem parte os pomares de sequeiro.

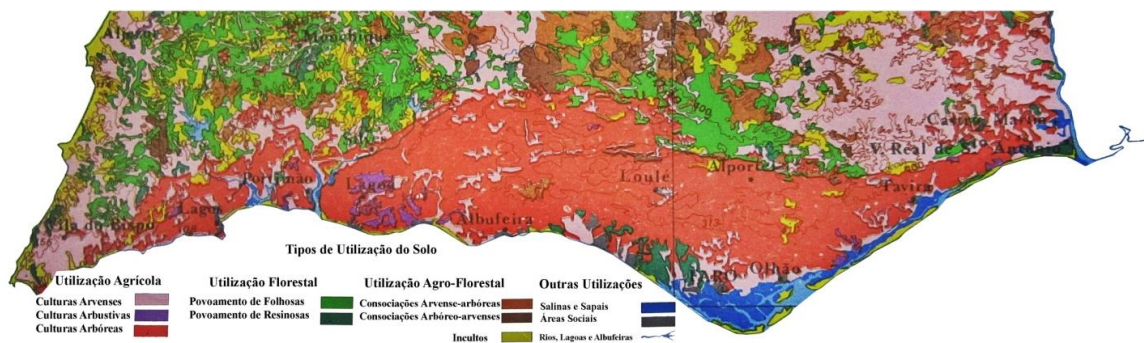


Figura 1. 9. - Carta Agrícola e Florestal: grandes grupos de utilização do solo. Fonte: (Atlas Ambiente, 1979).

Na descrição da legenda, a componente da utilização agrícola, inclui as culturas arvenses e as culturas de regadio (até mesmo o arroz), os prados, as pastagens e as culturas de sequeiro. As culturas arbustivas consideram unicamente as vinhas; já as culturas arbóreas incorporam pomares diversificados constituídos por pereiras, macieiras, cerejeiras, entre outros), e outras as fruteiras do pomar de sequeiro como a alfarrobeira, amendoeira, medronheiro, figueiras, e, maioritariamente a oliveira. Na utilização de carácter florestal os povoamentos de folhosas incluem material arbóreo como o sobreiro, eucalipto, carvalhos, acácias, azinheiras, bem como freixo, zambujeiros e choupos; os povoamentos de resinosas abrangem principalmente pinheiros mansos, bravos e silvestres. Já na utilização agroflorestal, as consociações arbóreas-arvenses e as arvenses-arbóreas, envolvem usos mistos, tanto no setor florestal, como no setor agrícola.

Perante o testemunho destas cartas, pode-se afirmar que em 1870, no Algarve as áreas abrangidas pelos pomares de sequeiro, nomeadamente alfarrobeira, localizam-se na proximidade de Faro e nos restantes concelhos, de S. Brás de Alportel, Olhão, Loulé e Tavira, embora estas áreas sejam pouco significativas pela área reduzida que ocupam. Em contrapartida o Algarve em 1979, apresenta uma mancha contínua de pomares de sequeiro que se expande desde do Barlavento ao Sotavento algarvio, entre eles os pomares de sequeiro, logo a alfarrobeira, com forte presença e expressão nos referidos municípios.

1.3. EVOLUÇÃO DA PAISAGEM ALGARVIA E DOS POMARES DE SEQUEIRO

Orlando Ribeiro (1987, p.83), descreve de forma inigualável o mundo mediterrâneo onde o Algarve se inscreve: "Um dos privilégios naturais do mundo mediterrâneo é o de poder, mesmo onde falta a terra arável, tirar do solo substâncias alimentares fundamentais ou preciosas, ministradas por uma vegetação arborescente cujas raízes levantam as pedras ou se inserem nas fendas da rocha", (Figura 1.10.).



Figura 1. 10. - Alfarrobeiras inseridas nas fendas das rochas e em solos pobres. Fonte: (Silveira, 2016).

A paisagem rural algarvia dominada pelo pomar de sequeiro que alterna com hortas, pomares de citrinos, vinha e matos entre aldeias e casas dispersas, põe em evidência as relações que o Homem, desde cedo, estabeleceu com a Natureza no sentido da sua utilização de modo a garantir a sua subsistência e mesmo, sobrevivência.

A alimentação é a base da vida, e desde sempre que o Homem teve de garantir a sua sobrevivência (Fernandes et al., 1975), através da exploração do território, o que por sua vez conduziu à construção e transformação da Paisagem. Se os ecossistemas naturais e a adaptação às suas leis representam o resultado dos modos de vida do Homem (Sales, 2015), é neste processo que a sua ligação à recolha, à caça e à pesca caracterizam as ações humanas mais remotas (Fernandes et al., 1975). O aparecimento do fogo foi uma conquista que resultou na domesticação dos animais e estimulou o sedentarismo (Fernandes et al., 1975), sendo que a disponibilidade de água, a vegetação e a alimentação, seriam os principais aspetos, que estavam por de trás das deslocções humanas. Associada ao sedentarismo a descoberta da semente está na base do início da agricultura que no mediterrâneo se liga à pastorícia enquanto atividades primordiais na transformação da paisagem (Alves et al., 1994).

Segundo Ribeiro Telles "após o caçador surge o pastor, e após este o agricultor. Com a agricultura sedentária surge a cidade. É primeiro um refúgio contra os animais selvagens, contra as pilhagens, defesa contra os outros agricultores e pastores que cobiçavam melhores terras" (1975, p. 76, cit em Sales, 2015).

Neste processo histórico, os povos da Bacia do Mediterrâneo difundiram por toda a região diferentes espécies vegetais e técnicas de cultivo. Todas estas influências, foram

o impulso que transformou a paisagem agrária, passando a conter plantações arbóreas e arbustivas como a amendoeira, oliveira e a vinha entre parcelas destinadas ao cultivo de cereais (Alves et al., 1994), entre as espécies de árvores cultivadas de "origem mediterrânea incontestável contam-se como as mais importantes a oliveira, a figueira e a alfarrobeira" (Ribeiro, 1991, p.7). Estas espécies integram juntamente com a amendoeira, em conjunto ou isoladamente, o pomar tradicional de sequeiro que integra a paisagem rural da região, uma paisagem resultante do passado numa imagem que é a representação própria registada pela evolução dos sistemas agrários, marcada por várias condicionantes no seu percurso, quer de ordem histórica, quer biofísica (Alves et al., 1994).

1.3.1. POMARES TRADICIONAIS E POMARES DE CARÁCTER INDUSTRIAL

O Algarve, reconhecido pela sua singularidade climática, revela as limitações relacionadas com o fator limitante desta região - a água, o que influencia por completo a produtividade agrícola, razão pela qual, os pomares tradicionais de sequeiro são considerados uma aposta ganha face à escassa disponibilidade de água para a rega (Carvalho, 1992). Perante um contexto de escassez de água, a produção agrária passa pela valorização da mesma, nas suas diversas vertentes embora com o incremento da plantação de espécies com características tolerantes à seca (Carvalho, 1992).

É importante entender que no decorrer do último século, houve uma sequência de evoluções respetivamente aos pomares tradicionais mistos de sequeiro no que respeita à sua expansão, manutenção, declínio e reconversão (DRRALG & GFS, 2005).

Na primeira década do século passado, em consequência de fatores como a desmatação, o aumento da produção de cereais, ocorrentes no barrocal algarvio, estimulam o aumento das áreas destinadas ao cultivo, culminando na expansão dos pomares de sequeiro (Carvalho & Madeira, 2000).

Nos anos seguintes, com a diminuição dos rendimentos das culturas anuais e a baixa produtividade devido às características destes solos, houve a necessidade de manutenção ligadas ao pomar. À posteriori fatores como a emigração, a perda de mão-de-obra contribuíram para o declínio do pomar tradicional de sequeiro.

Por fim, a figueira e a amendoeira apresentam baixa produção comparativamente a outros países, devido à elevada idade dos pomares. Em contrapartida a alfarrobeira e a oliveira têm maior longevidade, e maior capacidade de recuperação, em particular a alfarrobeira pela baixa necessidade de manutenção, pelo que assume um lugar de

relevante importância, bem como os seus produtos que lhe estão associados. Estes pormenores, fazem com que a alfarrobeira seja a escolha para os pomares em substituição das figueiras e amendoeiras. Perante este cenário, ocorre a reconversão do pomar de sequeiro, Figura 1.11., prevendo-se, que daqui a alguns anos ocorra a transformação para um pomar de carácter estreme onde reina a alfarrobeira (Carvalho & Madeira, 2000).

Esta previsão parece ter-se confirmado e atualmente há uma clara tendência para a plantação de novos pomares de alfarrobeira cuja presença marca e caracteriza cada vez mais a paisagem rural algarvia, perpetuando uma das espécies que historicamente mais contribuíram para a afirmação do seu carácter, fazendo parte hoje da memória cultural e da identidade da região.



Figura 1.11. - Alterações ocorridas no pomar de sequeiro numa perspetiva daqui a 10 anos, tendo em conta figueira e a alfarrobeira. Fonte: (Carvalho & Madeira, 2000, p. 11).

Aos olhos dos nossos dias, é evidente a crescente evolução dos pomares tradicionais de sequeiro, enquanto sistemas agrários e agrofloretais. Este reconhecimento prende-se com a combinação das espécies conjugadas nestes sistemas: as culturas lenhosas perenes, que tendem a ser árvores ou arbustos, e plantas herbáceas enquanto manto vegetal que cobre a superfície do solo que destinado aos animais permite a continuidade das interações ecológicas (Carvalho, 1992). Estes sistemas são considerados também como agropecuários, onde o gado é uma realidade que se envolve no aproveitamento das pastagens, culturas e desperdícios. Por outro lado, para o benefício e maior rendimento dos terrenos agrícolas, para além das culturas arbóreas de sequeiro, o solo era cultivado com culturas de sub-coberto.

O pomar tradicional de sequeiro pode-se definir "como uma cultura regular de árvores de fruto, normalmente alinhadas (...)" (Carvalho & Madeira, 2000, p. 9). De acordo com as estatísticas do INE, o povoamento de alfarrobeiras no Algarve atinge cerca

de 10. 183 hectares. No entanto a partir de um estudo efetuado pela AIDA em 1994, estipula-se cerca de 85.000 hectares, dos quais 12.000 hectares pertencem a "pomares puros" de alfarrobeira dedicada à produção, 13.000 hectares correspondem a antigos pomares de alfarrobeira que se encontram de momento dominados por mato, ou seja abandonados, e os restantes 60.000 hectares são relativos à alfarrobeira sob povoamento misto (DRRALG & GFS, 2005).

Por um lado, assistimos aos vários destinos dos produtos dos pomares tradicionais de sequeiro como o azeite produzido da oliveira através do seu fruto, a azeitona, enquanto a alfarroba, o figo e a amêndoa se dirigem para a industrialização/comercialização.

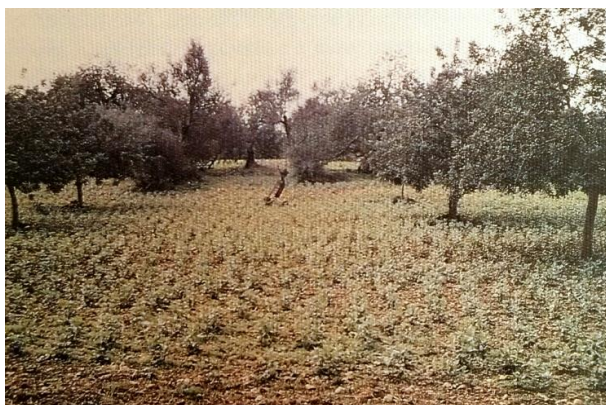


Figura 1. 12. - Pomar misto de sequeiro com cultura sob coberto.
Fonte: (Carvalho, 1992, p. 13).

Por outro lado, as culturas de rotação, leguminosas como a fava e o grão-de-bico, Figura 1.12., destinadas ao autoconsumo e os restos aproveitados pelos animais (Carvalho, 1992).

O tradicional pomar de sequeiro incorpora árvores fruteiras, resultado da conjugação dos elementos agrícolas, pastoris e florestais. Esta tipologia de pomar adquire uma forma característica expressa no alinhamento destas árvores a 15 metros de distância entre cada uma delas (Carvalho & Madeira, 2000). A geometria dos pomares traduz o rigor linear das árvores plantadas onde poderá surgir a disposição irregular de árvores espontâneas (Carvalho & Madeira, 2000). Os primordiais traços dominantes das paisagens da cultura de sequeiro estão aliadas quer à geometria mais ou menos regular dos pomares, quer às rotações bienais desde a utilização de leguminosas e trigo (Cavaco, 1976).

No Baixo Algarve pela influência dos solos calcários, o seu aproveitamento passa pela utilização dos pomares de sequeiro mistos. A designação de pomares mistos deve-se à sua constituição por espécies variadas tolerantes às condições edafo-climáticas características da região algarvia (Carvalho, 1992). O pomar de sequeiro misto é composto por quatro espécies "típicas": a figueira, a oliveira, a amendoeira e a alfarrobeira, porém não estão sempre representadas em todos os pomares (Carvalho & Madeira, 2000). No que diz respeito especificamente ao pomar de alfarrobeira, o seu

cultivo pode ser uma excelente escolha em regiões semi-áridas e subtropicais (Batlle & Tous, 1997).

Com efeito, entre os anos 30 e 70 do século XX o Barrocal Algarvio, retomou a produção agrícola, utilizando as alfarrobeiras pré-existentes e precedendo à plantação de novas (Carvalho & Madeira, 2000). Sendo que o pomar de sequeiro integra tanto a árvore espontânea como a árvore plantada.

Deve, no entanto, ser assumida a dimensão produtiva do pomar de sequeiro não só no contexto dos frutos secos, mas também para as leguminosas (ervilhas, grãos, fava, tremoços, entre outros), os cereais (aveia, trigo) e o pastoreio a estes associado, formado por cabras e ovelhas (Carvalho & Madeira, 2000)(Figura 1.13.).

Já afirmava Orlando Ribeiro (2010, p.31) " (...) na planície e no sopé dos cerros e dos relevos de xisto, amendoeiras, figueiras e alfarrobeiras cobrem o chão em tal quantidade que vistas de um ponto alto, parecem antes uma mata espontânea e densa do que uma cultura onde o homem intercala o cereal, as favas e as

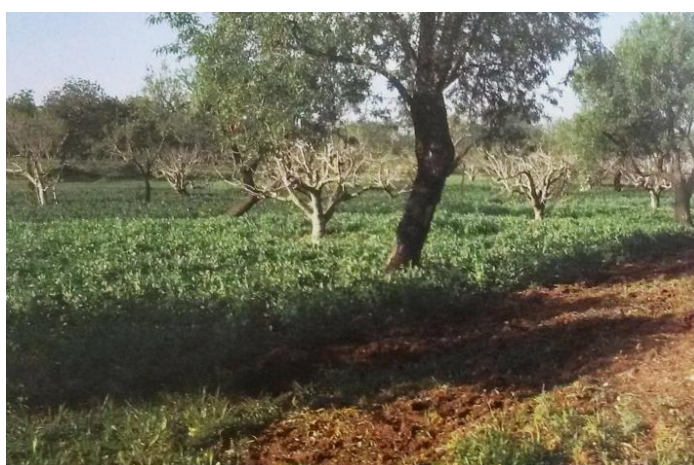


Figura 1. 13. - Paisagem de solo calcário vermelho mostrando utilização antiga com pomar tradicional de sequeiro com legumes e cereais de Inverno. Fonte: (Koop, Sobral, Soares, & Woerner, 1989, p. 109).

ervilhas" (Museu Municipal de Tavira, 2010, p. 31). O mosaico da paisagem varia de modo alternado entre os pomares tradicionais de sequeiro que se encontram abandonados ou estão a ser explorados (Abreu et al., 2004) e outros usos do solo. Um outro aspeto são os cenários em que se pode encontrar a alfarrobeira no Barrocal e Litoral em pomares mistos e em povoamentos de carácter espontâneo associados a outras espécies características desta região e, ainda, nos pomares estremes (Assunção, 1982).

Tal como o montado é característico do Alentejo, o pomar de sequeiro é o retrato ilustrativo do Barrocal algarvio, ambos são símbolos vivos das marcas culturais, que correspondem a " paisagens resultantes de formas ancestrais de utilização do território" (Museu Municipal de Tavira, 2010, p. 33). O Barrocal, pedregoso com tipologia de solos calcários, detém uma excelente aptidão agrícola, para o pomar tradicional de sequeiro. Este estabelece as relações entre as técnicas e saberes transmitidos de geração em geração, os usos do solo e as "propriedades" ao nível ecológico presentes no meio. No entanto o

crescimento económico e os aspetos evolutivos pertencentes aos sistemas agrários, tornam-se ameaças à manutenção das paisagens definidas como tradicionais de carácter rural. Estas paisagens assumem um valor sociocultural e ecológico elevado. No entanto a sua preservação é complexa, devido à visão adquirida por parte da sociedade pela associação do espaço rural à componente produtiva, exclusivamente (Museu Municipal de Tavira, 2010).

No que toca aos pomares de carácter industrial, naturalmente que a "arquitetura" dos pomares de alfarrobeira nos países do mediterrâneo apoia-se numa quadricula regular de 20x20 m ou 15x15 m perfazendo 25 a 45 árvores por hectare, podendo verificar-se a associação com outras espécies de sequeiro como a amendoeira, figueira e oliveira (Batlle & Tous, 1997).

Nos pomares modernos ou de carácter industrial ocorre a tendência de diminuição do espaçamento entre árvores devido à intensificação da produção, por exemplo, na costa do mediterrâneo, mais concretamente em solos pobres, as árvores são entre 100 a 175 por hectare com espaçamento de 9x9m e, mesmo, 7x8m (Batlle & Tous, 1997).

É essencial referir que no século XX, a alfarrobeira registou um crescimento relativo às plantações tradicionais com a plantação de pomares estromes (Partidário et al., 2014).

No Algarve, nos solos mais férteis a densidade deve ser 6x4m e 6x8m com a possibilidade de nestes novos pomares de alfarrobeira poderem associar-se outras espécies como o pessegueiro, amendoeira e até mesmo vegetais (Batlle & Tous, 1997)(Figura 1.14.).



Figura 1. 14. - Vista do pomar de alfarrobeiras, de um ponto mais alto. Fonte: (Silveira, 2016).

No entanto, o espaçamento normal entre as árvores do pomar de sequeiro, entre as quais as alfarrobeiras é de 10x10m (Correia et al., 2016).

Nos pomares modernos em que a produção poderá atingir cerca de nove a dez toneladas por hectare e o compasso de plantação varia de acordo com o tipo de solo, sendo que nos terrenos férteis o compasso de plantação deve ser de 8x6m ou ainda de 9x6m, o que equivale a 185 a 208 árvores por hectare, em contrapartida nos solos pobres o compasso diminui para 7x6m e aumenta o número de árvores sendo cerca de 238 árvores por hectare (Costa, 2009).

1.3.2. O POMAR DE ALFARROBEIRA E A ALFARROBA: TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

Desde sempre, a conexão entre o homem e a paisagem compreende desafios que foram ultrapassados para ele próprio conseguir evoluir e sobreviver, sendo que a transformação ao longo da história, trouxe a cada lugar particularidades únicas e inconfundíveis que lhe determinam o carácter e a identidade. Na base da construção e evolução da paisagem tradicional encontra-se conhecimentos e saberes antigos que passam de geração em geração. No âmbito da cultura da alfarrobeira no Algarve ainda persiste uma forte ligação das pessoas com a cultura embora corra risco de se tornar cada vez mais débil. Entre as técnicas e os saberes a ela associados considera-se a colheita da alfarrobeira que é efetuada pelo método tradicional no período compreendido entre Agosto e Setembro/Outubro, sendo a deste árduo trabalho pelos homens e mulheres de acordo com o grau de dificuldade (Loução & Carvalho, 1989).

O modo tradicional da colheita dos frutos é iniciado pelo "varejo" realizado pelos homens, (Figura 1.15) que através de varas compridas e finas provocam a queda dos frutos para o solo. Porém, as árvores grandes, mais antigas e desenvolvidas, levam os "varejadores" a subir para poderem atingir os frutos que se localizam no topo da copa. Após a queda dos frutos as mulheres iniciam a apanha para dentro de canastras, atualmente



Figura 1. 15. - Vista do pomar de alfarrobeiras, de um ponto mais alto. Fonte: (Silveira, 2016).

substituídas por baldes praticamente em desuso, com a finalidade de despejo para o interior do carro de mula (Loução & Carvalho, 1989), depois de ter sido substituído pelo trator.

A apanha desenvolve-se, no solo pelas mulheres que se colocam de joelhos no chão e efetuam a apanha com as duas mãos (Loução & Carvalho, 1989) (Figura 1.16.).

Completado todo o processo da apanha, a alfarroba é transportada para um armazém onde, permanece até ser vendida. O local confinado ao armazenamento deve promover ventilação e manter-se seco. Após a venda é separada a polpa da semente. Se antes, a colheita era desenvolvida com o auxílio de familiares e vizinhos (Loução & Carvalho, 1989), atualmente recorre-se à mão-de-obra de jornaleiros pagos à semana. O rendimento da apanha está relacionado às condições existentes na árvore. Muitas vezes associado à baixa densidade da árvore e ao pouco rendimento (Fortuna, 1951).



Figura 1. 16. - Senhoras dão início à apanha da alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016).

O processo de colheita termina com a adiafa, evento de confraternização que reúne patrões e trabalhadores no último dia da apanha, à volta de uma mesa com o intuito de comemorar mais uma campanha de apanha da alfarroba. A colheita deste fruto seco, irá permitir após a sua transformação uma série de utilizações.

Em termos históricos a alfarrobeira é considerada como uma das árvores nativas do Mediterrâneo cujo fruto maiores possibilidades de utilizações oferece (Batlle & Tous, 1997).

"A alfarroba na antiguidade era considerada como produto nutritivo e saudável, de tal maneira que os sábios romanos, como Dioscórides e Plínio (Séc. d.C.) celebraram as suas propriedades farmacêuticas e os árabes reputavam-na soberana por a partir dela se obter em diversas curas" (Soares, 1948, pp.25, cit. in Fortuna,1951).

Ao recuarmos na história verifica-se a utilização da alfarroba já por parte do povo egípcio no seu quotidiano, tanto a casca para produzir "vinho" e para tingir couros, como as sementes na elaboração de colares decorativos e rosários (Ribeiro, 1980, in Loução, Carvalho, 1989). Também os mercadores utilizavam as sementes como elemento para avaliar joias, o que levou à origem da palavra "kilat" (Loução & Carvalho, 1989). A sua utilidade na região mediterrânica é assinalada desde há milhares de anos (Partidário et al., 2014), tendo desempenhado uma função essencial quer para a alimentação do gado, quer quando havia escassez de alimentos era também uma componente importante na alimentação humana (Gonçalves, 2002). Esta era de fato uma das opções a que as pessoas pobres recorriam, ingerindo-a torrada ou em chás (Fortuna, 1951). Historicamente desde tempos imemorráveis, tendo sido recuperada com grande êxito nos últimos anos a alfarroba faz parte da dieta mediterrânea. Este modo alimentar está inscrito como património cultural imaterial da Humanidade pela UNESCO. A alfarroba destina-se à trituração, constituída por cerca de 90% de polpa e 10% de semente, originando produtos diferentes, como podemos constatar através do seguinte esquema, (Figura 1.17.).

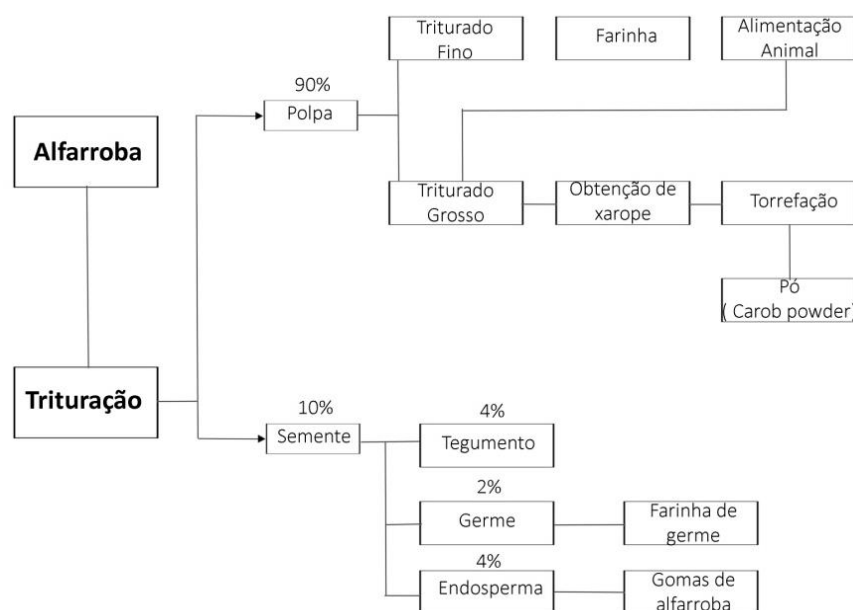


Figura 1. 17. - Esquema sobre os processos de industrialização da alfarroba. Fonte: (Carvalho & Madeira, 2000, p. 21).

A alfarroba é composta pela polpa que apresenta cerca de 2-5% de teor proteico e 40-50% de açúcar, é utilizada em farinhas torradas, aguardentes e licores, "barritas alimentares", chocolates, produção de xaropes, compotas, enriquecendo a área da pastelaria e confeitaria (Loução, Carvalho, 1989). Para além destas utilizações a polpa é também aproveitada como substrato em viveiros de plantas e a sua casca para corretivos

orgânicos na agricultura (Loução, Carvalho, 1989). Também o açúcar constituinte da polpa da alfarroba faz parte da dieta alimentar dos animais domésticos (Batlle & Tous, 1997). Dentro destas várias utilizações está disponível no Anexo IV, alguns exemplos em imagens.

Atualmente a parte principal da alfarroba que é utilizada é a semente, com a finalidade de extração da goma (Batlle & Tous, 1997)(Figura 1.18).



Figura 1. 18 - Sementes e polpa de alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016).

Que é utilizada como emulsionante e espessante, ou seja, ajuda a engrossar e estabilizar na confecção de produtos na indústria alimentar (Monteiro, 2001). Compreende-se, então, que a polpa após moída e transformada num pó fino é utilizada pela componente nutricional humana. Através da (Figura 1.19.), deparamo-nos com o mecanismo de uma máquina de triturar a alfarroba. O pó resultante da trituração é constituído por 7% de proteína e 46% de açúcar, minerais e vitaminas, podendo ser aplicado em bolos, pão, doces, gelados, bebidas, apresentando vantagens sobre o chocolate com menor quantidade de cafeína e menos calorias, sendo que no que toca ao paladar é menos rico do que o chocolate negro, muito semelhante ao chocolate de leite (Batlle & Tous, 1997). A proteína da alfarroba tem semelhanças ao glúten, porém apresenta diferenças

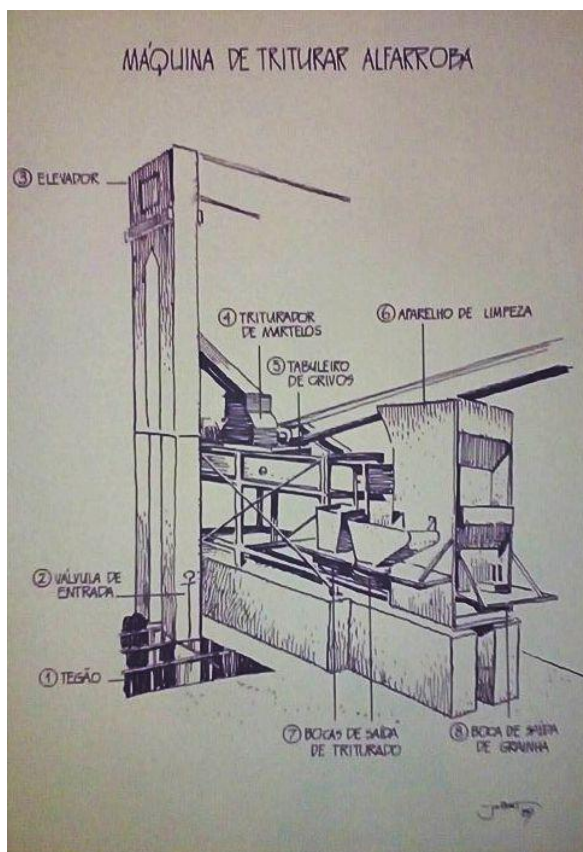


Figura 1. 19 - Esquema de uma máquina de ma máquina de triturar alfarroba, do Polo Museológico dos Frutos Secos. Fonte: (Silveira, 2016).

relativamente ao glúten de trigo, descoberta que futuramente poderá ser uma mais valia no que respeita à utilização de aditivos sem glúten (Correia et al., 2016).

Nos dias de hoje a alfarroba é vista como um fruto com bastantes potencialidades ligadas não só à gastronomia, como na aplicação da indústria farmacêutica para a produção de medicamentos, o que faz com que neste momento apresenta uma elevada importância (Loução, Carvalho, 1989).

Neste âmbito, de acordo com os dados do INE, a alfarrobeira detém um significativo interesse e valor económico, sendo a espécie mais importante economicamente do pomar de sequeiro (Carvalho & Madeira, 2000).

Importa entender que os principais produtores e exportadores de alfarroba ao nível mundial de acordo com a FAO, em 2007 eram: " Espanha, Itália, Portugal, Marrocos, Grécia e Turquia" (Cabecinha, 2007, p. 7). Por sua vez, a nível nacional é de salientar que as maiores áreas de produção se encontram no Algarve pertencendo aos concelhos de Loulé, S. Brás de Alportel, Albufeira, Tavira, Olhão e Faro (Cabecinha, 2007), e cuja produtividade pode atingir cerca de 85%. (Carvalho & Madeira, 2000). Estes valores contribuem para que a nível mundial Portugal ocupe o terceiro lugar como produtor (Tabela 1.1) (Anastácio, 2000).

Tabela 1. 1. - Os três países produtores de alfarroba Fonte: de Graça 1994 (Cabecinha, 2007, p. 1).

| Principais Produtores | Produção % |
|-----------------------|------------|
| Espanha | 40.8% |
| Itália | 15.3% |
| Portugal | 14.1% |

Digamos que a produção a nível mundial é de cerca de 310 000 toneladas por ano, retirado de cerca de 200 000 hectares, variando o rendimento de acordo com as práticas agrícolas, com a região e com os processos de cultivo (Batlle & Tous, 1997). Onde Portugal produz cerca de 35 000 kg da alfarroba por ano (Correia et al., 2016).

Ao longo do século XX a alfarrobeira, revelou crescimento, sendo que os principais pomares correspondem a este século, apoiando-se no fato do preço da alfarroba ter aumentado e contribuído para o acréscimo das exportações, (Figura 1.20). Face a este cenário o Algarve foi-se transformando no principal produtor de alfarroba a nível nacional (Covas et al., 2015).

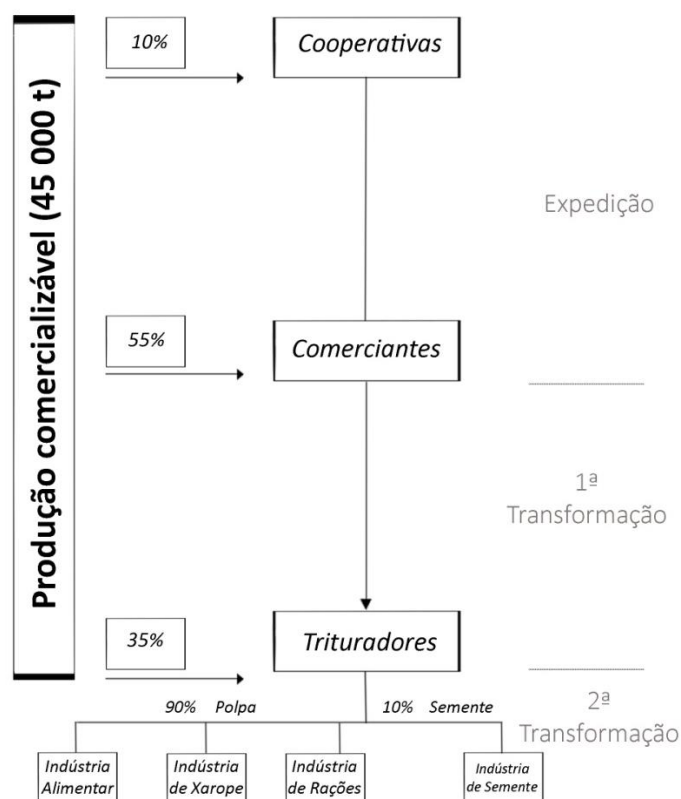


Figura 1. 20 - Esquema sobre a comercialização da alfarroba em Portugal.
 Fonte: (Carvalho & Madeira, 2000, p. 20).

O Algarve corresponde no nosso país à região turística por excelência e a sua paisagem tradicional que inclui os pomares de alfarrobeira (componente dos pomares de sequeiro) é parte integrante do património cultural algarvio que tem na dieta mediterrânica a sua expressão mais universal. Neste sentido, a paisagem, o património e o turismo constituem elementos que se articulam e cuja a inter-relação o Roteiro da Alfarroba no Algarve poderá pôr em evidência.

Pelo que é importante, neste momento, definir aqueles conceitos entendendo-os como as pedras-basilares que irão sustentar a proposta de roteiro que se apresenta no presente trabalho.

2. PAISAGEM, PATRIMÓNIO E TURISMO

Para entender a paisagem onde o roteiro se enquadra as tipologias de património e turismo é necessário ter presentes alguns conceitos. Estes conceitos interligados formam um todo determinante para o Roteiro da Alfarroba. A paisagem onde o roteiro se insere contém uma variedade de património material e imaterial como um meio de segmentos turísticos.

2.1. O CONCEITO DE PAISAGEM E A PAISAGEM ENQUANTO PATRIMÓNIO

Desde os traçados mais primordiais do Renascimento, mais concretamente a partir do século XVI, a paisagem rural assume um papel central, enquanto tema para a execução das obras pictóricas, e eleva-se até aos patamares dedicados ao espaço de recreio, lazer, um refúgio à rotina (Magalhães, 2001).

A paisagem surge então, da relação entre o observador e o que está a ser observado e dá sinais, estes expressos em quadros, que continham como base a representação da natureza terrestre (Serrão, 2012), e terá surgido da Natureza através de uma interpretação artística (Alves et al., 1994). É importante chamar a atenção que, no entanto, " atualmente, a paisagem alargou a sua primitiva e limitada consideração estética a uma interpretação mais larga que abrange também a sua história, os aspetos biológicos e físicos que a informam e as sociedades e culturas que a modelam, transformam e lhe dão a imagem do espaço físico e biológico em que vivemos, é também no seu sentido mais lato, o reflexo do território da vida e cultura duma comunidade" (Alves et al., 1994, p. 31).

As paisagens, no geral, acabam por transmitir ao ser humano uma atmosfera, um estado de alma resultante do conjunto de relações, que advêm das plantas, das cores, das combinações geológicas, da diversidade visual são o bombear vital do equilíbrio ecossistémico para o qual é essencial não quebrar a dinâmica entre os indivíduos (Serrão, 2012).

Apesar da definição de paisagem se demonstrar subjetiva, pode ser definida como "uma parte tangível da terra definida pela relação e interação de diversos fatores: solo, relevo, água, clima, flora, fauna e homem. Dentro de uma determinada unidade de paisagem, esses fenómenos dão origem a um padrão resultante da combinação de aspetos naturais, culturais, históricos, funcionais e visuais. A paisagem pode ser considerada como um reflexo da atitude da comunidade ao seu natural e da forma como age sobre este ambiente" (Serrão, 2012, p. 258).

É, neste sentido, que aponta a Convenção Europeia da Paisagem, (CEP), 2000, Art.1º) que define a paisagem como "uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da ação e da interação de fatores naturais e/ou humanos". Face a esta definição a Convenção revela a multiplicidade associada à paisagem que desempenha funções em vários domínios como cultural, ambiental, social, ecológico e económico. Neste âmbito, a paisagem elege a cultura e a componente natural como

componentes contribuidoras de formação das populações e para o aumento da sua qualidade de vida (Correia, Lewes, Santana, & Santos, 2009).

Se a paisagem "é uma unidade que incorpora os princípios ecológicos, estéticos e a geografia numa ação reação, por parte do homem e da natureza que dá a sua resposta perante as suas intervenções" (Figueiredo, 1996b, p. 1870), então as paisagens deveriam ser consideradas "não apenas em função da sua aparência ou da sua conformação, mas também de acordo com a sua maneira de satisfazer as necessidades elementares, como a de partilhar um país, uma cidade, um bairro. Sendo que, uma paisagem associa-se diretamente quer à evolução, constante dinamismo à continuidade dos processos naturais incentivados por este sistema vivo, quer aos itens culturais, atributo da presença humana, e, neste sentido, é considerada um testemunho histórico (Pimenta & Figueiredo, 2014).

Também para Ilídio de Araújo o vocábulo paisagem "traduz a entidade constituída pelo conjunto de elementos visíveis ou sensíveis (pelo sistema sensorial humano) que integram e caracterizam um país" (Alves et al., 1994, p. 123), da mesma forma Caldeira Cabral afirma que a " Paisagem é a figuração da biosfera e resulta da ação complexa do homem e de todos os seres vivos - plantas e animais- em equilíbrio com os fatores físicos do ambiente. A paisagem é aqui entendida como um fenómeno arquitetónico, no qual o homem intervém, num substrato físico, a par com os outros seres vivos" (Magalhães, 2001, p. 52).

Os processos de transformação que a paisagem foi atravessando ao longo dos anos, evidenciados não apenas pela intervenção humana, mas pelas ocorrências naturais (Gameiro, 2012) conferem ao território português a presença de uma paisagem humanizada que de acordo com Idílio de Araújo considera "começou a ser modelado apenas há cerca de 6000 anos..." (Gameiro, 2012, p. 2).

Razão pela qual, a paisagem de hoje é um produto do passado, ela constitui-se como um registo de memória coletiva (Alves et al., 1994). Enquanto produto do passado a paisagem reflete a evolução temporal, social, estética e natural transparecendo uma complexidade que abrange aspetos culturais, associados à cultura nela inscrita, o que faz dela um produto cultural (Batista, 2009). Mas a paisagem não projeta apenas o reflexo social, mental e cultural também exprime a dimensão material (Cardoso & Tavares, 2013) e imaterial associadas à sua dimensão patrimonial e identitária, tendo começado a ser considerada património na segunda metade do século XX (Batista, 2009).

Os conceitos de paisagem e património inter-relacionam-se, pois quando se preserva uma paisagem, ao mesmo tempo preserva-se a cultura, a história, os elementos

ecológicos e biofísicos nelas existentes, ambos são património. O património está integrado na paisagem (Abreu et al., 2011).

A paisagem enquanto património associa-se diretamente aos elementos naturais, culturais e antropogénicos na contribuição de uma perceção mais clara do território, uma vez que estes elementos vão conceder um carácter a cada paisagem, tornando cada lugar único, identitário (Pimenta & Figueiredo, 2014). Assim a paisagem atual incorpora as valências históricas, sociais, ambientais e culturais que caracterizam tanto a sua história natural como cultural, sendo que esta continuidade envolve não apenas a componente natural mas também as interações entre o espaço físico e a sociedade (Pimenta & Figueiredo, 2014).

A paisagem enquanto património passa, então, pela promoção das intervenções humanas, vincadas no tempo, cujas singularidades de diversos âmbitos: natural, social, estético, cultural e patrimonial, constituem as bases da própria identidade da paisagem. Nesta perspetiva a paisagem de cada região é o fruto do somatório de valores patrimoniais, rurais, naturais e antrópicos (Batista, 2009).

2.1.1. PAISAGEM CULTURAL

A paisagem cultural enquanto conceito tem-se vindo a consolidar pela esfera da preservação do património no final do século XIX, início do século XX. Este conceito foi introduzido e teve evolução por parte de geógrafos de nacionalidade alemã, contudo apenas passados 100 anos é que veio a contribuir para a valorização dos bens culturais e naturais, através da UNESCO, que em 1992, redefine a Paisagem Cultural de modo mais sólido e coeso com a finalidade de representar os valores patrimoniais que marcam as ligações entre o meio ambiente e o homem (Pimenta & Figueiredo, 2014), atribuindo deste modo às componentes naturais e culturais e às materiais e imateriais.

Neste sentido, a paisagem cultural é o somatório dos registos e das atividades humanas apresentando os valores simbólicos e históricos vincados no território, sendo encarada pela UNESCO como uma forma de preservar culturas tradicionais, e entendida como o pilar para o desenvolvimento e salvaguarda da história e cultura de um povo (Pimenta & Figueiredo, 2014).

Assim sendo, podemos considerar que a "paisagem, entendida esta como uma realidade ecológica, corporizada fisicamente num espaço que se poderia chamar natural (se considerado antes de qualquer intervenção humana), no qual se inscreveram os

elementos e as estruturas construídas pelos homens, com determinada cultura, designada também por Paisagem Cultural" (Magalhães, 2001, p. 50).

Se de acordo com Saeur, um geógrafo americano, a paisagem cultural é distinguida pela componente social que está presente num determinado território através da emigração e do abandono do espaço rural direcionam para o desaparecimento de algumas paisagens culturais, o que nos leva a pensar que o conceito de paisagem cultural esboça uma sociedade evoluída, no esfolhear do tempo, articulada aos fatores culturais, sociais e económicos (Serrão, 2012). Para Caldeira Cabral, face aos bens culturais antigos " é nossa missão tomá-los e fazer com eles uma melodia- a nova paisagem. Esta melodia é um movimento e a música só pode existir se o que estamos a fazer agora for a sequência do que precedem. Somos dos mais bem preparados para tomar esses velhos valores e encontrar para eles um novo uso, um futuro para o passado, na paisagem em mudança" (Magalhães, 2001, p. 61).

O carácter cultural da paisagem está diretamente ligado à memória coletiva e à identidade de cada paisagem, povo e região pelo que, as paisagens culturais, adquirem de maneira direta ou indireta um carácter que determina uma cultura, sofrendo de modo direto ou não transformações por parte do ser humano (Batista, 2009).

2.1.2. A PAISAGEM DO BAIXO ALGARVE

O Algarve face à sua posição geográfica detém forte identidade que o torna inconfundível no território português. A paisagem algarvia, em que a secura é um dos seus atributos (Guerreiro, 1991) exprime as diversas condições ambientais, vinculadas em vários fatores, mas maioritariamente pela geologia e pelos e pelos solos que caracterizam os diversos relevos (Covas et al., 2015), mas também pelos fatores humanos associados ao povoamento e às culturas agrícolas. A paisagem associada ao roteiro da alfarroba, caracteriza o Baixo Algarve que compreende o Barrocal e a Serra, enquanto sub-região fundamentalmente agrícola, embora a urbanização relacionada com o turismo, se torne cada vez mais evidente. Contudo, a paisagem do Baixo Algarve está aliada ao espaço rural, onde subsiste a produção agrícola e os campos de alfarrobeiras (Alves et al., 1994) (Figura 2.1).



Figura 2. 1. - Pomar misto de sequeiro, com amendoeira, alfarrobeira e figueira. Fonte: (Silveira, 2016).

Estes campos de alfarrobeiras são muitas vezes mistos, contêm para além da alfarrobeira outras culturas de sequeiro como a oliveira - *Olea europaea*, (Figura 2.2), figueira - *Ficus carica*, (Figura 2.3), e amendoeira - *Prunus dulcis*, (Figura 2.4). Esta ocorrência deve-se à menor longevidade da amendoeira e da oliveira, prevendo-se que num futuro próximo as áreas abrangidas por estas culturas sejam reconvertidas em alfarrobeiras (Abreu et al., 2004).



Figura 2. 3. - *Olea europaea*.
Fonte: (Silveira, 2016).



Figura 2. 2 - *Ficus carica*.
Fonte: (Silveira, 2016).



Figura 2. 4. - *Prunus dulcis*.
Fonte: (Silveira, 2016).

Numa descrição de Sant'Ana Dionísio de 1927 já se dá conta de uma paisagem caracteristicamente mediterrânica: " O viajante ao dar entrada nas terras algarvias é impressionado pela realidade das paisagens, o arvoredo agrafado ao solo, as oliveiras, as alfarrobeiras, as amendoeiras e as figueiras formam autênticas áreas de pomar e bosques." "culturas de searas, vinha, hortas e pomares" (Dionísio, 1927, p. 198).

Ou numa visita ao Algarve no século XIX o território é descrito da seguinte maneira: "A arborização é variada, sobressaindo a folhagem clara da amendoeira da cor sombria do olival. As folhas sedosas da bela alfarrobeira contrastam vantajosamente com as folhas afiladas das outras árvores..." (Mesquita, 1986, p. 48).

Esta paisagem ostenta um relevo considerado pouco movimento a plano, salientam-se algumas oscilações no que respeita à altimetria, em que a tipologia de solo é argiloso, com formações calcárias e arenosas (Abreu et al., 2004). No contexto vegetal, existem espécies que são pouco frequentes noutras zonas de Portugal, destacando-se a palmeira-anã (*Chamaerops humilis*) e a alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*). Por um lado, a alfarrobeira é parte constituinte dos pomares de sequeiro. As alfarrobeiras estão estreitamente ligadas à paisagem cultural, que naturalmente adquiriu um desenho identitário onde se integram as estruturas agrárias, onde se aplica a inovação ao nível técnico e cultural (Cavaco, 1976). Por outro lado, em contraste com os pomares e as culturas de sequeiro os citrinos e as hortas são elementos dos pomares tradicionais de regadio, que alternando uns e outros originam um mosaico paisagístico bastante característico. As zonas de relevo levemente movimentado dão lugar aos matos organizados em carrascais destacando-se na flora pioneira do Barrocal Algarvio o *Quercus coccifera* e a *Pistacia lentiscus* (Carvalho, 1992).

Seguramente que o uso do solo aqui praticado anuncia o sentido cultural dos tradicionais e valorosos pomares de sequeiro encaixados nos vestígios dos muros de pedra ou socalcos, que determinam a identidade da paisagem do Barrocal. Os socalcos suportam as culturas dependente do relevo plano, enquanto a pedra confere posição marcante na paisagem (Ribeiro, 1967). Nas áreas do interior o povoamento é disperso e linear, situando-se ao longo das estradas, enquanto que junto à faixa costeira encontra-se uma intensa ocupação urbana (Abreu et al., 2004) e o povoamento rural é misto com a presença de aldeias e casais ou montes dispersos no espaço agrícola, sendo que a gente que vive no campo expressa na generalidade, o gosto e a dedicação pelo cultivo das áreas agrícolas (Cavaco, 1976). Se o povo algarvio é interessado, vivaz e conhecedor dos saberes populares (Dionísio, 1927), a atividade agrícola reafirma a própria ocupação dos tempos livres dos agricultores de onde se destaca a cultura da alfarrobeira (Guerreiro, 1991).

As unidades de paisagem que serão abrangidas pelo roteiro da alfarrobeira são: a unidade de paisagem 125- Barrocal Algarvio, onde se incorpora, S. Brás de Alportel, e a unidade de paisagem 126 - Litoral do Centro Algarvio, que integra Loulé, e a unidade 127-Ria Formosa, a pertence Faro, Tavira e Olhão, considerando o estudo de Cancela d'Abreu de 2004, Figura 2.5.

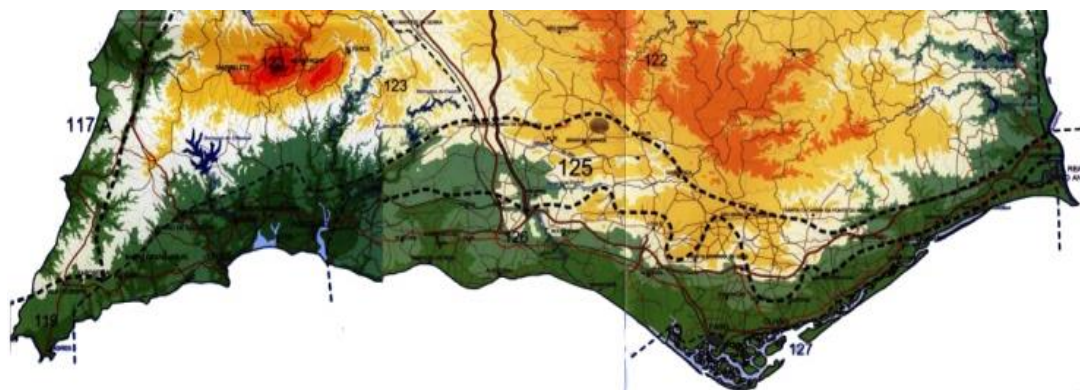


Figura 2. 5. - Carta de Unidade de Paisagem (Extrato), com a área de estudo. Fonte: (Abreu et al., 2004).

As unidades de paisagem existentes no Algarve refletem as distintas ocupações culturais e variações ambientais, que por sua vez, originam diferentes produtos integrados na dieta da população algarvia (Partidário et al., 2014).

Embora a Serra denote a fraca presença da alfarrobeira, alfarroba e o roteiro da alfarroba proposto, não incida sobre o seu território, é essencial entender os processos ocorrentes na Serra para uma melhor clareza da percepção da paisagem do Barrocal e do Litoral Algarvio (onde se integra a Ria Formosa). Encarando, assim, o território algarvio como um todo, em que as partes estabelecem relações com a sua envolvente, no que se refere à Serra, a sua formação rochosa e a natureza dos solos xistosos, assumem a impermeabilidade, resultando num escoamento superficial em direção ao Barrocal. A Serra, representada pelas montanhas de xistos, contrasta com a base calcária, do Barrocal e a planície estreita a sul definida de Litoral (Covas et al., 2015), sendo que o Barrocal, invocado pela característica do solo calcário com capacidade de absorção de água (alguma dela escorre pelos xistos da Serra), abastece os aquíferos (Fortuna, 1951). Esta zona de transição entre a Serra e o Litoral assume um papel essencial enquanto reserva natural de uma flora típica, onde a alfarrobeira assume uma posição destaque, não apenas em termos económicos com um futuro promissor, mas também ao nível ecológico e paisagístico.

O Barrocal é constituído por uma agricultura de sequeiro e de regadio, apresentando uma tipologia de solos vermelhos carbonatados onde emergem formações

calcárias e surgem os muros de pedra que suportam os pomares de sequeiro. A flora do barrocal passa essencialmente pelo predomínio da azinheira, onde ocorreu a sua substituição pelo pomar tradicional de sequeiro, oliveira (*Olea europaea*), amendoeira (*Prunus dulcis*), figueira (*Ficus carica*) e alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*) e no que trata ao regadio, os citrinos e as hortas. Os pomares de sequeiro constituem um mosaico paisagístico particular do Barrocal, marcado pelo povoamento ao longo das estradas adquirindo uma configuração linear (Abreu et al., 2004).

Se por um lado o Barrocal representa uma atividade agrícola extensiva, por outro lado o Litoral define-se pelos pomares e culturas hortícolas intensivas (Fortuna, 1951). No final do século XVI, o homem ocupou intensivamente o Barrocal, para aumentar a quantidade de oliveiras e alfarrobeiras (Covas et al., 2015), sendo que a partir de então as áreas pouco acessíveis tendem a continuar a crescente despromoção pelo abandono da apanha e a crescente invasão dos matos (Fortuna, 1951). Se a paisagem do Barrocal se caracteriza pelo pomar tradicional de sequeiro, composto por oliveiras, figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras, que se detinham ao encontrar os primeiros xistos da Serra, a que não sobem, a agricultura, que nele se pratica encontra-se ligada à produção de frutos secos como o figo, a amêndoa e a alfarroba. Com efeito, no Barrocal é a alfarrobeira que abrange a maior área de produção (INIC, 1989), embora também "se semeava pão, aproveitando os espaços livres entre as árvores- os campos intercalares" (Magalhães, 1970 cit em Covas et al, 2015, p.220). Ainda no Barrocal, são nítidas as parcelas de hortas e pomares de citrinos, localizadas particularmente junto aos aglomerados, onde a água é retirada por picotas ou através de noras, e depois encaminhada para um tanque, para a posterior distribuição pelo aquedutos ou canais (Abreu et al., 2004).

Apesar do Barrocal ser associado à *secura*, são importantes os seus cursos de água como o rio Arade, que constitui um ecossistema complexo para preservação de espécies como a lontra e a boga-portuguesa, a ribeira de Algibre e a ribeira de Alte entre outros. Historicamente, no Baixo Algarve, a produção agrícola tornou-se mais intensa com a finalidade de melhorar a procura relativa aos produtos mais importantes exportados como o azeite, o figo, as passas da uva e a alfarroba (Museu Municipal de Tavira, 2010) a partir de " uma paisagem de carácter mediterrâneo, produto da natureza e produto da história" (Museu Municipal de Tavira, 2010, p. 30).

Por sua vez, o Litoral visto a partir do mar mostra a sua mancha verde, do material vegetal de tonalidade uniforme e suave e expõe a maior ocupação do território por sapais, zonas salgadas que refletem em si o modo como as marés invadem o espaço num recuar

e esticar de onda, destacando-se da sua paisagem as hortas, os pomares, as chaminés estreitas, as noras das herdades e as figueiras da índia como elementos de compartimentação (Dionísio, 1927). No Inverno o Litoral, descreve a beleza das amendoeiras em flor nos meses de janeiro a março, cobrindo os terrenos com bosques cor-de-rosa. que contrastam com as figueiras que transmitem o frio e a perceção sem folhas (Dionísio, 1927). No entanto, no Litoral a paisagem alterna entre o pomar de regadio e o pomar de sequeiro (Covas et al., 2015), uma paisagem com pontuação de árvores como a alfarrobeira, amendoeira, figueira, que teimam em sobreviver entre áreas expectantes e degradadas pela urbanização, pelos campos-de-golfe e a agroquímica (Abreu et al., 2004).

A faixa litoral é marcada uma forte aposta no setor do turismo, que surge devido às condições bioclimáticas muito favoráveis (sol e praia), em que se realça a riqueza biológica e interesse paisagístico. A economia do Algarve roda em torno do turismo balnear, verificando-se a conseqüente desvalorização das produções agrícolas, e o abandono de áreas agrícolas.

Ambas as zonas do interior e faixa litoral pelas suas diferenças revelam uma abundância de sensações, dominadas pelas variações cromáticas associadas aos tons dos afloramentos rochosos, cores quentes dos solos e as tonalidades barrentas características do Barrocal, o verde do coberto vegetal que contrastam com o branco dos aglomerados urbanos marcantes do Litoral e a proximidade do mar. O Litoral, por outro lado provoca sensações de desorganização dadas pela presença de espaços degradados e o ambiente caótico do meio urbano, em contraste em contraste com a beleza paisagística transmitida pelo mar, as falésias e as dunas.

No entanto, tanto a faixa litoral como o Barrocal pela riqueza aquífera e o reconhecimento de identidade das suas paisagens marcadas pelo seu carácter agrícola embora em risco de perda de especificidades e qualidades intrínsecas à sua história natural e cultural que pressupõe uma potencialidade para a economia da região, associando as atividades tradicionais como a agricultura e a perda de turismo cultural. O agricultor herdou do passado as ferramentas, com um tom de admiração que conta a história de uma agricultura típica e distinta (INIC, 1989).

Os saberes e técnicas tradicionais e o saber-fazer antigo dos agricultores poderão constituir uma mais valia numa região turística como o Algarve que deverá tirar partido das suas paisagens culturais enquanto legado histórico a integrar nas atividades de recreio e lazer associadas a segmentos turísticos alternativos como o turismo rural, turismo de

natureza e o turismo cultural. Neste âmbito, a paisagem e o património constituem elementos-chave de promoção turística e bem-estar social com um contributo importante para a melhoria da economia regional.

2.2. O CONCEITO DE PATRIMÓNIO E DE PATRIMÓNIO CULTURAL

Segundo António Rosa Mendes, a palavra património, tem origem do latim *patrimonium*, que deriva da palavra *pater* que significa pai, aplicando-se aos bens associados ao *paterfamilias* que acabam por doar aos seus sucessores. A palavra património está relacionada com os bens herdados e por sua vez à herança. A herança caracteriza o adquirir dos conhecimentos, da tradição e a sua continuação que caminha do passado até ao presente (Mendes, 2012). O conceito de património geralmente associado a bens materiais, engloba, no entanto, também a dimensão cultural, natural, social e humana, refletida não só no património arquitetónico (construído, por exemplo: monumentos), mas também nas relações que as pessoas estabelecem com a paisagem. Também os elementos relacionados com as noções de identidade do espaço, e as questões de memória são incorporados neste conceito (Cardoso & Tavares, 2013).

O conceito de património é um conceito evolutivo que tem acompanhado as transformações quer ao nível social quer económico, e entre 1970 e 1980, sofreu alterações com a associação do património material e imaterial as componentes de memória e identidade (Cardoso & Tavares, 2013). Neste sentido, o património é a salvaguarda material e imaterial (Choay, 2005). Perante este raciocínio, o conceito de património reúne duas componentes: o património material integra significados, elementos e objetos naturais, infraestruturas e obras culturais e o património imaterial contém todas as atividades, crenças, tradições, saberes, referentes a um passado rico em história e identidade (Silva, 2015). Neste sentido, se as componentes materiais constituem o suporte material em que se materializa o espiritual que os concebeu, as componentes imateriais são: "realidades que, tendo ou não suporte em coisas móveis ou imóveis, representam testemunhos etnográfico ou antropológicos com valor de civilização ou de cultura com significado para a identidade e memória coletiva" (Mendes, 2012, p. 35).

Os elementos materiais e imateriais associados ao conceito de património relatam a identidade e relações estabelecidas pelas populações no decorrer da história (Correia et al., 2009). Pelo que é importante entender que todas as culturas acabam por influenciar e passar pela influência de cada geração devido à introdução de todas as componentes

ligados aos valores materiais e imateriais (Queiroz, 2014). Na verdade, o património é uma riqueza tão grande que acaba por se tornar num recurso (Correia et al., 2009).

Neste sentido, o conceito de património gera questões face à sua definição. Por um lado, temos Pierre Nora, que defende a existência de uma rutura para com a herança das tradições, uma vez que se perderam referências de identidade num virar de página em que tudo é considerado património (Cardoso & Tavares, 2013). Por outro lado, para Françoise Choay, a origem da definição de património, apresenta-se aliada às obras ou monumentos históricos atualmente abrangem um amplo leque de contextos (urbano, rural, antigo, contemporâneo) aos quais se associam a identidade, a herança e a memória. Nos dias de hoje, o património é o guardião dos saberes, das paisagens, da cidade, das tradições, da gastronomia, da arquitetura, da cultura, das práticas e atividades tradicionais, entre outros. A ligação da sociedade ao passado e ao presente, imprime a longevidade das estruturas, das obras, dos monumentos conservados e valorizados de interesse científico, histórico, artístico e identitário. O valor patrimonial dos bens e coisas herdadas e da relação da população com as paisagens a que estão associadas, vincam a cultura, os prazeres, de cada terra, de cada região (Choay, 2005). É de referir os saberes, os conhecimentos como elementos articulados aos pensamentos da sociedade, que vão dos monumentos históricos às paisagens vernaculares enquanto bens herdados, que expandem o horizonte cronológico até aos nossos dias (Choay, 2006). Para além de integrar estes bens, o conceito de património começou-se a alargar ao nível das tradições, vivências, usos, práticas, rituais e festivais (Queiroz, 2014).

A paisagem cultural dos pomares de sequeiro dos quais a alfarrobeira é uma componente e os saberes e técnicas tradicionais de produção e transformação da alfarroba constituem um património material e imaterial diretamente associado à memória coletiva e à identidade cultural da região algarvia.

Recorrendo ainda a Rosa Mendes o autor afirma que "Património é cultural, ou seja, literalmente, herança cultural ... todos somos herdeiros e que o património cultural é a nossa herança cultural" (Mendes, 2012, p. 13).

O património cultural enquanto bem, pode ser caracterizado como material e imaterial, de acordo com a " Lei nº 107/2001, de 8 de Setembro, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural" designada por "lei do património cultural" (Mendes, 2012, p. 35). Esta Lei define património cultural como " todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e

valorização... Integra, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva", de acordo com o Decreto de Lei n.º 107/2001.

O património cultural é a chave para o desenvolvimento de um futuro próspero (Mendes, 2012), abarcando todos os bens e testemunhos com valor cultural de uma civilização, portadores de interesse cultural, baseados na cultura (Silva, 2009), pelo que "a visão do passado não é um fim em si, é sempre um meio que se exerce em função do futuro, um meio para uma melhor inteligência do presente, como um radiar de promessas, a inspiração, o estímulo, o acicate de novas energias criadoras e de novas experiências vitais para o futuro." (Mendes, 2012, p. 43). Na construção de um futuro apoiado no passado, algumas vezes toma-se como cópia e exemplo "o que vem de fora" e acabamos por nos esquecer das nossas tradições e dos bens herdados (Guerreiro, 1991, p. 29), e que, "a valorização do património pode concretizar-se através de produtos turísticos, de produtos com identidade local de produtos artesanais ou de produtos culturais" (Correia et al., 2009, p. 101), pensamento que assume particular relevância no contexto do Algarve.

A construção do presente tem raízes no passado, um passado, enquanto prémio adquirido das memórias coletivas e reafirmação de identidade, isto é do património cultural (Mendes, 2012). Se considerarmos que "cada cultura molda a totalidade da vida de um povo e de cada um dos indivíduos que se integram, fazendo de cada ato e de cada objeto, precisamente, uma instância dessa mesma cultura..." (Melo, 2002, p. 49), será relevante ter consciência que "sem memória esvai-se o presente que simultaneamente já é passado morto, perde-se a vida anterior, porque sem referências do passado morrem os afetos e os laços sentimentais" (Mendes, 2012, p. 18).

2.2.1. OS VALORES ECOLÓGICOS E PAISAGÍSTICOS DO BAIXO ALGARVE

"Conservar as paisagens tradicionais, não passa por mantê-las imutáveis, mas por dar continuidade aos processos biofísicos e culturais responsáveis pela coerência e pelo equilíbrio" (Abreu et al., 2011, p. 12). Na Região mediterrânica, na qual o Algarve se inscreve, a paisagem é caracterizada pelas suas particularidades de elevada diversidade e complexidade, no que respeita à sua flora e fauna.

Aqui surgem os bosques e matagais constituídos por arbustos e árvores de folhagem pequena, grande parte delas coriáceas e esclerófilas. Estes bosques e matagais

são formados pelo sobreiro e carrasco (*Quercus suber* e *Quercus coccifera*), pela azinheira (*Quercus rotundifolia*), pelo zambujeiro (*Olea europaea sylvestris*), pela aroeira (*Pistacia lentiscus*), pelo folhado (*Viburnum tinus*), pela alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*), pelo espinheiro-preto e sanguinho-das-sebes (*Rhamnus oleoides* e *Rhamnus alaternus*), pelo loureiro (*Laurus nobilis*), pela palmeira-das-vassouras (*Chamaerops humilis*), pelo lentisco-bastardo e ainda pelo aderno (*Phillyrea angustifolia* e *Phillyrea latifolia*) (Costa, Aguiar, Capelo, Lousã, & Neto, 1998).

Por um lado, os bosques estabelecem associações termófilas, *Viburno tini-Oleoetum sylvestris* e *Arisaro-Quercetum broteroi*, ainda os bosques de *Myrto-Quercetum suberis*, *Asparago aphylli-Quercetum suberis*, *Oleo-Quercetum suberis* e *Smilaco-Quercetum rotundifoliae*. Nalguns dos quais a alfarrobeira é um elemento bioindicador ou espécie característica (Costa et al., 1998). Por outro lado, os matagais potenciais pertencem a várias associações como, *Asparago aphylli-Myrtetum communis*, *Asparago albi-Rhamnetum oleoidis*, *Melico arrectae-Quercetum cocciferae* e *Quercetum cocciferae-airesis*.

No Barrocal algarvio, a série da azinheira *Rhamno oleoidis-Querceto rotundifoliae sigmetum* com *Juniperus turbinata*, corresponde à comunidade de *Rhamno oleoidis-Quercetum rotundifoliae juniperetosum turbinatae*. Esta tipologia de bosques é acompanhado de *Quercus rotundifolia*, *Juniperus turbinata*, *Aristolochia baetica*, *Asparagos albus*, *Ceratonia siliqua*, *Chamaerops humilis*, *Pistacia terebinto*, *Olea europaea var. sylvestris*, *Rubia peregrina subsp. longifolia*, *Asparagus albus*, *Chamaerops humilis*, *Pistacia terebinthus*, *Clematis flammula*, *Smilax aspera var. altissima* e *Rubia peregrina subsp. longifolia*. Contudo a destruição da vegetação arbórea conduziu ao aparecimento dos matagais constituídos por *Asparago albi-Rhamnetum oleoidis*, que representa a primeira etapa de substituição com o domínio de *Pistacia lentiscus*, *Rhamnus oleoides*, *Quercus coccifera*, *Smilax aspera var. aspera*, *Lonicera implexa*, entre outros. Nestes matos ocorre a associação de *Thymo lotocephali-Coridothymetum capitati*, onde se destaca o tomilho; por sua vez, nos solos descarbonatados surge *Phlomido purpureae-Cistetum albidi*, que acaba por contrastar com *Velezio-Astericetum*, oriundo da supressão da vegetação arbustiva, levando ao nascimento das pastagens (Canas, Viçosa, Ferreira, Ortiz, & Gomes, 2012). Através da figura 2.6., observam-se as séries climatófilas referidas anteriormente.

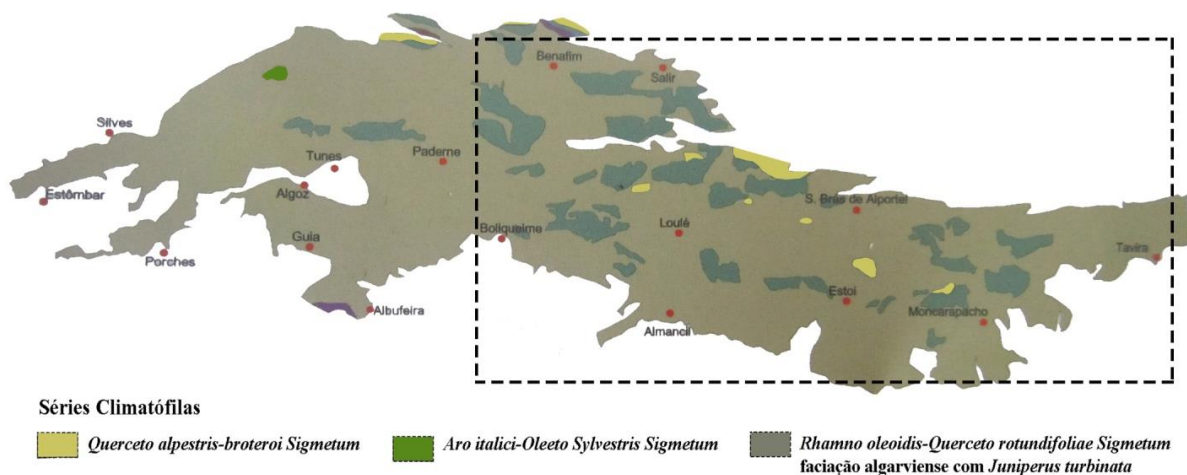


Figura 2. 6. - Mapa da Vegetação potencial, séries climatófilas . Fonte:(Gomes & Ferreira, 2005, p. 301).

A partir da Tabela 2.1, estão presentes as associações que a *Ceratonia siliqua* faz parte:

Tabela 2. 1. - *Rhamno oleoidis-Querceto rotundifoliae sigmetum*. de Pinto-Gomes e Paiva-Ferreira, 2005, Fonte: (Canas et al., 2012, p. 295).

| Fisionomia da vegetação | Associações | Bioindicadores |
|-------------------------|---|--|
| Azinhal | <i>Rhamno oleoidis-Quercetum rotundifoliae juniperetosum turbinatae</i> | <i>Quercus rotundifolia</i> ; <i>Juniperus turbinata</i> ; <i>Aristolochia baetica</i> ; <i>Smilax aspera</i> var. <i>altissima</i> ; <i>Olea europaea</i> var. <i>sylvestris</i> ; <i>Clematis flammula</i> |
| Matagal | <i>Asparago albi-Rhamnetum oleoides</i> | <i>Asparagus albus</i> ; <i>Rhamnus alaternus</i> ; <i>Quercus coccifera</i> ; <i>Ceratonia siliqua</i> ; <i>Chamaerops humilis</i> ; <i>Lonicera implexa</i> ; <i>Rhamnus oleoides</i> |
| Tojal | <i>Siderito lusitanicae-Genistetum algarbiensis</i> | <i>Genistas hirsuta</i> subsp. <i>Algarbiensis</i> ; <i>Sideritis arborescens</i> subsp. <i>lusitanica</i> ; <i>Staelhelina dubia</i> |
| Pastagem perene | <i>Galio concatenati-Brachypodietum phoenicoidis</i> | <i>Galium concatenatum</i> ; <i>Serratula baetica</i> subsp. <i>lusitanica</i> var. <i>lusitanica</i> |
| Tomilhal | <i>Thymo lotocephali-Coridothymetum capitati</i> | <i>Thymus lotocephalus</i> ; <i>Thymbra capitata</i> ; <i>Fumana thymifolia</i> |
| Esteval | <i>Phomido purpureae-Cistetum albidi</i> | <i>Rosmarinus officionalis</i> ; <i>Cistus albidus</i> ; <i>Cistus monspeliensis</i> |
| Pastagem anual | <i>Velezio rigidae-Astericetum aquaticae</i> | <i>Asteriscus aquaticus</i> ; <i>Cleonia lusitanica</i> |

Uma outra série, a *Aro neglecti-Oleo sylvestris sigmetum*, o bosque corresponde à Associação *Aro sylvestris neglecti-Oleoetum*, em que o bosque é dominado pelo zambujeiro (*Olea europaea* var. *sylvestris*), e é frequentemente acompanhado pela alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*). Também apresenta o domínio das trepadeiras, *Rubia peregrina*, *Aristolochia baetica*, *Smilax aspera* var. *altissima*, *Arum italicum*, *Iris foetidissima* e *Clematis flammula*. Na primeira fase de substituição, os maquis *Asparago albi-Rhamnetum oleoidis*, Tabela 2.2, ocorrem pelo acompanhamento dos grandes

arbustos de *Myrtus communis*, *Chamaerops humilis*, *Pistacia lentiscus*, *Juniperus turbinata* e *Rhamnus alaternus*. Assim como em bosques constituídos de carvalho *Quercetum alpestris-broteroi* e *Rhamno oleoidis-Quercetum rotundifoliae* (Canas et al., 2012).

Tabela 2. 2. - *Aro neglecti-Oleo sylvestris Sigmetum*. Fonte: (Canas et al., 2012, p. 297).

| Fisionomia da vegetação | Associações | Bioindicadores |
|--------------------------------|--|---|
| Zambujal | <i>Aro neglecti-Oleatum sylvestris</i> | <i>Olea europaea</i> var. <i>sylvestris</i> ; <i>Phlomis purpurea</i> <i>Tamus communis</i> ; <i>Arum italicum</i> |
| Matagal | <i>Asparago albi-Rhamnetum oleoidis</i> | <i>Asparagus albus</i> ; <i>Ceratonia siliqua</i> ; <i>Rhamnus alaternus</i> ; <i>Chamaerops humilis</i> |
| Tojal | <i>Siderito lusitanicae-Genistetum algarbiensis</i> | <i>Genista hirsuta</i> subsp. <i>algarbiensis</i> ; <i>Sideritis arborescens</i> subsp. <i>lusitanica</i> ; <i>Stachelina dubia</i> |
| Pastagem perene | <i>Galio concatenati-Brachypodietum phoenicoidis</i> | <i>Brachypodium phoenicoidis</i> ; <i>Eryngium dilatatum</i> ; <i>Galium concatenatum</i> ; <i>Serratula baetica</i> subsp. <i>lusitanica</i> var. <i>lusitanica</i> |
| Tomilhal | <i>Thymo lotocephali-Coridothymetum capitati</i> | <i>Thymus lotocephalus</i> ; <i>Thymra capitata</i> <i>Fumana thymifolia</i> |
| Pastagem anual | <i>Velezo rigidiae-Astericetum aquatica</i> | <i>Asteriscus aquaticus</i> ; <i>Cleonia lusitanica</i> |

Nesta sequência os valores ecológicos e paisagísticos interagem entre si, criando um mosaico singular, onde a alfarrobeira assume uma posição elevada já que é "um recurso importante na valorização ambiental e modelação paisagística" (Loução & Carvalho, 1989, p. 3). Ainda é de referir que esta espécie contribui para o melhoramento e enriquecimento dos solos e a sua proteção através da diminuição dos processos de erosão. A sua existência cria um ecossistema complexo, através da formação de um nicho ecológico essencial às espécies existentes. A copa da alfarrobeira é ampla e serve de suporte para a nidificação das aves e abrigo das mesmas (Figura 2.7.). Já a alfarroba serve de alimento para roedores, como ratos e mamíferos-herbívoros, nomeadamente coelhos (Loução & Carvalho, 1989, p. 3)(Figura 2.8.).



Figura 2. 7. - Nidificação em tronco de alfarrobeira. Fonte: (Silveira, 2016). **Figura 2. 8.** – Vestígios nas alfarrobas que servem de alimento para animais. Fonte: (Silveira, 2016).

A proposta de um Roteiro da Alfarroba para o Algarve poderá reacender a memória de um tempo esquecido, dando expressão e visibilidade ao saber-fazer das populações tradicionais no contexto de um segmento de turismo vocacionado para a descoberta do património cultural.

2.3. O CONCEITO DE TURISMO, TURISMO CULTURAL, RURAL E DE NATUREZA

2.3.1. O TURISMO

O turismo considerado uma maneira de abstração e fuga da rotina citadina, realçando os parâmetros do lazer que canalizam a realização pessoal (Viegas, 2013), é associado principalmente à atividade económica, porém incide nas realidades socioculturais, antrópicas e histórico-políticas (Serrão, 2012), pelo que não é unicamente um motor económico, pois possui segmentos que integram a ligação entre as populações, o seu bem estar, qualidade de vida, e novas formas de conhecimento (Serrano & Bruhns, 1997). A prática do turismo é uma modalidade de lazer na busca de relíquias, de espaços naturais (montanhas, praias, etc.), mas também de bens e serviços, e matérias-primas de um local. (Mesquita, 1986). Ao interessar-se por sítios e paisagens com valor histórico o turismo, abre a porta para a remarcação identitária assegurada pelo património cultural (Condesso, 2011), sendo que na atualidade viajar torna-se um suplemento cultural, aumentando a construção intelectual, o modo de materializar a curiosidade (Mesquita,

1986). No entanto, o turismo embora contribua para o desenvolvimento local e zele pela proteção dos recursos socioculturais, naturais e económicos (Condesso, 2011), também provoca muitas vezes a adulteração e degradação da paisagem e do património das regiões onde se instala. Razão pela qual a Organização Mundial do Turismo "emitiu" a Carta do Turismo Sustentável (1995) reconhecendo que o turismo é uma atividade ambivalente que pode trazer vantagens no âmbito socioeconómico e cultural, mas ao mesmo tempo contribui para a degradação do meio ambiente e a perda da identidade local, pelo que deve ser abordado desde uma perspetiva global (Turismo de Portugal, 1995).

2.3.2. O TURISMO CULTURAL

Embora o turismo se direcione cada vez mais para a paisagem e o património cultural é, muitas vezes associado à falta de sentido cultural, caracterizando-se pelo desapego e desprezo pelas componentes estéticas e culturais que são trunfos e enriquecimentos das paisagens tradicionais (Alves et al., 1994). Nas últimas décadas, tem-se assistido ao aumento de um segmento de turismo vocacionado para a descoberta dos bens culturais (centros históricos, museus, paisagens tradicionais) designado por turismo cultural. O turismo cultural é uma modalidade em que "... a cultura não é apenas um pressuposto teórico. A cultura apropriada pelo turismo é a cultura que gera produtos e manifestações concretas, sejam elas eruditas ou populares" (Figueira, 2013, p. 25). Esta atividade turística que se diferencia do turismo de massas pressupõe a relação entre a cultura e o turismo, com base no património cultural. Esta relação traz benefícios de várias ordens aptos a aliar e fortalecer os pilares da atratividade de uma região, sendo que a cultura se afirma como componente essencial do produto turístico, facultando o reconhecimento da distinção de um local em particular. Neste sentido considerando os estudos de investigação direcionados aos países europeus, nota-se uma tendência por parte dos turistas que cada vez mais buscam o contacto com as comunidades locais, na procura pela descoberta e proximidade com os seus modos de vida. Com base neste facto, a proximidade com a população local garante a vivência do património cultural, a preservação dos bens antigos, e dos valores históricos e culturais. Servindo de base ao processo de aquisição de conhecimento e aprendizagem, aumentando a cultura pessoal de cada indivíduo, pois a partir do momento em que o turista está disposto a sair da sua "zona de conforto", do seu lar, disposto a visitar outros locais, este deparar-se-á com a diferença, com o aumento da sua sabedoria em prole da diversidade cultural (Viegas,

2013). O turista movido pela cultura pode experienciar vivências do foro cultural, num desabrochar de sentimentos ao nível psicológico, desencadeados pela observação, pelo olhar e pela sensação de estar, pelo que a cultura funciona como instrumento ou produto comercial, com o objetivo de se direcionar a determinados alvos, integrando o património cultural, possibilitando a conexão com o espaço rural (Viegas, 2013). Neste sentido o património cultural é um elo de ligação à identidade e cultura local e enquanto instrumento garante a preservação da herança cultural, de modo a promover e valorizar os produtos culturais sustentáveis de um local, região ou país (Viegas, 2013).

É importante entender que o turismo cultural ajuda as comunidades locais no desenvolvimento económico e na possível criação de postos de emprego. Deste modo, contribui para o aumento da qualidade de vida, diversificação das comunidades locais e uma oportunidade de preservação do património (Viegas, 2013). As atividades de recreio e lazer previstas pelo turismo cultural "são provocadas pelo desejo de se ver coisas novas de aumentar os conhecimentos, de conhecer particularidades e os hábitos doutras populações, de conhecer civilizações e culturas diferentes" (Condesso, 2011, p. 213)

2.3.3. O TURISMO RURAL E DE NATUREZA

A paisagem rural compreende terrenos de cultivo, as construções rurais a rede de caminhos, elementos característicos do espaço de produção agropecuária que identificam e ligam o passado ao presente e ao futuro (Batista, 2009).

Cada vez mais o turismo rural adquire uma maior importância nos nossos dias, pela estratégia de valorização e fixação da população rural, no combate ao abandono dos espaços e atividades agrícolas tradicionais potencialidades que se conjugam com a paisagem tradicional, promovendo o desenvolvimento económico e rural (Condesso, 2011). As áreas agrícolas caracterizam a identidade e carácter peculiar das diversas expressões das paisagens rurais tradicionais, pois "o conhecimento do passado, indispensável à criação do futuro, torna-se fundamental para a descoberta da nossa identidade cultural" (Condesso, 2011, p. 202). Importa ter em atenção que a modelação da paisagem rural, deve-se à presença da agricultura em conciliação com outros fatores de exploração, padrões arquitetónicos, culturais, históricos e naturais, sendo que o turismo realizado no espaço rural é um instrumento potenciador ligado à natureza, enaltecendo o património cultural, os sistemas e práticas agrícolas, os produtos típicos e gastronómicos, associando-os ao recreio/lazer (Condesso, 2011).

No âmbito do turismo rural, o elemento crucial para a execução desta modalidade é a cultura rural, e o seu desenvolvimento integra a preservação paisagística, histórica, arquitetónica, cultural e natural, nomeadamente as explorações agrícolas, enquadrando-as em atividades pedagógica e culturais, pelo que o turismo rural é essencial na salvaguarda dos valores do passado associados à identidade e valores locais (Condesso, 2011).

Pelo que o conceito de turismo rural apresenta uma elevada complexidade, o meio rural está associado às práticas tradicionais, à agricultura e à valorização paisagística considerando as suas características naturais e campestres, também é valorado e procurado como destino turístico pela gente que nele habita (Silva, 2015). No âmbito do turismo rural e das suas características, a rota da alfarroba que se preconiza pretende "permitir ao visitante um contacto personalizado, uma inserção no meio rural físico e humano e até uma participação nas atividades, costumes e modos de vida dos habitantes" (Condesso, 2011, p. 206), respeitando e valorizando os elementos culturais, patrimoniais e ainda gastronómicos, considerando que o mediterrâneo oferece um amplo leque de costumes alimentares "... recursos patrimoniais e culturais - gastronomia, paisagem e vida local - são vistos como a materialização e a memorialização da cultura local, emanando desses territórios produtores de sabores e saberes ancestrais" (Partidário et al., 2014, p. 302). Por sua vez, o turismo de natureza de acordo com o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, (2000) "necessita sempre de um espaço físico (natural e cultural) para o seu desenvolvimento, uma vez que, é este que providencia as atrações para os turistas".

As áreas naturais são cada vez mais procuradas pelos turistas, como pontos de visita que conferem inclusive as dimensões culturais e naturais assumidas pelo turismo de natureza e turismo rural. À luz deste pensamento os turistas buscam a proximidade com a natureza, na motivação pelo encontro com a paz e tranquilidade observando e descobrindo espécies vegetais e faunísticas autóctones, assim como a diversidade de habitats (Condesso, 2011). A Natureza surge como modelo promotor para a realização de atividades turísticas alternativas (Sá, 2012). Se o turismo no Algarve encontra a sazonalidade associada ao sol e à praia nos meses de Verão, o turismo de natureza acaba por se assumir como uma solução sustentável, para este problema, de modo a contribuir para o desenvolvimento turístico ao longo de todo o ano (Sá, 2012). A proposta de roteiro que se apresenta inscreve-se em soluções deste tipo possibilitando o contacto direto do

turista com os diferentes ciclos e etapas associados à produção, transformação e consumo da alfarroba que se desenvolveu ao longo das diferentes estações do ano.

3. DEFINIÇÃO DOS CONCEITOS DE ITINERÁRIO, PERCURSO E ROTEIRO

3.1. ITINERÁRIO

A palavra itinerário tem sua origem no vocábulo "itinerarium", o que faz com que adquira o significado de viagem, envolvendo a própria descrição dessa mesma viagem. O itinerário cultural pode definir-se como um modo de comunicação através de dinamismo e atributos históricos concretos ao serviço de um ou mais objetivos delimitados (Figueira, 2013).

A noção de itinerário está associada a caminhos, a roteiros, a percursos para realizar uma determinada viagem. (Figueiredo, 1996b). Perante a afirmação de Marc Augé, os itinerários não são apenas caminhos e eixos definidos pelo homem como também incluem os vários lugares que conectam. O itinerário passa em diversos pontos de interesse, inerentes a diversas atividades tanto económicas como rituais (Augé & Mucznik, 1994).

Historicamente, é notória a ligação dos itinerários militares, religiosos e comerciais com as linhas dominantes do território-paisagem, com o seu relevo, com as linhas de fecho e de talvegue. Sendo que, estas linhas desempenham funções vitais para a componente ecológica e antropogénica como: a circulação da matéria orgânica, da água e dos percursos efetuados pelo Homem, no decorrer do tempo, pois permitem a continuidade dos processos, a troca de bens e materiais e as funções da defesa e controlo do território (Batista, 2015).

3.2. PERCURSO

A paisagem enquanto construção humana denota simultaneamente a identidade, a beleza dos campos tradicionais, os lugares e as referências do passado e do presente. Neste sentido, os percursos enquanto criação humana, de estrutura linear, contribuem para a organização espacial do território, permitem percorrer os locais, e as paisagens através das diferentes áreas e sistemas levando à consciencialização de cada espaço (Sales, 2015).

Desde os tempos remotos, o Homem primitivo, nómada, efetuava caminhadas pelo território movido pelo seu sustento, pela prática de rituais relacionados com a caça e o abrigo. Posteriormente com a chegada do sedentarismo e a agricultura, a rede de percursos torna-se mais densa associando-se a outras estruturas como a de compartimentação da paisagem (muros, sebes vivas, etc.) e os assentamentos humanos.

Apesar de na generalidade a palavra caminhar estar relacionada com o ato pedonal, configura e participa nas expressões e marcas paisagísticas, alimentadas pelo contacto com o espaço geográfico e o mundo (Cardoso & Tavares, 2013). Caldeira Cabral defende " a construção de caminhos a pé ao lado das estradas principais, o que já é hoje ponto assente em muitos países e se apresenta de grande vantagem para todos, dada a velocidade crescente do trânsito" (Sales, 2015, p. 141). A vincada ocupação humana, desenvolveu as mais diversas tipologias de percursos na paisagem, autênticos componentes de valor patrimonial e cultural, enquanto pré-existências associadas à dimensão identitária da paisagem. Segundo Anne Caulequin e Jean- Marc Besse, caminhar pela paisagem é uma atividade espacial e temporal que o Homem pratica desde a Pré-história no âmbito da conquista do território, da sua ocupação e organização (Cardoso & Tavares, 2013).

Especialmente pela descoberta do território na procura de alimento, o Homem foi deixando a sua pegada, a sua marca que adquiriu uma forma linear. como estratégia de ligação mais direta entre dois ou mais pontos. Embora a caça confira uma enorme importância pela forma irregular dos percursos na natureza, feitos a pé pelo Homem na busca de presas para a sua alimentação. Por um lado, historicamente o território foi palco da delimitação de novos trilhos, tirando partido de caminhos já existentes feitos pelos animais na época de migração e por espaços abertos entre a vegetação conquistando novas terras. A partir da Idade Média, a paisagem incorpora rotas ligadas ao comércio e à espiritualidade, de que é exemplo legítimo o caminho de Santiago de Compostela que as pessoas percorrem por questões de fé (Sales, 2015). Mais recentemente, a relação estabelecida entre a natureza e os percursos, veio provar o poder da natureza no equilíbrio espiritual justificando a partir na década de 1980 em Portugal os primeiros percursos pedestres marcados na paisagem associados a atividades de recreio e lazer (Sales, 2015).

O ato de caminhar implica andar a pé, percorrer o caminho andando (Figueiredo, 1996a), sendo que o caminhante ao vaguear e deambular pela natureza acaba por contactar com a cultura, com as paisagens, com as tradições. Um percurso permite a observação e experimentação do espaço, paisagem conferindo diferentes sensações,

pensamentos e impressões proporcionando novas imaginações (Sales, 2015). Se "Caminhar é, de algum modo, uma dança com calma (mas nem sempre). A vida é uma coreografia" (Cardoso & Tavares, 2013, p. 53), os percursos permitem estar em contacto com os campos, com o património e com as populações residentes fazendo crescer o interesse pelos modos de vida, pelas técnicas e saberes tradicionais. Os percursos pela natureza são encarados como um meio de valorização do território, mas também assumem um papel distinto para além da "recriação" das áreas rurais, tornando-as atrativas, pois permitem usufruir de fatores responsáveis pela saúde e benefícios associados à vida humana (Sá, 2012). Nesta perspetiva, os percursos permitem a divulgação e valorização das componentes paisagísticas, naturais e culturais para além do contacto com a natureza, e o respeito pelos valores e elementos nela inscritos, promovendo a sensibilidade pelo contexto ambiental e patrimonial em que se inscrevem (Sá, 2012).

3.3. ROTEIRO

Um roteiro corresponde a um conjunto de pontos organizados num itinerário de modo a conhecer uma determinada área, através de caminhos, ruas e estradas de uma certa povoação ou região (Figueiredo, 1996).

O roteiro pretende transmitir a "componente descritiva de recursos turísticos e de pontos geográficos de interesse turístico-cultural, destacando-os pela sua relevância, relativa (...) É o repositório dos conteúdos de uma ou mais rotas" (Figueira, 2013, p. 53). Uma outra forma de definir os roteiros é como "vias de comunicação ... de trânsito turístico" constituindo um elo de união de espaços atrativos, apresenta uma multiplicidade de pontos de atração ligados a diferentes elementos históricos, culturais, rurais e naturais (Bock & Tomazzoni, 2012).

Existem várias tipologias de roteiro turístico, por exemplo os roteiros religiosos roteiros de peregrinação e roteiros culturais. Historicamente verifica-se que os roteiros estão associados à espiritualidade, religião, ligados à fé sendo que, esta espiritualidade está associada aos roteiros de peregrinação aliados a caminhos, nos quais as pessoas percorrem o território por questões de fé (Silva, 2015). Na atualidade os roteiros culturais estão ligados à descoberta da história e da cultura regional pelo que a fragmentação do território devido à dispersão urbana, faz com que a falta de divulgação de um determinado espaço, a busca cultural, leve à necessidade de ligar espaços para a exploração do território-paisagem, e assim à criação de roteiros (Silva, 2015). Perante

este cenário os roteiros vêm estabelecer a união/ligação de espaços, estruturas e/ou elementos no território, ou na região. As regiões têm a sua própria identidade, memória, valores culturais e naturais, o que leva à existência de pontos de interesse em diferentes, cuja ligação os roteiros preveem contribuindo para o conhecimento das potencialidades associadas à tradição e à história natural e cultural das paisagens. Percorrer uma rota, vem desde os tempos mais remotos da civilização humana, associado a um modo de deslocação pelo território remetendo para a exploração e para a observação do espaço (Figueiredo, 1996b).

Os roteiros estão unidos à valorização dos distintos conteúdos de uma paisagem mediante uma determinada temática, divulgando a vertente patrimonial, identitária, cultural e estimulando o contacto com as comunidades locais de uma determinada região (Figueira, 2013).

As rotas turísticas criam estímulos que possibilitam interpretar e ler as paisagens culturais a visitar, permitindo usufruir do património material e imaterial, da identidade, da natureza, dos produtos de uma paisagem (Serrão, 2012). A proposta do roteiro da alfarroba vai de encontro a este conjunto de objetivos procurando integrar a paisagem e o património associados a esta cultura identitária da região algarvia nas atividades turísticas e pedagógicas.

II- PARTE: DOS ROTEIROS AO ROTEIRO DA ALFARROBA PARA O ALGARVE

4. CASOS DE ESTUDO DE ROTEIROS TEMÁTICOS

A análise e o estudo de diferentes propostas de roteiros já implementados adquiriram uma importância fundamental enquanto pilares essenciais de apoio à realização da proposta do Roteiro da Alfarroba que se apresenta neste trabalho. O seu contributo para o desenvolvimento de uma proposta coerente e sólida, pela articulação dos valores cruciais associados à cultura da alfarrobeira no âmbito do desenvolvimento regional e turístico sustentáveis, ao revelar aos viajantes o processo de produção, à transformação e consumo da alfarroba, associando-o à descoberta da paisagem e do património algarvio, na certeza de que o roteiro, poderá contribuir para estimular a economia local, a preservação dos recursos naturais e produtos endógenos, a valorização

dos lugares e tradições, numa busca pelo identitário e como registo impulsionador à realização de viagens no âmbito do agroturismo e do turismo cultural.

Neste sentido, os roteiros têm vindo a servir como meio de divulgação dos "produtos típicos" de cada região contribuindo para o desenvolvimento da sua economia e preservação da sua paisagem. À luz do reconhecimento das riquezas, singularidade dos lugares e valores culturais, associados à história, de cada paisagem cultural, a principal intenção dos roteiros estudados passa pela preservação e dinamização da identidade da região, casos da Rota da Cortiça no Algarve e a Rota do Azeite no Alentejo. A Rota da Cortiça no Algarve, apoia-se na cultura do sobreiro no concelho de S. Brás de Alportel, e pela produção e comercialização de uma variedade de utensílios fabricados a partir da cortiça, nomeadamente sapatos, malas, rolhas, etc. Este roteiro é efetuado por vários polos que o visitante pode escolher, através do contacto direto com a natureza ao percorrer a Serra do Caldeirão, observa a "evolução da cortiça", desde a produção nos montados, à sua extração para a transformação e, por fim o seu "consumo" através da compra de diferentes apetrechos ou artigos, cada vez mais inováveis (VisitAlgarve, 2015).

Apesar de se encontrar noutra contexto paisagístico e regional, a Rota do Azeite no Alentejo, acaba por adquirir a mesma finalidade do anterior roteiro, contribuindo ambos para a conservação de uma marca nacional de qualidade, apelando ao contacto da população com a envolvente natural e paisagística e, ainda ao conhecimento e, à participação nos costumes tradicionais. O roteiro do azeite na região alentejana vários integra pontos de interesse que permite ao visitante contactar com a produção, a transformação e o consumo, a participação e "aprendizagem" das provas de azeite, conduzindo ao contato com a própria história e identidade alentejana.

4.1. O ROTEIRO DA CORTIÇA NO ALGARVE

A rota da cortiça permite manter a relação entre o Homem e o sobreiro, (Figura 4.1.), baseada na descoberta das técnicas tradicionais associadas à recolha da cortiça, à sua transformação e consumo, processo rico em história e tradição. Esta rota surgiu em 2004, pela ação conjunta algumas entidades do Algarve nomeadamente a Associação de Industriais e Exportadores da cortiça (AIEC-SUL), a Autarquia de S. Brás de Alportel, a Associação in Loco, a Associação de Agricultores de S. Brás de Alportel, a Santa Casa da Misericórdia de S. Brás de Alportel, a Região de Turismo

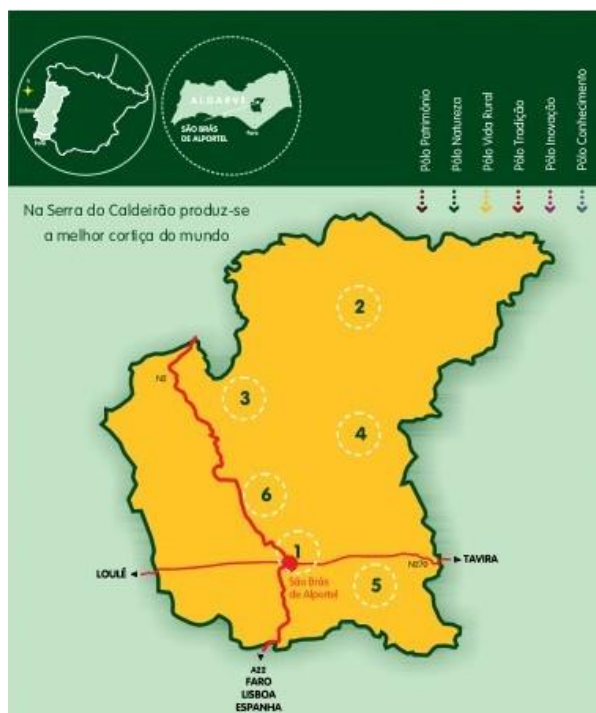


Figura 4. 1. – Traçado do roteiro da cortiça. Fonte: (Jacinto & Alves, 2004).

do Algarve e a Associação de Produtores Florestais da Serra do Caldeirão (Jacinto & Alves, 2004).

Esta rota é pioneira no país e no mundo relativamente ao tema da cortiça e a primeira rota de cariz temático no Algarve. O conhecimento do território e da paisagem através da rota da cortiça é efetuado por um guia, pela promoção de um novo olhar estimulado pelo espírito de descoberta. O roteiro incorpora seis polos temáticos: o Património, a Natureza, a Vida Rural, a Tradição, a Inovação e o Conhecimento, uma experiência pela promoção e descoberta da Serra do Caldeirão. Visa a valorização e preservação do sobreiro e do seu potencial ambiental e patrimonial no contexto da Serra Algarvia, como elemento de atração turística. Estes polos estão conectados a cinco circuitos, adaptados a cada grupo de visitantes, de acordo com a faixa etária.

O polo Património, localiza-se no Museu do Trajo na sala da Cortiça em S. Brás de Alportel, ponto inicial de partida, despertando a vontade de conhecimento arqueológico industrial no processo de transformação da cortiça. Este polo Património é ainda portador de uma sala com sistema audiovisual, como ícone de divulgação e meio de transmissão de conhecimento da cultura da cortiça. O polo da Natureza, põe o "turista" em contacto direto com o montado, sendo que o visitante pode acompanhar o ciclo de

vida do sobreiro, realizando percursos pedestres ao longo de caminhos antigos, recuando no tempo até às tradições mais remotas, associadas à produção de mel, recolção de cogumelos e de plantas medicinais.

Por sua vez, o polo da Vida Rural, localizado na Quinta do Barrocal, apresenta diversos pontos de interesse consoante o tempo disponibilizado pelo visitante, ou seja, um dia inteiro ou apenas meio dia. Aqui o visitante pode conhecer a aldeia de Alportel e o seu artesanato. E os passeios pedestres ricos em história e cultura, por entre os campos cultivados com os tradicionais pomares de sequeiro, provando-se as doçarias associadas aos mesmos. No âmbito pedagógico as crianças dos 6 aos 12 anos podem usufruir de atividades didáticas e desportivas.

O polo da Tradição incorpora a fábrica de preparação da matéria-prima, transformação da cortiça em rolhas, sendo explicadas as fases de produção efetuadas nas máquinas antigas, onde o visitante poderá participar no processo. No que se refere ao polo Inovação promove-se o contacto com a tecnologia industrial para as novas aplicações da cortiça, numa fábrica produtora de rolhas de garrafas de champanhe. Por fim, o polo do Conhecimento, desempenha a função de organizar workshops para a participação em atividades ligadas à cortiça, expandindo os horizontes do conhecimento pessoal (Jacinto & Alves, 2004).

4.2. O ROTEIRO DO AZEITE NO ALENTEJO

A oliveira representa um ícone marcante na paisagem alentejana. A arquitetura dos campos de olivais, a geometria das linhas retas e perfeitas definidas pelo cultivo das oliveiras jovens e centenárias caracterizam a paisagem associada à produção de azeite, nesta região, (Figura 4.2).



Figura 4. 2. – Lagar oliveira da serra. Fonte: (SoulPortugal, 2013).

A rota do azeite no Alentejo interliga cinco pontos de interesse, percorrendo uma distância de 170 quilómetros. Tem início na Quinta de São Vicente, próxima de Ferreira do Alentejo e o segundo ponto é o Lagar Oliveira da Serra na Herdade Marmelo, em Oliveira da Serra e o terceiro ponto é o restaurante São Pedro, segue para o Centro de Estudos e Promoção do Azeite do Alentejo e, por último, o restaurante Sem-Fim, situado na aldeia do Telheiro.

A Quinta de São Vicente, estabelece uma forte e profunda relação com a olivicultura, já que contém uma vasta extensão de olival. Esta propriedade está ligada à produção de azeite desde o século XVIII, através dos seus lagares tradicionais e atuais: o de varas que tem origem romana e o mais recente de força centrífuga. A Quinta veio recentemente a ser premiada com um óscar no setor, com a medalha de ouro dos prémios Mário Solinas (SoulPortugal, 2013).

Por sua vez, o Lagar Oliveira da Serra, é um exemplo de lagar moderno na Herdade do Marmelo, inserido no próprio olival. Aqui o visitante começa com um percurso guiado com início no lagar, onde através das paredes de vidro poderá observar o olival e as áreas produtivas. Seguidamente, o visitante poderá contemplar através da prova alguns dos azeites aqui produzidos. A visita tem continuidade no exterior do lagar, num percurso de dois quilómetros, permitindo o contacto direto com o olival.

Em seguida, o visitante dirige-se para o restaurante São Pedro onde se pode deliciar com a gastronomia da região alentejana onde o azeite, tem um lugar de destaque salientando o prato típico da casa, a famosa açorda. Segue até ao Centro de Estudos e Promoção do Azeite do Alentejo, que compreende um núcleo museológico e uma loja, e onde o visitante terá contacto com a história e importância do olival no Alentejo e participar em provas de azeite, bem como, conhecer o Lagar de Varas de Fojo, acompanhado de uma historiadora. Junto ao museu, localiza-se o Parque Público, das Oliveiras onde poderá descansar à sombra de oliveiras centenárias.

A última etapa é no restaurante Sem-Fim instalado num antigo lagar, onde o visitante pode apreciar, os pratos típicos alentejanos num espaço rico em história e rodeado de oliveiras centenárias (SoulPortugal, 2013).

5. UMA PROPOSTA DE ROTEIRO DA ALFARROBA PARA O ALGARVE

5.1. INVESTIGAÇÃO PRÉVIA AO TRAÇADO DO ROTEIRO

O desenvolvimento da proposta do Roteiro da Alfarroba na região algarvia compreende uma metodologia de investigação baseada em quatro aspetos fundamentais: a pesquisa de fontes históricas e documentais de modo a perceber-se a evolução histórica da cultura da alfarrobeira e do seu fruto, no Algarve, e, ainda, o estudo de casos como fonte de informação útil e de base à proposta de traçado do Roteiro da Alfarroba;

interpretação de cartografia para identificação de pontos de interesse e percursos possíveis de serem a ser integrados no roteiro e o trabalho de campo para confirmar e validar a cartografia considerando as três fases associadas, à produção transformação e consumo da alfarroba; o trabalho de campo para a definição rigorosa do roteiro a partir do contacto direto com os locais e pontos de interesse, e com as pessoas, através de conversas e reuniões de trabalho, também com algumas entidades públicas e privadas e por fim a produção de cartografia com a proposta do traçado de roteiro e, de novo, o trabalho de campo com nova visita aos pontos de interesse e reuniões de trabalho com os diversos agentes associados "às três fases da cultura da alfarroba". Nesta sequência, associada à investigação prática houve a necessidade de ao longo do processo proceder à marcação de reuniões com várias empresas, com o intuito de contactar com os profissionais de várias áreas, com os distintos municípios, para um maior envolvimento e recolha de informação, de modo a garantir uma melhor conceção do roteiro. A Tabela 5.1. reúne informação sobre o conjunto de reuniões de trabalho, efetuadas quer com organismos públicos, quer com empresários da região. Outras reuniões a frisar são as reuniões com a AIDA, onde estava presente o Presidente da Associação e Coorientador deste trabalho o Professor Doutor Pedro Correia e o Técnico e Engenheiro José Filipe Guerreiro.

Tabela 5. 1. – Reuniões realizadas para a elaboração coerente da tese. Fonte: (Silveira, 2016).

| Data | Entidades Envolvidas | Local | Motivo da Reunião |
|-------------------------|---|--|---|
| 16 de Fevereiro de 2016 | • AIDA e o seu Técnico José Filipe, Orientador e Co-Orientador | Campus de Gambelas | Primeira reunião com AIDA, tendo a finalidade de debate sobre todo o processo de elaboração do roteiro; |
| 4 de Abril de 2016 | • Vereadora da Câmara de S. Brás de Alportel | S. Brás de Alportel | Com o motivo de debater sobre a proposta de roteiro da alfarroba, sobre os pontos de interesse existentes no concelho e ainda sobre a ligação à rota da cortiça para a dinamização de duas espécies características do Algarve; |
| 13 de Abril de 2016 | • AIDA, Co-Orientador | Campus de Gambelas | Com o objetivo de falarmos acerca do traçado da primeira simulação de roteiro e dos seus pontos de interesse; |
| 25 de Abril de 2016 | • AIDA, Co-Orientador | Campus de Gambelas | O motivo foi sobre toda a elaboração da tese, em especial sobre a informação teórica; |
| 2 de Maio de 2016 | • AIDA, Co-Orientador | Campus de Gambelas | O objetivo foi uma conversa sobre todo o processo, todo o trabalho desenvolvido até ao momento; |
| 15 de Maio de 2016 | • Seminário " Paisagens Culturais e Dieta Mediterrânica" | Associação dos Beneficiários do Plano de Rega do Sotavento do Algarve, em Tavira | Teve como objetivo a recolha de informação para incorporar na tese; |
| 25 de Maio de 2016 | • José Júlio Gonçalves | No CRIA (Divisão de Empreendedorismo e Transferência de Tecnologia), no Campus de Gambelas | Para dar início ao Plano de Negócios; |
| 8 de Junho de 2016 | • AIDA e o seu Técnico José Filipe, e Co-Orientador | Campus de Gambelas | Finalidade de debatermos sobre os pontos de interesse e o traçado do roteiro; |
| 23 de Junho de 2016 | • José Júlio Gonçalves | No CRIA (Divisão de Empreendedorismo e Transferência de Tecnologia), no Campus de Gambelas | Para a correção e verificação de todos os elementos elaborados no Plano de Negócios, bem como o esclarecimento de dúvidas; |
| 18 de Julho de 2016 | • Doutora Ângela Reis e Doutora Luísa Correia | Região do Turismo do Algarve, em Faro | A fim de saber quais os métodos que o turismo do Algarve disponibiliza para a divulgação do Roteiro da Alfarroba, mas já com uma visão futura; |
| 18 de Julho de 2016 | • Senhora Natércia Pereira | No CRIA (Divisão de Empreendedorismo e Transferência de Tecnologia), no Campus de Gambelas | O objetivo seria saber quais os requisitos para registar a marca "Roteiro da Alfarroba", para que não possa ocorrer o furto do projeto, para a sua materialização segura; |
| 23 de Julho de 2016 | • Proprietário da Gelataria "Natural.Come"; • Proprietária Fátima Galego | Ambos em S. Brás de Alportel | Recolha de informação teórica e digital (Fotografias) e dar a conhecer aos proprietários a existência deste projeto; |
| 26 de Julho de 2016 | • Proprietário Samuel Chorondo, da Fábrica de transformação da alfarroba; • Gelataria "Natural.Come"; • Loja Made in Loco; • Fátima Galego; • Trilhos e Caminhos. | Ambos em S. Brás de Alportel | Validação do traçado do roteiro, recolha de informação teórica e digital (fotografias), com a presença do Orientador, Coorientador e AIDA; |
| 6 de Setembro de 2016 | • AIDA, Co-Orientador | Campus de Gambelas | Conversa sobre os pormenores finais, e registo da marca "Roteiro da Alfarroba"; |
| 11 de Setembro de 2016 | • Espargal; • Quinta do Freixo | Loulé | Com a finalidade de validar o traçado do roteiro e ainda recolher fotografias ; |
| 11 de Setembro de 2016 | • Santo Estevão; • Fonte Salgada | Tavira | O motivo foi a validação destes pontos e a recolha de fotografias; |
| 11 de Setembro de 2016 | • Quinta da Parra | Olhão | O objetivo foi validar o ponto de interesse e ainda recolher fotografias; |
| 14 de Setembro de 2016 | • Polo Museológico dos Frutos Secos | Loulé | Adquirir fotografias do espaço; |
| 16 de Setembro de 2016 | • Viveiros Mil Plantas | Olhão | Obtenção de informação teórica e digital (fotografias e vídeo); |
| 16 de Setembro de 2016 | • Fábrica Chorondo & Filhos, Lda; • Museu do Trajo. | Ambos em S. Brás de Alportel | Com a finalidade de filmar a fábrica e tirar fotografias à parte exterior do Museu, assim como a validação do traçado do roteiro. |

Para além das reuniões presenciais, estabeleceu-se o contacto com outras entidades por via eletrónica: a Câmara Municipal de Loulé, a Câmara Municipal de Olhão, o Museu do Trajo de S. Brás de Alportel, a CCDR Algarve - Engenheira Catarina Cruz, a Divisão da Cultura, Património e Museus da Câmara de Tavira, a Arkeotavira, a Drap-Algarve que forneceram informação, revelaram interesse e apoio ao projeto do roteiro. E ainda o Polo Museológico dos Frutos Secos, que mostrou bastante interesse, tendo sido incluído no roteiro como dos "pontos de interesse" do roteiro.

Por outro lado, no decorrer do trabalho foi necessário e essencial participar nos rituais antigos, como método de integração, compreensão e de recolha de informação. Neste sentido, foi realizada a visita à Feira das Varas (Figura 5.1). que se realiza anualmente no dia 24 de julho, de manhã, em Paderne (ver Anexo V). Esta feira é muito antiga e destina-se fundamentalmente aos proprietários das herdades e dos terrenos com pomares de alfarroba e é dedicada à venda de varas, para varejar as alfarrobeiras e iniciar o processo de apanha de alfarroba que também se teve a oportunidade de experimentar e vivenciar.



Figura 5. 1. - Feira das Varas em Paderne. As varas são de eucalipto e de diversos tamanhos. Fonte: (Silveira, 2016).

5.2. PARTICIPAÇÃO PÚBLICA-INQUÉRITOS

A investigação desenvolvida com vista à proposta de traçado do roteiro compreendeu ainda uma componente de participação pública, através da realização de inquéritos, (a sua estrutura está disponível no Anexo VII). Considerado um instrumento fundamental à elaboração do roteiro, uma vez que proporciona o envolvimento da população local e contribui para a perceção do impacto aos níveis social, económico e cultural que a concretização deste "projeto" terá com a sua implementação, prestando

ainda informação sobre o verdadeiro significado e o que simboliza a cultura da alfarrobeira e do seu fruto para a população algarvia.

A colaboração e opinião das pessoas conduz à tomada de decisão das melhores soluções para todos. A amostra foi realizada a vinte e quatro inquiridos, dos quais nove são do sexo masculino e quinze do sexo feminino, todos de nacionalidade portuguesa, sendo o local de residência dos inquiridos nos concelhos de Faro, S. Brás de Alportel, Loulé, Olhão e Tavira, ou seja, nos concelhos onde será implementado o roteiro.

A realização dos inquéritos seguiu um conjunto de etapas contém questões objetivas, questões de resposta aberta, permitindo ao inquirido dar a sua opinião através das suas palavras, respostas dicotómicas (considerando sim, não ou talvez) e ainda respostas de acordo com uma escala de satisfação (1- significa pouca satisfação ou 4- muita satisfação) procurando abranger um universo diversificado de passos que respeita a faixa etária, sexo e local de residências.

Os objetivos estão direcionados não apenas para a perceção da reação da população face à implementação desta proposta de roteiro, como para saber o que simboliza a alfarrobeira para a população algarvia e se o roteiro teria adesão por parte da mesma.

Das sete questões efetuadas, conclui-se que 24 inquiridos concordam com a implementação do roteiro turístico da alfarroba no Algarve, da Figura 5.2. E ainda que na sua opinião será um elemento que trará benefícios socioeconómicos para a população local (Figura 5.3.), revelando que a implementação do roteiro terá o apoio total dos inquiridos.

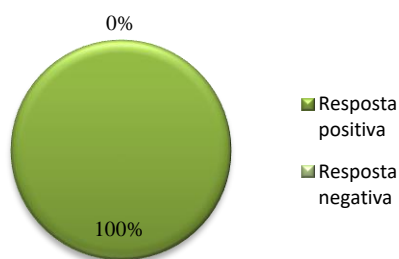


Figura 5. 2. - Gráfico com a questão: O que acha da implementação de um Roteiro da Alfarroba no Algarve, que abrange os concelhos de Faro, S. Brás de Alportel, Loulé, Olhão e Tavira? Fonte: (Silveira, 2016).

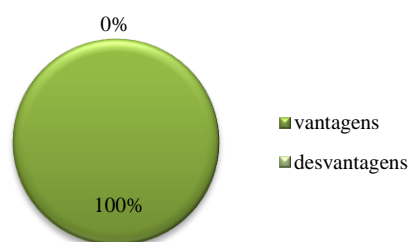


Figura 5. 3. - Gráfico com a questão: - Se for implementado o roteiro da alfarroba acha que trará vantagens ou desvantagens à população local? Fonte: (Silveira, 2016).

Na Figura 5.2., a totalidade de respostas positivas, traduz a opinião de que o roteiro é uma mais valia, para o turismo e economia do Algarve. Também se manifesta como importante a compreensão das potencialidades turísticas da região algarvia, para além de

praias, sendo considerada a proposta de roteiro uma alternativa ao turismo balnear, pois potencia outros segmentos de turismo como o turismo rural e turismo cultural.

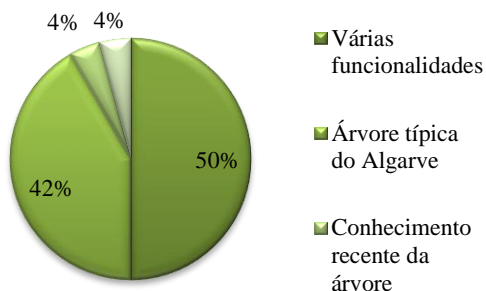


Figura 5. 4. - Gráfico com a questão: O que simboliza a alfarrobeira para si? Fonte: (Silveira, 2016).

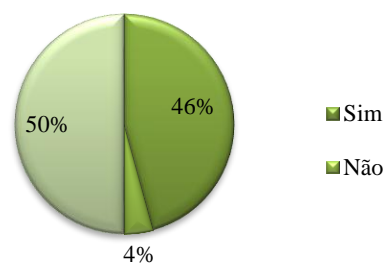


Figura 5. 5. – Gráfico com a questão: Iria percorrer o roteiro da alfarroba? Fonte: (Silveira, 2016).

A alfarrobeira representa um dos símbolos do Algarve, pelo que é necessário saber o que simboliza esta espécie para a população algarvia. Para 50% dos inquiridos a alfarrobeira e o sue fruto estão associadas a várias funções, Figura 5.4: que vão da componente alimentar (confeção de bolos, licores, chocolates); à componente económica porque acaba por gerar emprego, sendo considerada uma fonte de rendimento e produção de biocombustível e é interessante de saber que 42% dos inquiridos consideram a alfarrobeira uma espécie típica, da paisagem algarvia, associada à identidade e memória coletiva da região.

Verifica-se que cerca de 50% dos indivíduos têm intenção de que possam vir a percorrer o roteiro da alfarroba e, ainda, 46% confirmaram que iriam percorrer o roteiro da alfarroba, Figura 5.5., o que dá indícios de sucesso e adesão ao roteiro da alfarroba.

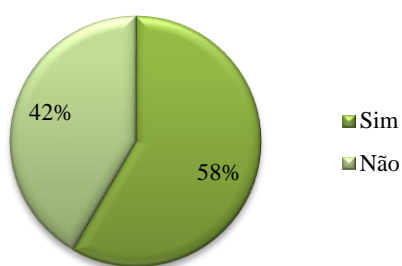


Figura 5. 6. - Gostaria de contactar, ensinar e conversar sobre a alfarrobeira com as pessoas que não conhecem esta árvore? Fonte: (Silveira, 2016).

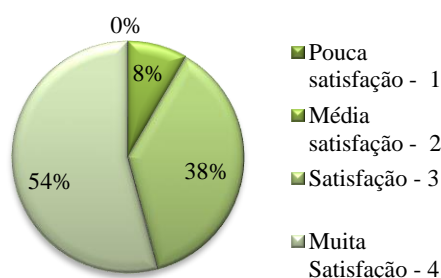


Figura 5. 7. - Acha interessante dinamizar a alfarrobeira e preservar a tradição da apanha e do varejo? Qual o seu grau de satisfação? Fonte: (Silveira, 2016).

É com os resultados da (Figura 5.6.), que se pode concluir que existe interesse e agrado por parte da população local no contacto com "novas pessoas/turistas", a partir do interesse comum pela tradição da cultura da alfarrobeira. Torna-se interessante saber que

58% dos inquiridos tem gosto em poder contactar, ensinar e conversar com os visitantes e que também a sua maioria, 54%, acha que o varejo e a apanha enquanto tradição deve ser preservada e dinamizada, (Figura 5.7.).

No desenvolvimento do trabalho que se apresenta nomeadamente no âmbito da investigação aplicada à proposta de Roteiro da Alfarroba destaca-se como parceiro fundamental para a concretização deste objetivo a AIDA-Associação Interprofissional para o Desenvolvimento de Produção e Valorização da Alfarroba, (Figura 5.8.) que nos propôs o tema da dissertação, e que acompanhou de perto o desenvolvimento desta última fase.

Esta Associação fundada em 1985 tem como principais objetivos a experimentação, a investigação, a divulgação de técnicas e fatores económicos



Figura 5. 8. - Logótipo da AIDA. Fonte: (AIDA, 2005).

que contribuam para o melhoramento da produção, da industrialização e comercialização da alfarroba e os produtos que lhe estão associados, procura reunindo instituições, técnicos e pessoas interessadas pela alfarroba considerando a sua produção, transformação e comercialização. Neste sentido, promove a formação profissional dos seus 574 sócios, entre eles comerciantes, produtores, técnicos e empresários, e representa interesses de várias entidades: a Federação dos Produtores Florestais de Portugal (FPFP), Conselho Interprofissional da Floresta (CIF), Associação Nacional dos Produtores de Frutos Secos e Passados, GLOBALGARVE - Cooperação e Desenvolvimento, S.A., NERA/AIP, Associação Empresarial da Região do Algarve/Associação Industrial Portuguesa e a Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP). Por outro lado, participa em alguns órgãos para a tomada de decisão no setor como o: Conselho Regional Agrário; Conselho Nacional da Caça e dos Recursos Naturais; o Conselho Nacional da Floresta; a Comissão de Acompanhamento do PROALGARVE e a Comissão Mista de Coordenação do Plano Regional de Ordenamento Florestal do Algarve.

A AIDA desenvolve ações fundamentais. Por um lado, a assistência técnica com o objetivo de melhorar não só a qualidade da alfarroba como a produtividade, apoiando a instalação de vários pomares de alfarrobeiras, nomeadamente o pomar experimental em Tavira e, por outro, a experimentação, investigação e demonstração de boas práticas associadas à cultura da alfarrobeira, partindo em encontros científicos sobre a alfarrobeira, tendo apoiado a edição em 2002 do livro "Doçaria com Alfarroba- Sabores

e segredos do Algarve", organizou em 1996 o " 1º Encontro sobre linhas de Investigação em Alfarroba", recebe alunos universitários para o desenvolvimento de estágios de investigação, elaboração de teses de mestrado e doutoramento, relacionados com os temas da cultura da alfarrobeira, com a finalidade de a continuar a preservar e valorizar (AIDA, 2005).

5.3. ÁREA GEOGRÁFICA DO ROTEIRO

O Roteiro da Alfarroba abrange cinco concelhos no Algarve: Faro, S. Brás de Alportel, Loulé, Olhão e Tavira, Figura 5.9.



Figura 5.9. - Concelhos algarvios abrangidos pelo roteiro. Fonte: (Silveira, 2016).

O Município de Faro agrega quatro freguesias; a união de S. Pedro e Sé; e Montenegro; ambas de carácter urbano; e a união de Estoi e Conceição, e Santa Bárbara de Nexe, vincadamente rurais.

No que respeita ao uso do solo, constata-se que 89% de solo é rural e 11% é solo urbano, com cerca de 6994 hectares de espaços agrícolas (MunicípioFaro, 2015) em que os pomares de citrinos e as hortas predominam sobre os pomares e culturas de sequeiro.

O concelho de S. Brás de Alportel, compreendendo áreas de Serra e do Barrocal. Tal como se verifica é um território de cariz rural em que predominam, os matos, os pomares de sequeiro e a cultura do sobreiro, principal elemento da paisagem e da economia local em que a indústria da cortiça com 60% da produção a nível nacional (CNA, 2003), constitui uma marca de qualidade.

As alfarrobeiras, contribuem, também, para a imagem cultural, do concelho pela presença de pomares tradicionais que integram algumas árvores centenárias.

O concelho de Loulé, é o maior concelho do Algarve e integra distintas unidades de paisagem associadas ao litoral, ao barrocal e à serra.

O carácter rural do seu território interior está associado a formações de oliveiras (*Olea europaea*) e alfarrobeiras (*Ceratonia siliqua*) espécies que predominam no seu coberto vegetal (Abreu et al., 2004).

O município de Olhão, pertencente ao Sotavento Algarvio, e inscreve-se no Barrocal e Litoral, com relevo um pouco mais acidentado a norte onde salta à vista os típicos matagais mediterrânicos que se juntam na zona a sul com as áreas cultivadas com o característico pomar de sequeiro que se estende até à orla costeira integrada no Parque Natural da Ria Formosa, tendo a pesca como uma das suas referências identitárias (MunicípioOlhão, 2012).

O Município de Tavira, situado no Sotavento, abrange freguesias vincadamente rurais cuja população possui emprego graças à produção de azeite, amêndoa, alfarroba, vinho, figo e citrinos. (Diniz & Poeta, 2003).

O concelho de Tavira enquanto região portuguesa representativa da dieta mediterrânica vê as suas paisagens culturais, associadas à produção agrícola tradicional, nomeadamente ao pomar de sequeiro, mas também às atividades ligadas à pesca, às festas e romarias anuais, constituem um valioso património cultural material e imaterial.

5.4. CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS PONTOS DE INTERESSE NOS DISTINTOS CONCELHOS

Os critérios subjacentes ao traçado do roteiro apoiam-se sobretudo nos pontos de interesse e respetivos aspetos fundamentais associados à produção, transformação e consumo da alfarroba (Tabela 5.2).

Tabela 5. 2. - Os pontos de interesse que integra o roteiro com a respetiva localização e critérios.
Fonte: (Silveira, 2016).

| Estações | Localização | Critérios/Temas | | |
|---------------------------------------|--------------------|-----------------|---------------|---------|
| | | Produção | Transformação | Consumo |
| 0- Ponto de encontro | Faro | ----- | ----- | ----- |
| 1- Viveiros Mil Plantas | Olhão | ● | | |
| 2- Quinta da Parra | Olhão | ● | | |
| 3- Santo Estevão | Tavira | ● | | |
| 4- Fonte Salgada | Tavira | ● | | |
| 5- Trilhos de Caminhos | S.Brás de Alportel | ● | | |
| 6- Chorondo & Filhos | S.Brás de Alportel | | ● | |
| 7- Made in Loco | S.Brás de Alportel | | | ● |
| 8- "Natural.come" | S.Brás de Alportel | | | ● |
| 9-Fátima Galego | S.Brás de Alportel | | | ● |
| 10- Museu do Trajo | S.Brás de Alportel | ● | ● | ● |
| 11- Polo Museológico dos Frutos Secos | Loulé | ● | ● | ● |
| 12- Espargal | Loulé | ● | | |
| 13- Quinta do Freixo | Loulé | ● | | |

No âmbito da produção considerou-se quer o Viveiro Mil Plantas, Figura 5.10, no concelho de Olhão, local importante no âmbito da reprodução da espécie associado ao seu processo de desenvolvimento que compreende a germinação por semente e o desenvolvimento da planta em vaso, quer os pomares de sequeiro associados ao cultivo/plantação das árvores e ao seu



Figura 5. 10. - Viveiros Mil Plantas. Fonte: (Silveira, 2016).

desenvolvimento considerando o ciclo biológico: floração e frutificação. Nos pomares o visitante terá também contacto com as técnicas tradicionais associadas à colheita do fruto. Para que exista o contacto com a tradição serão organizadas visitas guiadas direcionadas para as técnicas e processos de cultivo e recolção através da partilha dos conhecimentos ligados ao varejo e à apanha da alfarroba, com a possibilidade de os visitantes poderem experimentar e vivenciar o referido processo.

Os pontos de interesse e aspetos fundamentais associados à transformação da transformação da alfarroba incidem fundamentalmente sobre as fábricas que de modo mais ou menos artesanal ou industrial procedem à trituração da alfarroba. Aqui o visitante poderá observar o processo de transformação da alfarroba: o triturado grosso, fino, a farinha de alfarroba, no setor recebe informação sobre a história do lugar, e destino do triturado. O visitante poderá experimentar sensorialmente o resultado do produto após a

trituração: textura, cheiro, cor, etc., podendo levar como recordação um pequeno saco de farinha de alfarroba.

Por último, o consumo alimentar de produtos regionais confeccionados com a alfarroba, determina que o roteiro integre os diferentes pontos de comércio (lojas, pastelarias, gelatarias) onde o visitante pode experimentar, saborear, degustar as iguarias de alfarroba e, também, adquirir os produtos e sabores preferidos.

Alguns dos pontos de interesse, apresentam detalhes a ter em atenção, principalmente os que estão ligados à produção, visto que, o período da colheita da alfarroba é sazonal e coincide com o Verão. Talvez a época mais indicada para efetuar o roteiro, sendo que por exemplo na Primavera a alfarroba está verde, podendo observar-se o fruto em fase de crescimento e, ainda, observar as amendoeiras em flor nos pomares mistos.

O Roteiro terá início em, Faro, local no contexto da área abarcada pelo roteiro, numa viagem em busca das tradições da alfarroba e das paisagens e património a ela associada.

Já em S. Brás de Alportel, o Museu do Trajo, Figura 5.11., mostra a indumentária dos trabalhadores rurais e é um elo de ligação à Rota da Cortiça. Funciona, ainda, como ponto de encontro, para iniciar ou terminar percursos considerando as distintas tipologias (roteiro grande, médio ou pequeno), uma vez que, o roteiro da alfarroba pretende

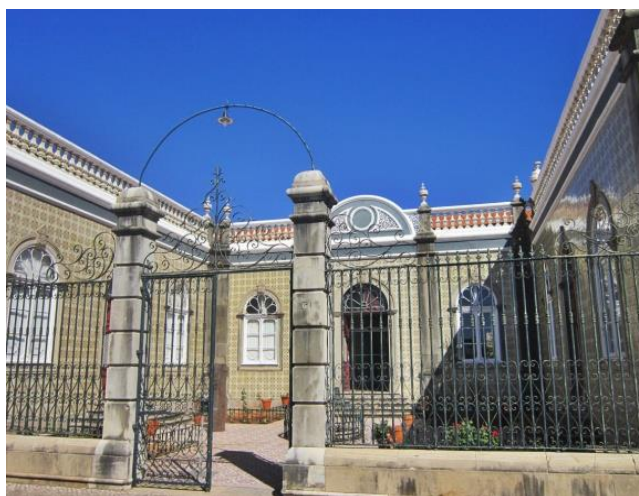


Figura 5. 11. - Museu do Trajo. Fonte: (Silveira, 2016).

estabelecer a ligação com a Rota da Cortiça é pertinente que alguns dos percursos tenham aqui o seu início e o seu fim para a posterior continuidade por ambos os roteiros numa "viagem" que une o Barrocal e a Serra, procurando-se que a ligação entre os dois roteiros permita dinamizar duas espécies características do Algarve, numa só viagem e contribuir para a perceção do território como um todo. Porém, tanto o Roteiro da Alfarroba como a Rota da Cortiça são independentes, e o visitante pode simplesmente optar por visitar apenas um deles.

A descoberta dos "Trilhos e Caminhos", Figura 5.12., relacionados com os pomares de alfarrobeira constitui um outro dos critérios para o traçado do roteiro. Estes trilhos estão integrados num percurso já existente e explorado



Figura 5. 12. - Alfarrobeira encaixadas por entre as fendas das rochas. Fonte: (Silveira, 2016).

pela Câmara Municipal de São Brás de Alportel, denominado "Caminhos e encruzilhadas de ir à Fonte" e inseridos na rede de percursos pedestres deste município. O Roteiro da Alfarroba terá assim a oportunidade de integrar a história e memória singular da paisagem do Barrocal junto à povoação da Mesquita.

Ao longo do percurso o "viajante" depara-se com os tradicionais muros de pedra solta, entre pomares mistos de sequeiro e vai até aos pomares estremes de alfarrobeiras com a sua tão característica geometria linear e até ao poço antigo (Câmara Municipal S. Brás Alportel, 2005)(Figura 5.13.).



Figura 5. 13. - Poço antigo, onde os visitantes se podem refrescar. Fonte: (Silveira, 2016).

Os pontos de interesse ligados à transformação da alfarroba (Figura 5.14), possibilitam o reconhecimento da história económica da região onde os frutos secos são parte da sua tradição e cultura, e em que a pequena a fábrica de Gregório Chorondo se destaca associada ao comércio ligado aos figos, à amêndoa, mas essencialmente à alfarroba. Com a instalação de um pequeno mecanismo de transformação de Alfarroba, a empresa evoluiu, hoje a



Figura 5. 14. - Triturado de alfarroba, das instalações de Chorondo & Filhos, Lda. Fonte: (Silveira, 2016).

empresa Chorondo & Filhos, Lda merece um lugar de destaque no âmbito nacional devido

ao Algarve ser o maior produtor de alfarroba do País, acabando por criar o cenário ideal para que a transformação da alfarroba em triturado e extração de semente (Chorondo & Filhos Lda, 2015).

A farinha de alfarroba destina-se ao uso culinário, e as sementes de alfarroba, e o triturado grosso de alfarroba para adubo e rações para animais. Um detalhe a ter em atenção é que na segunda quinzena de agosto e durante o mês de setembro o trabalho na fábrica aumenta o que condicionará visitas havendo a necessidade de as agendar consoante os fluxos de trabalho. Nesta pequena indústria de transformação da alfarroba o visitante terá contacto com todo o processo de trituração podendo ser apresentado com "pequenas bolsas" com o produto final daquele processo.

No âmbito dos critérios associados ao consumo que subjazem ao traçado do roteiro encontram-se os pontos de interesse culinário (bolos, licores, gelados, barrinhas) e venda de produtos confeccionados com base na alfarroba. A Made in Loco (Figura 5.15.), localiza-se no Mercado Municipal de São



Figura 5. 15. - Made in Loco. Fonte: (Silveira, 2016).

Brás de Alportel, é uma loja de venda de produtos locais, nos quais se englobam os confeccionados com alfarroba, onde os clientes têm ao seu dispor uma variedade de produtos de alta qualidade e se pode desfrutar dos sabores característicos de iguarias regionais.

Também no Mercado Municipal de S. Brás de Alportel encontra-se a gelataria, "Natural.Come" (Figura 5.16.), que produz e vende um dos sabores estrela dos seus gelados artesanais à base de alfarroba. A partir do uso da farinha da grainha da alfarroba como estabilizante, não contendo corantes nem conservantes.



Figura 5. 16. - - Gelado de Alfarroba e Baunilha da gelataria Natural.Come . Fonte: (Silveira, 2016).

Também os doces de alfarroba da pastelaria de Fátima Galego, Figura 5.17., integram o roteiro. Os conhecimentos, segredos e sabores transmitidos pela sua avó, enquanto doceira convencional, contribuíram para o sucesso das suas criações gastronómicas. É na sua Quinta dos Tesouros que procede ao fabrico de doçaria típica destinada à venda no seu próprio estabelecimento comercial e noutros estabelecimentos como



Figura 5. 17. - Instalações e preparação das iguarias à base de alfarroba de Fátima Galego. Fonte: (Silveira, 2016)

restaurantes, lojas tradicionais, pastelarias. Aqui o "turista" poderá contemplar uma alfarrobeira centenária, Figura 5.18., degustar os doces típicos regionais, como os bolos de amêndoa, alfarroba e figo ou as tortas e bolachas de alfarroba e mel. Estes doces registados de excelente qualidade fazem com que os turistas procurem a pastelaria percorrendo para isso por vezes dezenas de quilómetros. Por outro lado, o famoso e ilustre licor de Alfarroba registado como Ouro do Barrocal é resultado da recente valorização da grainha da alfarroba, que pelas suas características naturais, corresponde a um autêntico "tesouro gastronómico".



Figura 5. 18. – Alfarrobeira centenária no jardim do estabelecimento de Fátima Galego. Fonte: (Silveira, 2016).

Os critérios associados à produção, transformação e consumo da alfarroba determinaram a integração no roteiro do Polo Museológico dos Frutos Secos, localizado na cidade de Loulé, Figura 5.19.

O visitante tem aqui a oportunidade de contactar com antigas máquinas de trituração de amêndoa e alfarroba, relacionadas com o processo de



Figura 5. 19. – Polo Museológico dos Frutos Secos. Fonte: (Silveira, 2016).

transformação e comércio destes frutos secos (TurismoPortugal, 2013), e neste sentido,

com simbologias e hábitos associados à memória da agricultura e da economia rural algarvia.

No caminho entre o Polo Museológico dos Frutos Secos, e a Quinta do Freixo encontra-se o Espargal, Figura 5.20., ponto dominante da paisagem que permite ao viajante obter uma excelente vista dos pomares de alfarrobeiras, ainda que se encontre na estrada.



Figura 5. 20. – Espargal. Fonte: (Silveira, 2016).

A Quinta do Freixo (Figura 5.21.), encontra-se localizada entre a Serra e o Barrocal e no Algarve é considerada a maior exploração agrícola. Considerando a produção de culturas arvenses, de regadio e sequeiro, floresta e culturas arbóreas. Está associada simultaneamente à transformação e consumo de bens alimentares de cariz artesanal e produzidos na própria Quinta, sem qualquer adição de conservantes, nomeadamente compotas. Tendo o visitante direito a uma oferta, de plantas e ervas típicas da zona para



Figura 5. 21. - Quinta do Freixo. Fonte: (Silveira, 2016).

a elaboração de tisanas e chás de ervas aromáticas, como o tomilho e o poejo (Freixo, 2016).

Também a Quinta da Parra, (Figura 5.22.), que se localiza em Moncarapacho, assume uma posição de relevo no reconhecimento do valor cultural e patrimonial da alfarrobeira, vinculada pela existência da maior *Ceratonia siliqua L.* de Portugal, com cerca de 600 anos e classificada pela Autoridade Florestal Nacional (AFN) (ÁrvoresPortugal, 2009), e considerada pelo Instituto da Conservação da Natureza e das



Figura 5. 22. – Quinta da Parra. Fonte: (Silveira, 2016).

Florestas (ICFN) uma árvore monumental de Portugal enquanto exemplar de beleza

singular e rara, ligada ao espólio paisagístico, um vestígio da história, identidade e memória da cultura portuguesa (ICNF, 2001). Esta alfarrobeira tem uma altura de 14 metros, um tronco com um perímetro à altura do peito de 13,40 metros, que ostenta várias cavidades atingindo uma escala elevada e fora do comum e o seu diâmetro de copa tem 19 metros (ÁrvoresPortugal, 2009).

O visitante centra a sua atenção nesta árvore que se destaca pela sua singularidade, avistando-se ao longe, assume uma posição de destaque, enquanto componente marcante da paisagem e identidade da região (ICNF, 2001).

No concelho de Tavira, salientam-se dois pontos de interesse em Santo Estevão (Figura 5.23.) e na Fonte Salgada (Figura 5.24.), cuja população, vive do "que a terra lhes dá" sendo de realçar a produção de citrinos, de figos, e de alfarroba, que impulsiona a economia local e participam na sua alimentação e dieta através de confeções antigas, que vão do pão caseiro e enchidos tradicionais aos doces tradicionais de figo, amêndoa e alfarroba (MunicípioTavira, 2016).



Figura 5. 23. – Santo Estevão. Fonte: (Silveira, 2016).

Tanto Santo Estevão como a Fonte Salgada têm paisagens singulares ligadas aos pomares de sequeiro. Onde o viajante poderá observar as alfarrobeiras nos pomares tradicionais dos que se destaca, como especial ponto de interesse, o pomar tradicional do Senhor Fernando Prazeres.

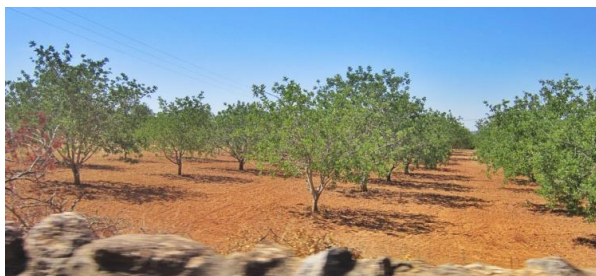


Figura 5. 24. – Fonte Salgada. Fonte: (Silveira, 2016).

5.5. O ROTEIRO DA ALFARROBA ENQUANTO MEIO DE DESCOBERTA DA PAISAGEM E DO PATRIMÓNIO

Para a definição do Roteiro da Alfarroba no Algarve subjaz uma ideia que vincula o viajante/turista/excursionista a um modo particular de olhar, sentir e vivenciar os espaços, as tradições e as pessoas durante a realização do roteiro, " viagens, não é que se quebre, mas enreda-se o fio das histórias e das observações por tal modo, que, bem o vejo, e o sinto, só com muita paciência se pode deslindar e seguir em tão embaraçada meada" (Garret, 1973, p. 31).

Neste sentido, os turistas partem para o Roteiro na procura da identidade, "imagens", espaços, conhecimento e cultura associada às paisagens que percorrem. Nesta perspetiva o turista tem o prazer de comunicar com a natureza na procura de harmonia na presença de "cenários tradicionais", que motivam a aventura e a descoberta do território e das pessoas que o habitam. O estímulo do viajante além da preocupação ecológica e do interesse pelo património é interagir com a população local e os seus costumes e tradições. Todo este envolvimento tornará possível o desenvolvimento de uma nova forma de praticar um turismo cultural e inclusivo tendo o roteiro como meio de aproximação e contacto com uma realidade rica em histórias e memórias. Fazer um roteiro é muito mais que passear, que viajar, alimenta o espírito de liberdade faz recuar-nos até ao passado, até às comunidades tradicionais, visitando as construções mentais e possibilita o contacto cultural (Serrano & Bruhns, 1997).

" Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto e saber-lhe o sentido.
Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na herva
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz"

(Pessoa, Reis, Campos, & Cunha, 1994, p. 58)

Explorar o território através do roteiro é abrir asas à aventura, ao misterioso, ao desconhecido, numa ânsia de encontrar inesperadas situações e desafios, efetuados numa viagem, num percurso pela magia do encontro com o passado e das imagens mentais

vistas em livros. Mas não é apenas o passado que a mente busca, o futuro está presente pela imaginação, por isso ao efetuar um roteiro cada indivíduo depara-se com imagens, conhecimentos, que nunca havia imaginado ou nem saberia a sua existência. Neste sentido, o ato de efetuar uma determinada viagem acaba por realizar sonhos criados desde pois como afirma Cyntia Mendes "Viajar é um som harmonioso que vibra em nossas mentes com a possibilidade de descobrir novos caminhos e trilhar a nós mesmos, com mais consciência e lucidez" (Netto & Gaeta, 2010, p. 106). .

O roteiro é nesta perspectiva a chave de abertura à exploração e descoberta do território, através da imersão do caminhante ou viajante na história e na cultura da região, processo que necessita de tempo para possibilitar o envolvimento e a contemplação da paisagem.

Se hoje, é um desafio ordenar o território, de modo sustentável, considerando a preservação dos valores patrimoniais, culturais e identitários a intervenção do homem na paisagem, nomeadamente através do desenvolvimento do setor turístico em áreas do Barrocal e Litoral, exige a salvaguarda das paisagens tradicionais e do património cultural enquanto recursos potenciadores ao desenvolvimento regional.

Na realidade do Algarve estão presentes problemas de várias ordens, desde o abandono de áreas agrícolas no Barrocal à degradação paisagística e patrimonial e à sazonalidade e concentração turística intensiva no Litoral, principalmente nos meses de verão, devido às condições climáticas e estabilidade política comparativamente a outros países com a população a aumentar quatro vezes mais que o número normal (Guerreiro, 1991).

Perante este cenário o roteiro da alfarroba enquanto recurso para o turismo rural e cultural poderá contribuir para a coesão territorial e social potenciando o turismo inclusivo e sustentável com conexões profundas à paisagem tradicional presentes no Barrocal e no Litoral, e como alternativas ou complemento ao turismo balnear. Neste sentido, o Roteiro da Alfarroba apoia-se no facto de a alfarrobeira ser uma espécie que no Algarve está ligada à Rede Natura 2000, definida como uma rede ecológica, com o fim de assegurar e conservar as espécies e habitats mais ameaçadas da Europa, de modo duradouro, e assim atenuar a perda de biodiversidade, protegendo-a e valorizando-a pelo que, "constitui o principal instrumento para a conservação da natureza na União Europeia". O Roteiro da Alfarroba apoia-se na ideia de que o Homem deve ter em atenção as suas ações e intervenções respeitando e preservando as componentes e elementos que

existem nas áreas protegidas, com o objetivo de promover uma gestão sustentável de acordo com os fatores ecológicos, sociais e económicos (ICNF, 1992).

O Plano Setorial da Rede Natura 2000, engloba o Barrocal, enquanto área ocupada por parcelas agrícolas, maioritariamente o pomar tradicional de sequeiro, e neste sentido estará conectado com o Roteiro da Alfarroba em áreas dos Concelhos de, Loulé e S. Brás Alportel (Tabela 5.3).

Tabela 5.3. - A Rede Natura 2000, no Barrocal. Fonte: (ICNF, 2005).

| CONCELHOS | ÁREA (ha) | % DO CONCELHO CLASSIFICADO | % DO SÍTIO NO CONCELHO |
|----------------------------|------------------|-----------------------------------|-------------------------------|
| Loulé | 17767 | 23% | 85% |
| S. Brás de Alportel | 550 | 4% | 3% |

No contexto do Roteiro da Alfarroba entende-se que "O fim duma viagem é apenas o começo doutra... É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já" (Saramago, 1997, p. 387).

As pessoas que conhecem a paisagem, que a habitam, ao percorrerem a paisagem através de uma rota, têm apreciações distintas das pessoas que não conhecem a paisagem e que a estão a percorrer pela primeira vez (Cardoso & Tavares, 2013). A paisagem compreende a lógica e a ideia espaço-temporal associada a uma maneira do Homem habitar o mundo, habitar num determinado lugar onde há histórias, onde há ritmos e que detém identidade e significado (Cardoso & Tavares, 2013). Apesar do meio rural na maioria das vezes ser associado exclusivamente à agricultura é muito mais que isso, sendo que no espaço rural o homem pode contactar e conviver abertamente com os elementos naturais (Gameiro, 2012).

Descobrir o desconhecido, o "turista" está ligado ao desvendar do misterioso, às surpresas vividas no momento e às respostas adquiridas em cada local (Mesquita, 1986), no pressuposto de que quer realizar uma viagem é enfrentar novos desafios e deles resultam num novo modo de observar, olhar a paisagem de a sentir e experienciar (Cardoso & Tavares, 2013).

Com efeito, se o comboio confere aos olhos humanos um novo modo de olhar, de ver também percorrer o roteiro a pé ou de veículo proporciona ao viajante novas formas de interpretar a paisagem e o património.

5.6. O ROTEIRO DA ALFARROBA: PROPOSTA DE TRAÇADO, DIVULGAÇÃO E PERSPETIVAS DE FUTURO

Este capítulo tenciona revelar a proposta de traçado do roteiro, o processo de "execução", os métodos de divulgação e as perspetivas futuras do roteiro considerando os distintos benefícios a ele associados em prol da sustentabilidade ecológica e socioeconómica dos pomares de alfarrobeira. O roteiro é considerado um elo unificador de todos os pontos de interesse, relacionados quer com o valor paisagístico e patrimonial da alfarrobeira, e com o valor nutricional da alfarroba, quer com a história e cultura locais apoiando-se em estradas, caminhos e trilhos já existentes que possibilitam a observação e o reconhecimento de relação harmoniosa e equilibrada entre o homem e a paisagem.

"A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa" (Saramago, 1997, p. 387).

O Roteiro da Alfarroba pretende conectar símbolos característicos do Algarve pela conjugação de uma diversidade de imagens, estórias, expressões, memórias e tradições (Figura 5.25.), em que o protagonismo da identidade paisagística e patrimonial da produção agrícola, que narram a história dos lugares e dos modos de vida. Constituem potencialidades no que respeita à atração turística.

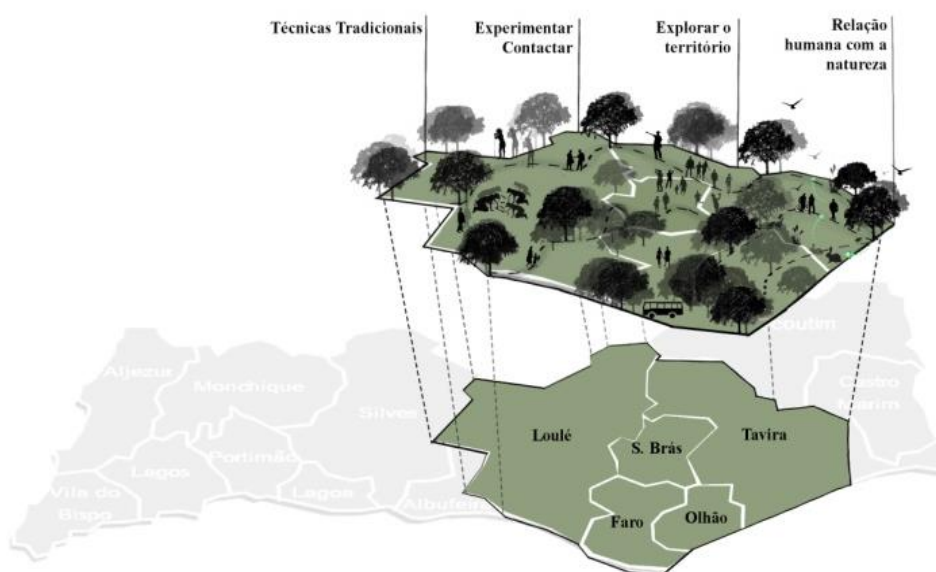


Figura 5. 25. - As ideias a desenvolver na elaboração do roteiro. Fonte: (Silveira, 2016).

No Roteiro da Alfarroba o padrão paisagístico mediterrânico resulta da expressão agrária, da economia rural e de subsistência entendido como um sistema onde tudo se mistura e se compõe numa unidade original.

Neste âmbito, o roteiro da alfarroba, constitui uma estratégia e uma nova forma de valorizar, ver e conhecer os lugares e as paisagens associadas à identidade algarvia. Através de um roteiro que se inscreve no turismo rural, cultural e de natureza enquanto elemento de descoberta do território e paisagem rural, abrem-se portas a uma nova apreciação e visão da região e da sua cultura através da criação de condições estimuladoras à exploração dos pomares, dos lugares, dos produtos e das técnicas tradicionais, conduzindo ao enriquecimento social e cultural da região algarvia.

O roteiro da alfarroba no Algarve pretende como a maioria dos roteiros "ligações culturais, percursos que, lado promovam a aproximação com as populações locais, abrindo espaço à partilha de saberes e testemunhos e à história, e memória do lugar" (Silva, 2015, p. 1 e 2). Neste sentido, o Roteiro da Alfarroba irá permitir a ligação entre o património material e imaterial, através do envolvimento dos visitantes/turistas com as populações locais, as suas tradições e costumes no âmbito da vida rural e de tudo o que diz respeito à história e cultura da alfarrobeira.

O roteiro pelo fato de proporcionar partilha de saberes de acordo com o estilo de vida algarvio considera a salvaguarda e valorização patrimonial da cultura portuguesa (Covas et al., 2015). O contacto não se faz apenas através da observância dos aspetos naturais e culturais da paisagem das conversas com os residentes, compreende também a exploração, participação e pelo experimentar das atividades associadas às distintas fases da "cultura da alfarroba". Quando se fala experimentar, referimo-nos ao tocar no fruto ainda na árvore, de poder varejar a árvore, de poder realizar a apanha, de poder transportar as alfarrobas na saca de linhagem antiga. A partir desta vivência os visitantes enriquecem as suas ideias e conhecimentos através de uma nova experiência.

O Roteiro da Alfarroba, compreende uma grande diversidade de ambiências ao longo do seu trajeto que vão variando consoante as estações do ano de uma paisagem mais seca com alfarrobas maduras no Verão onde se realiza a apanha e o varejo ou as alfarrobas verdes na Primavera, com os campos floridos e a água a correr nos ribeiros. Por outro lado, a implementação do roteiro para a população local significa o regressar às origens, às raízes, no sentido em que as tradições passadas se retomam ao presente projetando-se para o futuro. A sequência dos pontos de interesse ao longo do roteiro segue o processo completo associado à alfarroba, à produção, transformação e consumo. Para

que este objetivo fosse cumprido, tornou-se imprescindível "dividir" o roteiro em três trechos distintos: Roteiro Grande, Médio e Pequeno. E ainda subdividir o Roteiro Médio, em Roteiro Médio Este e Roteiro Médio Oeste, resultando num total de quatro percursos de distâncias e durações diversas postas à disposição do viajante, considerando o seu gosto pessoal e interesses particulares no que respeita aos distintos tipos de paisagem e produtos gastronómicos associados aos diferentes pontos de interesse do roteiro.

No âmbito programático, o roteiro tenciona preservar a "imagem" característica de cada lugar, promovendo a incentivação ao uso tradicional dos recursos locais, material e imaterial, mas também do ponto de vista criativo apelando à inovação e aplicação em novos usos e no fabrico de novos produtos. O roteiro permite a (re)descoberta da paisagem, da planície Litoral e do Barrocal algarvio interagir com a gente local participando nos rituais e nas festas caracterizadoras dos seus modos de vida e tradição, e promove a estadia e o consumo por parte dos "turistas" nacionais e estrangeiros contribuindo para o desenvolvimento local.

No que respeita à realização e usufruto do roteiro através de visitas guiadas as marcações das viagens do roteiro da alfarroba, serão efetuadas por via online através do site "Roteiro da Alfarroba", ou então através do número de telefone que se encontrará no site. Através desta ferramenta o viajante, poderá reservar a sua viagem. Variando o seu preço de acordo com o percurso a realizar e o meio de transporte utilizado (Tabela 5.4. e Tabela 5.5.), sendo mais baixos se a viagem for em grupos de mais de 4 pessoas.

Tabela 5. 4. - Proposta de preço dos percursos de roteiro. Fonte: (Silveira, 2016).

| Roteiro/Percurso | Duração | Preço p/ pessoa | |
|---------------------|---------------------|------------------|---------|
| | | Adultos/Seniores | Jovens |
| Roteiro Grande | 1 dia | 50,00 € | 30,00 € |
| Roteiro Médio Este | Uma Manhã/Uma Tarde | 20,00 € | 10,00 € |
| Roteiro Médio Oeste | Uma Manhã/Uma Tarde | 20,00 € | 10,00 € |
| Roteiro Pequeno | Uma Manhã/Uma Tarde | 10,00 € | 5,00 € |

Os preços sugeridos não incluem hospedagem, alimentação ou quaisquer aquisições por parte do viajante, sendo que as crianças com idades inferiores a 10 anos não pagam. O modo de gestão dos transportes motorizados para efetuar o roteiro, será de

acordo com o número de visitantes, envolvendo as empresas do algarve de aluguer de veículos.

Tabela 5. 5. - Número de visitantes, respetivas hipóteses de transporte e ainda alguns empresas de aluguer de veículos no Algarve e os veículos ao seu dispor. Fonte: (Silveira, 2016).

| Número de Visitantes | Hipóteses de transporte dos viajantes | Empresas de Aluguer de veículos | Veículos e Lugares |
|-----------------------------|--|---------------------------------|--|
| Individual ou até 9 pessoas | 1 Carro de 5 lugares ou carrinha de 9 lugares | Transtrigos Algarve | Aluga veículos com: 9, 24, 27, 51 e 55 lugares |
| Grupos de 10 - 20 | Autocarro de 24 lugares | Transol | Aluga veículos com: 8, 16, 24, 40, 49, 51, 53, 55 e 59 lugares |
| Grupos de 20-30 | 1 Autocarro de 27 lugares + 1 carro de 5 lugares | Rent-A-Car | Aluga veículos: 2, 5 lugares |

Relativamente aos horários de funcionamento, serão de Segunda-Feira a Sexta-Feira. Através do trabalho de campo, constatou-se que percorrer o Roteiro Grande ocupa um dia inteiro, tendo início às 09:00h da manhã e terminar às 18:00h, Tabela 5.6., com pausa para o almoço entre as 13:00h e as 14:30h. Neste sentido, percorrer uma manhã ou uma tarde, envolve o Roteiro Médio Este, o Roteiro Médio Oeste e o Roteiro Pequeno, demorando cerca de 4horas, com meia hora de tolerância, para uma maior apreensão da paisagem e do que os "pontos de interesse" oferecem ao visitante.

Tabela 5. 6. - Horário de funcionamento e duração dos percursos. Fonte: (Silveira, 2016).

| | Horários |
|-----------|---------------|
| 1 Dia | 09:00h-18:00h |
| Uma manhã | 09:00-13:30h |
| Uma Tarde | 14:30-18:00h |

5.6.1. ROTEIRO GRANDE

Até se obter o traçado final do roteiro houve várias propostas de traçado entre as quais, o esquema e simulação do roteiro que se anexa (Anexo I).

O Roteiro Grande será realizado na sua maioria por veículos motorizados, uma vez que, a distância entre os pontos de interesse é significativa perfazendo o "percurso" cerca de 150 Km, Figura 5.26.

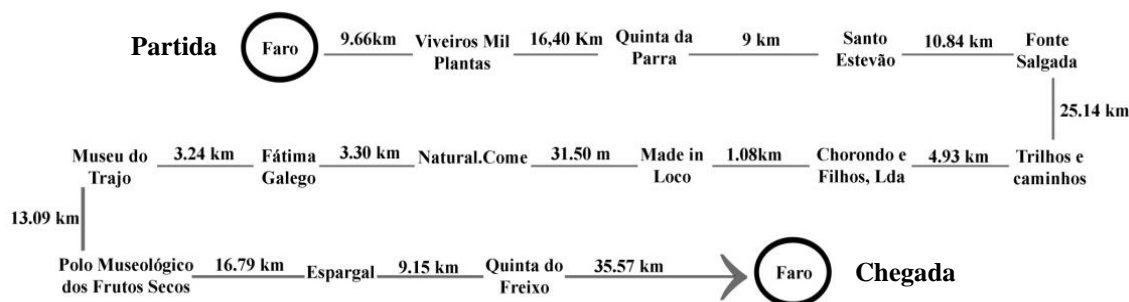


Figura 5. 26. - Esquema da distância entre os pontos de interesse. Fonte: (Silveira, 2016).

O Roteiro Grande abrange os cinco concelhos referidos anteriormente; Faro, S. Brás de Alportel, Loulé, Olhão e Tavira e conecta todos os pontos de interesse: os Viveiros Mil Plantas, a Quinta da Parra, ambos pertencentes ao município de Olhão; Santo estevão e Fonte Salgada ambos em Tavira; Os Trilhos e Caminhos, Chorondo & Filhos, Lda, a Made in Loco, a "Natural.Come", a Fátima Galego e o Museu do Trajo, no concelho de S. Brás de Alportel e por último, o Polo Museológico dos Frutos Secos, Espargal e a Quinta do Freixo pertencentes a Loulé.

A "viagem" é maioritariamente efetuada por veículos motorizados, não impedindo o viajante de caminhar e explorar o território-paisagem, quer em contexto urbano, quer rural em situações propícias para isso.

Cada indivíduo ao percorrer a "rota", terá diferentes interpretações e sensações do espaço enriquecendo o seu mundo emocional e os seus conhecimentos sobre o mundo rural. O sentimento de passar por uma paisagem, de experimentá-la, de observá-la, de apreendê-la difere do sentimento de vivência dessa paisagem, desse local (Silva, 2015).

O Roteiro Grande da Alfarroba terá início em Faro, onde o guia turístico fará uma receção aos visitantes, com uma breve introdução da visita, e onde serão distribuídos os desdobráveis informativos sobre os aspetos essenciais da viagem que acabará em Faro, no local onde teve início.

O viajante irá em direção aos Viveiros Mil Plantas, Figura 5.27., no concelho de Olhão, que corresponde a um lugar de observação das primeiras etapas de vida da alfarrobeira, a sua germinação, a árvore jovem em vasos, aspetos da sua produção, para posterior cultivo nos campos de produção agrícola. Constituindo os tradicionais pomares. Os técnicos (engenheiros agrícolas, arquitetos paisagistas) e o guia turístico, farão uma breve introdução das técnicas de sementeira e da plantação desenvolvida nos viveiros falarão do papel e da importância dos pomares de alfarrobeira, de modo a estimular o interesse e respeito por esta árvore que simboliza parte do património algarvio. O primeiro contacto do viajante com a alfarrobeira nos viveiros de produção desta espécie permitirá que ele perceba a sequência e evolução do seu desenvolvimento vegetativo.



Figura 5. 27. - Viveiros Mil Plantas - Alfarrobeiras jovens. Fonte: (Silveira, 2016).

O próximo ponto de interesse será a Quinta da Parra, ainda em Olhão, onde uma alfarrobeira monumental e classificada como património a maior alfarrobeira de Portugal é contemplada de modo pedonal pelo viajante que percorre a Quinta em direção ao "monumento vivo". Ao caminhar lentamente pelo "percurso", sem stress, agitação ou preocupações, envolvido na atmosfera campestre e bucólica o visitante tem a oportunidade de admirar o gigante ícone característico do pomar de sequeiro localizado no centro de um pomar de citrinos enquanto testemunho histórico da paisagem algarvia e referência que vincula o Homem e a terra. Após a aprendizagem sobre a dimensão e história de vida desta árvore fenomenal o viajante segue o seu caminho em direção a Santo Estevão, Figura 5.28. e à Fonte Salgada, Figura 5.29., em Tavira, onde poderá observar os campos de alfarrobeiras em toda a sua plenitude, e onde agricultores

conhecedores da tradição antiga ("organizados" pelo município de Tavira), ensinarão ao viajante a varejar, e a técnica tradicional da apanha do fruto.

Presenteados com os valores tradicionais os viajantes continuam o seu caminho, agora até S. Brás de Alportel, em direção aos Trilhos e Caminhos, Figura 5.30., situados na zona da Mesquita para uma experiência distinta praticada a pé, por uma diversidade de veredas e atalhos, aproximando o viajante da "magia" dos pomares e da sua envolvente natural. A opção destes trilhos e caminhos, por entre os campos

tradicionais de sequeiro, onde a alfarrobeira e os muros de pedra são elementos marcantes na paisagem, acabam por motivar o viajante na busca pela contemplação deste espaço rural em lugares únicos. Esta rede de trilhos e de caminhos entre pomares tradicionais de sequeiro, nomeadamente alfarrobeiras antigas e jovens, carregadas de frutos, prontos para "embarcar na viagem" da comercialização até ao consumo, convidam o viajante a observar, a contactar com as técnicas tradicionais do varejo e da apanha. Aqui deparam-se com os trabalhadores agrícolas que (no verão) com varas compridas batendo nas alfarrobeiras e fazem cair as alfarrobas, cuja recolção é feita por mulheres, de joelhos no chão. Aqui existe tempo para o envolvimento e a interação social, para a troca de palavras e de saberes, para a descoberta, para o conhecimento e para a aventura. O experimentar singular deste processo tradicional, despertará sensações físicas e emocionais inesquecíveis associadas não apenas ao "íntimo" pessoal como também à paisagem. Nestes trilhos e caminhos cada indivíduo perceberá qual o seu ritmo ao longo da caminhada ao som do vento, do canto



Figura 5.28. – Santo Estevão. Fonte: (Silveira, 2016).



Figura 5.29 - Fonte Salgada. Fonte: (Silveira, 2016).



Figura 5.30. - Trilhos e Caminhos entre os pomares de sequeiro e os muros de pedra tradicionais. Fonte: (Silveira, 2016).

dos pássaros, explorando o território individual e coletivamente à descoberta destes tesouros escondidos do Algarve. Em S. Brás de Alportel o roteiro poderá ser efetuado por um veículo motorizado, a pé ou ainda de bicicleta.

Após os pontos de interesse ligados à produção o roteiro compreende agora um ponto de interesse associado à transformação da alfarroba, a empresa Chorondo & Filhos, Lda, Figura 5.31., que mostrará ao turista os produtos resultantes da trituração deste fruto, quais os seus fins e a história desta antiga fábrica com esclarecimentos do histórico mecanismo utilizado na trituração e transformação do fruto e da sua polpa em farinha e outros produtos para a ração do gado e a fertilização dos terrenos agrícolas. Neste ambiente as sensações humanas privilegiadas são sem dúvida o olfato e o tato, o aroma a alfarroba triturada e o toque nas diferentes texturas da alfarroba nos trituradores, estimulam o pensamento do visitante perante os diferentes "destinos" da alfarroba. O visitante terá direito a uma oferta por parte desta empresa que consta numa amostra de alfarroba triturada. Percebido o processo de transformação, chegou agora o momento de visitar a loja Made in Loco no Mercado Municipal, onde poderá receber informação sobre produtos regionais confeccionados com farinha de alfarroba e proceder à sua compra. Aqui o visitante terá a oportunidade de através dos sabores e dos paladares tradicionais reencontrar-se com o património rural que acabou de contactar diretamente nas primeiras etapas do roteiro. Experiência que poderá potenciar ali mesmo ao lado na "Natural.Come", Figura 5.32., onde poderá deliciar-se com os fantásticos gelados artesanais de alfarroba e baunilha. Experimentados os saborosos gelados de alfarroba, falta ainda conhecer as deliciosas iguarias e doces regionais de alfarroba criados e produzidos por Fátima Galego, Figura 5.33., uma pioneira da doçaria e do fabrico de licores de alfarroba no Algarve.



Figura 5. 31 - Mecanismo de trituração da alfarroba na fábrica Chorondo & Filhos, Lda. Fonte: (Silveira, 2016).



Figura 5. 33 - "Natural.Come" Fonte: (Silveira, 2016)



Figura 5. 32 – Instalações Fátima Galego (Silveira, 2016).

Em ambos os locais o viajante pode-se deliciar com as iguarias tradicionais, contactar com os próprios elementos culturais inscritos nos alimentos, que constituem parte da gastronomia algarvia e da dieta mediterrânica. Depois de provar os bolinhos de alfarroba, os licores, as tartes, sentados à sombra da alfarrobeira centenária, presente neste estabelecimento, motiva o viajante e a viagem continua até ao Museu do Trajo, onde terá dois caminhos alternativos continua a sua viagem no roteiro da alfarroba e vai até Loulé, ou opta por seguir a Rota da Cortiça. Após uma breve visita ao Museu do Trajo o viajante que optou pelo roteiro da alfarroba, dirigir-se-á ao Polo Museológico dos Frutos Secos, Figura 5.34., que reúne informação global sobre as três fases associadas à cultura da alfarrobeira e o consumo, bem como, as memórias ligadas à alfarrobeira. Assimilada toda a informação dirigem-se até ao Espargal e à Quinta do Freixo, pontos de interesse vinculados ao caráter produtivo onde o visitante para além do contacto com os pomares, através de percursos pedestres, poderá ficar hospedado (Quinta do Freixo), o roteiro continua acabando em Faro, onde a viagem teve início.

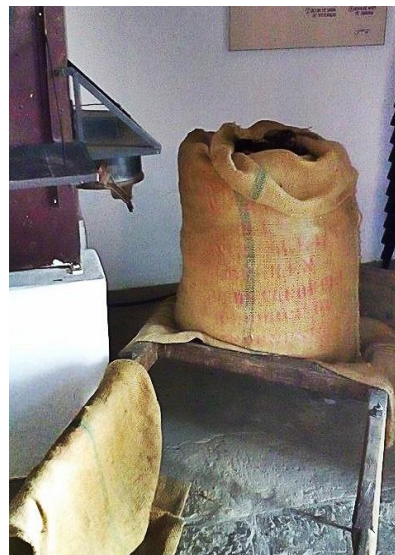


Figura 5. 34. – Polo Museológico dos Frutos Secos. Fonte: (Silveira, 216).

Mas a caminhada não acaba aqui, a viagem contínua e o Roteiro Grande desdobra-se em novas oportunidades de escolha, originando o Roteiro Médio Este, Roteiro Médio Oeste e o Roteiro Pequeno.

5.6.1.1. ROTEIRO GRANDE: PEÇA 1



5.6.2. ROTEIRO MÉDIO

A opção do visitante poderá ser a de não percorrer o Roteiro Grande focando o seu interesse apenas numa das suas partes acabando por escolher fazer o Roteiro Médio num dos dois sentidos: Este ou Oeste.

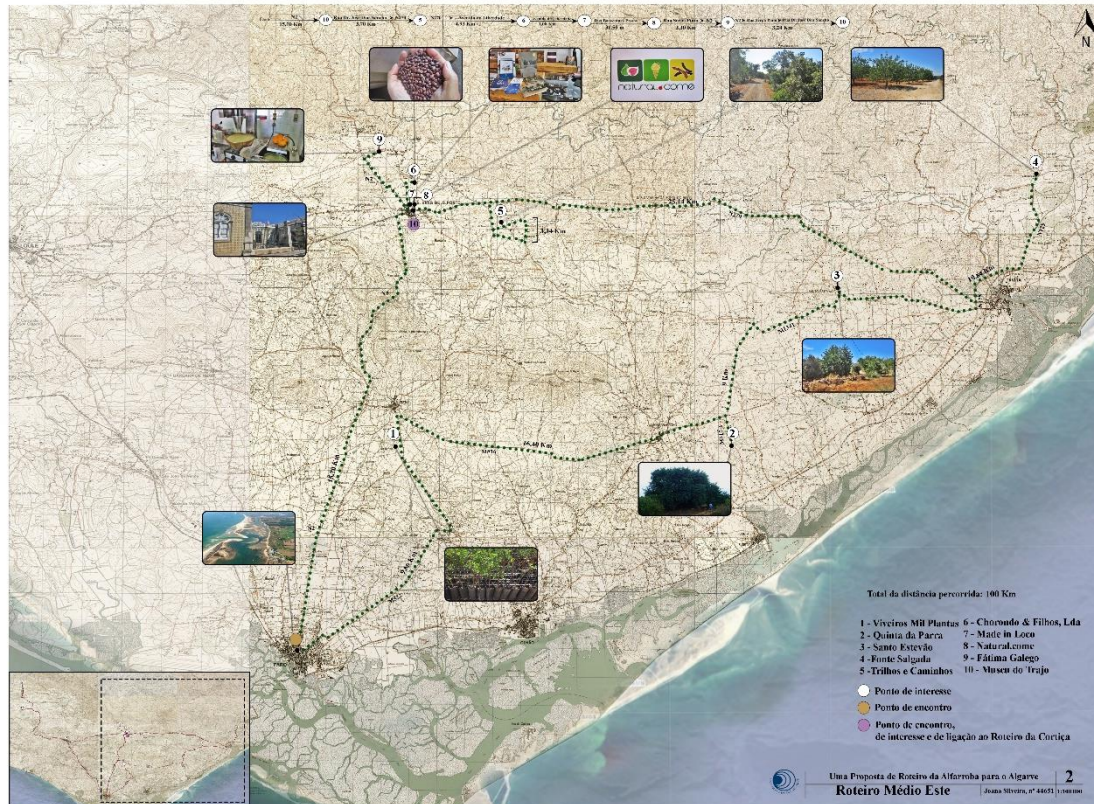
O Roteiro Médio Este, percorre os concelhos de Faro, Olhão, Tavira e S. Brás de Alportel, terá partida em Faro e percorrendo áreas do Litoral e do Barrocal compreenderá paragens nos Viveiros Mil Plantas, na Quinta da Parra, em Santo estevão e Fonte Salgada coincidirá com os Trilhos e Caminhos, e levará os visitantes à empresa Chorondo & Filhos, Lda, e aos estabelecimentos comerciais, Made in Loco, "Natural.Come", Fátima Galego e terminará no Museu do Trajo, onde se ligará à Rota da Cortiça ou, ainda, seguir até Faro e terminar a "viagem".

A duração deste percurso é de uma manhã ou uma tarde, de acordo com a escolha do visitante e a distância percorrida é cerca de 100 quilómetros.

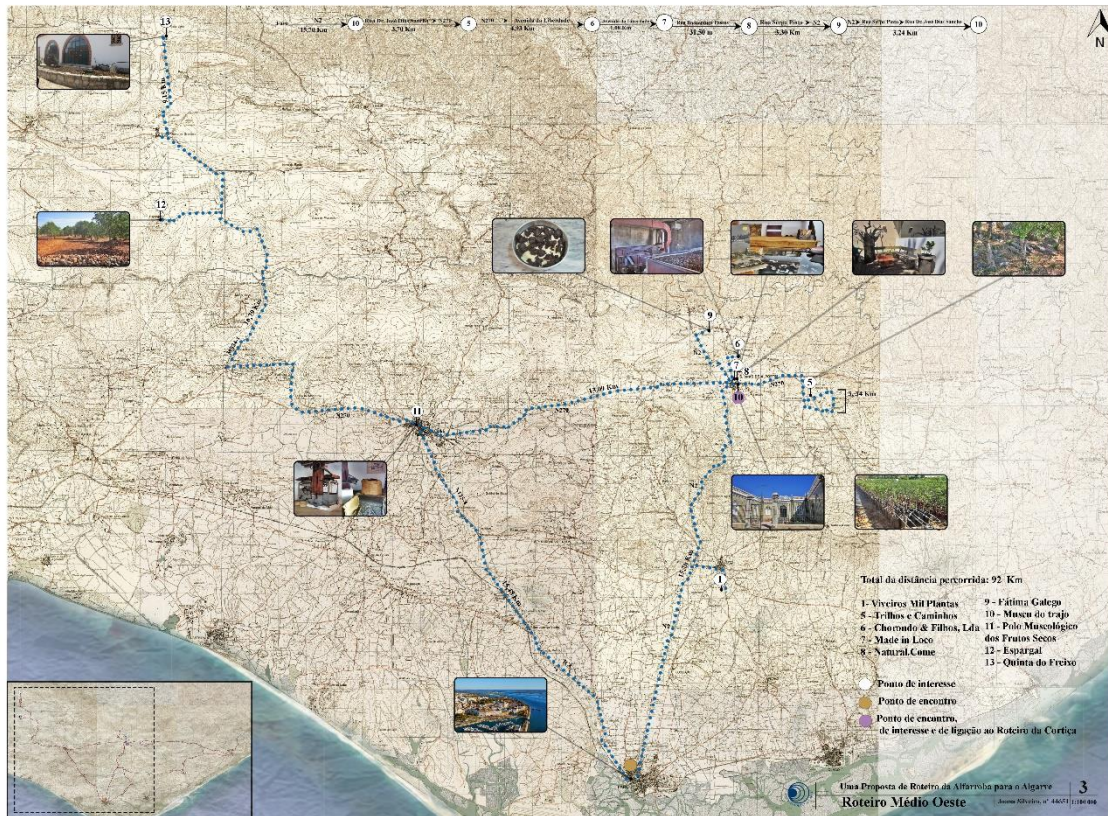
Por outro lado, o Roteiro Médio Oeste, coincide em parte com o anterior e atravessa os concelhos de Faro, Olhão, S. Brás de Alportel e Loulé. Também se inicia em Faro segue até aos Viveiros Mil Plantas no concelho de Olhão, continua em direção a S. Brás de Alportel, mais precisamente aos Trilhos e Caminhos explorados pelo viajante, leva-os à empresa de trituração Chorondo & Filhos, Lda, seguida da visita à loja Made in Loco, à gelataria "Natural.Come", à pastelaria de Fátima Galego e ainda até ao Museu do Trajo, onde o turista contará com uma explicação e vídeo promocional da paisagem algarvia e da cultura da alfarrobeira e do seu fruto, continuando até ao concelho de Loulé caso não opte pela Rota da Cortiça, para visitar o Polo Museológico dos Frutos Secos, os pomares de alfarrobeira do Espargal e provar e comprar as compotas de alfarroba da Quinta do Freixo, para terminar a "viagem" em Faro.

A duração prevista deste percurso é uma manhã ou uma tarde, dependendo da escolha do visitante, sendo a sua distância total cerca de 92Km.

5.6.2.1. ROTEIRO MÉDIO ESTE: PEÇA 2



5.6.2.2. ROTEIRO MÉDIO OESTE: PEÇA 3



5.6.3. ROTEIRO PEQUENO

O Roteiro Pequeno, incide apenas no concelho de S. Brás de Alportel correspondendo a um percurso de carácter pedonal, ou ciclável com um nível de dificuldade fácil, e uma distância de cerca de 19 Km através de uma rede contínua de estradas e ruas, trilhos e caminhos, definida na Figura 5. 35. Porém será necessário recorrer a veículos motorizados, para transportar os turistas de Faro até S. Brás de Alportel.

O Roteiro Pequeno que decorre na envolvente e na vila de S. Brás de Alportel reúne todos os pontos de interesse associados à cultura da alfarrobeira e do seu fruto e confere a oportunidade de viajar de modo pedonal ou ciclável. O percurso tem início no Museu do Trajo (10), onde se pode estabelecer a ligação com a Rota da Cortiça e segue em direção aos Trilhos e Caminhos (5) correspondentes à parte produtiva, associada aos pomares de sequeiro e em seguida para os pontos de interesse vinculados primeiro à transformação na empresa Chorondo & Filhos, Lda (6) e depois ao consumo de produtos regionais à base de alfarroba: a loja Made in Loco (7) e a Gelataria "Natural.Come" (8), ambas localizadas no mercado Municipal, e por último o estabelecimento da Fátima Galego (9) próximo da aldeia de S. Brás de Alportel podendo regressar ao Museu do Trajo (para a ligação com a Rota da Cortiça), finalizando deste modo o roteiro.

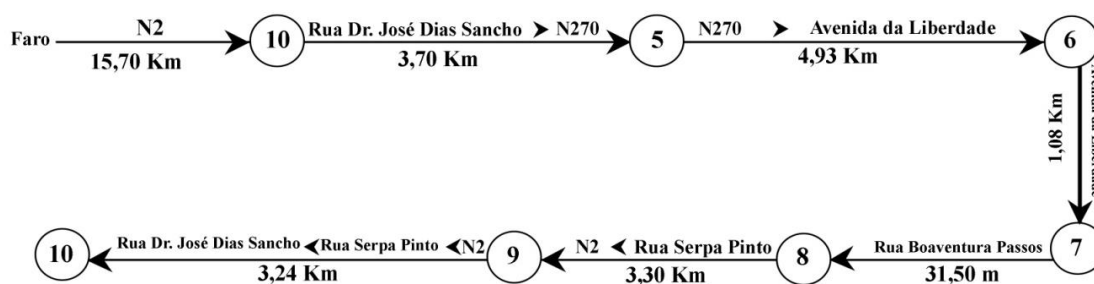


Figura 5. 35. – Esquema com o nome das ruas, estradas e ainda as distâncias entre os pontos de interesse. Fonte: (Silveira, 2016).

5.6.3.1. ROTEIRO PEQUENO: PEÇA 4



5.6.4. PROPOSTA DE DIVULGAÇÃO

No que respeita aos meios de divulgação do Roteiro da Alfarroba pretende-se a imediata revelação à população aos níveis nacional e internacional da existência do roteiro na região do Algarve prestando informação fundamental sobre o seu traçado e os pontos de interesse que se poderão visitar.

Neste sentido, elaborou-se um desdobrável que reúne a informação necessária para percorrer o roteiro com especial destaque para os principais pontos de interesse vinculados à produção, à transformação e ao consumo da alfarroba. O desdobrável contém os quatro percursos possíveis de realizar e todos os pontos de interesse a eles associados. Para além do desdobrável que acompanha o "viajante" ao longo do roteiro guiando-o e informando-o recorreu-se a outras ferramentas de divulgação, alargando o universo dos potenciais interessados à realização do roteiro. Foi neste sentido que se procedeu à construção do site intitulado " Roteiro da Alfarroba no Algarve, em dois idiomas, português e inglês para o viajante, poder aceder online ao Roteiro da Alfarroba. Por esta via poderá perceber os objetivos do roteiro, o seu traçado, terá acesso ao desdobrável e tem ao dispor a galeria de fotografias sobre as paisagens que o roteiro percorre e aquilo que identifica e caracteriza os pontos de interesse e os principais valores deste destino turístico. Poderá ainda consultar os horários de funcionamento das visitas-guiadas, o preço e os contactos da empresa responsável pela gestão do roteiro para esclarecimento de dúvidas e para marcação da "viagem" através do link: <http://joanasilveira91.wixsite.com/alfarroba>, (Anexo VI) e (Anexo II). Este site encontra-se associado ao faceou, como meio privilegiado de divulgação do roteiro, por ser uma rede social muito utilizada. Uma outra ferramenta de divulgação do " Roteiro da Alfarroba no Algarve" é o vídeo promocional que "retrata" as práticas agrícolas tradicionais, "localiza" o roteiro e estimula à viagem, na descoberta e exploração da paisagem e do património rural algarvio. A Região do Turismo do Algarve ajudará no futuro na divulgação e promoção do roteiro, através de "postos" nas redes sociais", por exemplo Faceou, através de um link direto para o roteiro e com a presença dos desdobráveis nas reções dos hotéis e nos postos de Turismo municipais.

5.6.4.1. DESDOBRÁVEL

LOCALIZAÇÃO

Barlavento
Centro
Sotavento

PAISAGEM E DISTRIBUIÇÃO

A Paisagem do Roteiro da Alfarroba é uma paisagem agrícola. Está aliada ao espaço rural onde subsiste a produção agrícola, os pomares de alfarrobeiras. Estes campos são um símbolo do tradicional pomar de sequeiro, com outras espécies oliveira (*Olea europaea*), figueira (*Ficus carica*) e amendoeira (*Prunus dulcis*). Esta vasta extensão de alfarrobas marca a paisagem algarvia pela sua dimensão e cor.

Em Portugal a Alfarroba, assume uma distribuição dispersa pelo país porém é no Algarve que esta espécie marca o seu reconhecimento e valor patrimonial.

O Roteiro da Alfarroba, localiza-se no Algarve e abrange cinco concelhos: Faro, São Brás de Alportel, Loulé, Olhão e Tavira, de modo a incluir a área de distribuição da alfarroba, que se concentra no Barrocal.

Roteiro da Alfarroba no Algarve

A realização deste trabalho teve a colaboração de:

Roteiro e Vídeo Promocional disponíveis em: <http://joanasilveira91.wixsite.com/alfarroba>

Realizado por: Joana Silveira

HISTÓRIA

A origem da Alfarroba não é certa, porém é considerada uma árvore originária da Síria que se expandiu por todo o mediterrâneo. Sendo a civilização árabe a introduzir esta espécie na Península Ibérica. No passado a alfarroba era utilizada na alimentação das pessoas pobres como meio de sobrevivência, alimentando-se de alfarrobas torradas e chás e na alimentação do gado.

ALFARROBEIRA

Ceratonia siliqua Alfarroba

A alfarrobeira - *Ceratonia siliqua* é uma espécie pertencente a família *Leguminosae* e à sub família das *Cesalpínioidae*. É uma árvore de copa ampla e densa, o seu fruto é uma vagem denominada de Alfarroba.

A colheita da alfarroba é efetuada perante o regime tradicional, nos meses de Agosto, Setembro/Outubro, através do varjeio e efetuado pelos homens e a apalha pelas mulheres.

A alfarrobeira é considerada uma planta esclerófila e xerófila, caracterizada da flora mediterrânica. A alfarrobeira tem a capacidade de poder suportar temperaturas elevadas (até aos 45°C), devido à sua plasticidade morfológica, porém prefere temperaturas antes elevadas.

PATRIMÓNIO E TRADIÇÃO

O património é a salvaguarda material e imaterial. O património material integra significados como os elementos ou objetos naturais, infraestruturas e obras culturais, a alfarrobeira é património material. O que significa que o património imaterial contém todas as atividades, celebrações, tradições, saberes, referências a um passado rico em história e identidade.

As receitas ao longo o tempo a cultura da alfarrobeira é uma tradição que passou de geração em geração. O modo tradicional da colheita da alfarroba é iniciada com o "varjeio" realizado pelos homens, que provocam a queda dos frutos para debaixo da árvore com varas compridas. Após a queda dos frutos a mulher bicatam a apalha.

DURAÇÃO

1 Dia
Roteiro Grande

Uma Manhã/Tarde

Roteiros Meio Este e Meio Oeste

Roteiro Pequeno

- 1-Visitar o Mill Pizarras
- 2-Visitar o Museu de Alfarrobas, para perceber melhor:
- 3-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 4-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 5-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 6-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 7-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 8-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 9-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 10-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 11-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 12-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 13-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 14-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 15-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 16-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 17-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 18-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 19-Visitar o Museu de Alfarrobas
- 20-Visitar o Museu de Alfarrobas

Consumo Transformação Produção

Total = 150 Km (Roteiro Grande)
Total = 100 Km (Roteiro Médio Este)
Total = 92 Km (Roteiro Médio Oeste)
Total = 19 Km (Roteiro Pequeno)

ENLAÇADOS & VISIBILAS

- 1- Museu de Alfarrobas
- 2- Museu de Alfarrobas
- 3- Museu de Alfarrobas
- 4- Museu de Alfarrobas
- 5- Museu de Alfarrobas
- 6- Museu de Alfarrobas
- 7- Museu de Alfarrobas
- 8- Museu de Alfarrobas
- 9- Museu de Alfarrobas
- 10- Museu de Alfarrobas
- 11- Museu de Alfarrobas
- 12- Museu de Alfarrobas
- 13- Museu de Alfarrobas
- 14- Museu de Alfarrobas
- 15- Museu de Alfarrobas
- 16- Museu de Alfarrobas
- 17- Museu de Alfarrobas
- 18- Museu de Alfarrobas
- 19- Museu de Alfarrobas
- 20- Museu de Alfarrobas

5.6.5. PERSPETIVAS DE FUTURO: BENEFÍCIOS ECOLÓGICOS, SÓCIO-ECONÓMICOS E CULTURAIS

Numa perspetiva futura, considera-se que o Roteiro da Alfarroba, promoverá a valorização e a divulgação da cultura da alfarrobeira, da indústria de transformação da alfarroba e dos produtos regionais confeccionados com alfarroba (doces e licores) a utilização da alfarroba em novas aplicações e inovações, como na produção de biocombustível (uma descoberta realizada por parte do Centro de Investigação Marinha e Ambiental (CIMA), através de um projeto intitulado de "Alfaetílico", que decorre na Universidade do Algarve (Lusa, 2013)). Para além da promoção e salvaguarda das paisagens e do património rural algarvio que lhe está associado. Nesta sequência a alfarroba, poderá ganhar um elevado protagonismo, como uma das principais opções por parte das indústrias transformadoras, originando produtos relacionados com a agropecuária (ração para o gado e fertilizantes). Por sua vez, no âmbito educacional e pedagógico, o roteiro prevê uma componente pedagógica associada às escolas dando possibilidade dos jovens terem contacto com esta tradição e este legado vinculados à identidade cultural e à memória coletiva da região.

O Roteiro tenciona garantir o reconhecimento da importância desta espécie arbórea e das várias utilizações do seu fruto quer ao nível nacional, quer ao nível internacional, como uma referência no Algarve, enquanto meio de divulgação de saberes e técnicas antigas, mas também inovadoras. Enquanto meio de atração turística apela ao reacender da cultura tradicional como contributo para o desenvolvimento regional em associação e com o apoio e parceria de entidades públicas e privadas, como as Empresas de Transportes, Hospedagem, a Região do Turismo do Algarve e os Municípios envolvidos. Esta estratégia de parcerias e "alianças" conduzirá à criação de postos de trabalho, uma mais valia para a população local. Para materializar o roteiro será registada a marca de "Roteiro da Alfarroba" o que implicará a melhoria dos elementos elaborados neste trabalho, como o vídeo promocional, o site com um número de contacto associado para a realização de marcações das viagens e a conclusão do plano de negócios, que foi iniciada nesta fase de trabalho e está disponível no Anexo VIII.

Para que o roteiro se torne mais atrativo apelativo e de fácil acesso, será elaborada uma aplicação no telemóvel, dando a possibilidade de transformar o percurso numa viagem de descoberta mais dinâmico e interativa, e cuja, a imagem elucidativa está disponível no Anexo III. Outras formas de divulgação futura e complementares ao roteiro serão a divulgação do vídeo promocional entretanto melhorado em vários meios como:

Youtube, (Anexo III); a realização de workshops dirigida às várias faixas etárias sobre a diversidade de utilizações da alfarroba, (culinária, doçaria, licores, artesanato, etc.); a participação em feiras e eventos culturais para dar a conhecer o roteiro, os seus objetivos e expor a importância da alfarrobeira/alfarroba e a sua história; a participação em palestras e encontros científicos como meio de promoção e divulgação para divulgar não só o roteiro como dos diversos benefícios associados aos pomares de alfarrobeira e à alfarroba.

Enquanto estratégia de valorização e sustentabilidade da paisagem rural algarvia, onde os pomares de sequeiro, entre eles o de alfarrobeira assume uma presença importante em termos históricos e económicos, salienta-se o conjunto de benefícios associados a esta árvore e ao seu fruto, que o roteiro promoverá.

Os benefícios ecológicos dos pomares tradicionais de alfarrobeira predem-se com o aumento da biodiversidade quer histórica, quer temática criação de habitats e a preservação de espécies herbáceas associadas à alfarrobeira na mesma série de vegetação. Estes "elementos" formam uma cadeia de interdependências que permite a continuidade das inter-relações ecológicas, que compõem os nichos existentes, assegurando o equilíbrio ecossistémico e ambiental e a integridade ecológica da paisagem rural do Algarve ao promover a conservação da água do solo.

O roteiro ao promover a preservação dos pomares de alfarrobeira e das tradições que lhe estão associadas incentiva o envolvimento pessoal dos visitantes com a população local e deste modo permitirá a aproximação e interação dos visitantes com a realidade tradicional algarvia, aumentando a consciencialização social para a necessidade de proteção do saber-fazer antigo, das tradições e costumes populares. Proporciona ainda uma aprendizagem e aquisição de conhecimentos às atuais e futuras gerações através da participação cívica e pedagógica.

Ao nível cultural, a cultura da alfarrobeira faz parte do património e tradição algarvia, símbolo da identidade e memória desta região podendo o roteiro desempenhar um papel crucial no enriquecimento cultural da população residente e visitante e no combate ao esquecimento das técnicas tradicionais contribuindo para a perpetuação dos valores patrimoniais quer materiais, quer imateriais, e, neste sentido, para o desenvolvimento sustentável da região. Neste âmbito, importa relacionar o Roteiro com a socioeconómica da região convertendo a cultura da alfarrobeira e do seu fruto numa ferramenta de atração turística, enquanto alternativa ao turismo balnear e estímulo ao turismo rural, cultural e de natureza, acabando por impulsionar a economia local e regional. Em termos socioeconómicos o roteiro contribuirá para a criação de postos de

emprego, como por exemplo: para guias-turísticos, e para o aumento do consumo dos produtos típicos confeccionados com a alfarroba, cuja excelente qualidade incentiva a compra.

CONCLUSÃO

A valorização de uma espécie característica da paisagem algarvia como é a alfarrobeira e das suas tradições, enquanto símbolos culturais da região, constitui a ideia-chave que subjaz à proposta de um Roteiro da Alfarroba para o Algarve. É hoje, evidente no âmbito do desenvolvimento sustentável da região a necessidade de criar medidas para dar a conhecer esta espécie característica da flora mediterrânea, de baixas exigências, perfeitamente adaptada às condições edafo-climáticas que historicamente associada à memória coletiva, constitui um garante da continuidade do "espírito tradicional algarvio" vinculado à preservação do património, da paisagem e da sua identidade. Este desígnio tenciona bloquear a tendência para o esquecimento e abandono dos saberes antigos e das práticas tradicionais aplicadas ao pomar de sequeiro e à produção, transformação e consumo da alfarroba. O Roteiro da Alfarroba, procura relacionar a paisagem e o património rural algarvio no âmbito de atividades turísticas que conferem a cada ser humano novas experiências e sensações transmitidas pelo *Genius Loci* dos lugares que visitam.

A alfarrobeira para além de constituir um património cultural, material e imaterial, vincado na cultura algarvia, associada aos saberes e técnicas do passado, também serve de alimento humano e animal a partir da transformação do seu fruto. Enquanto alimento integra a dieta mediterrânica recentemente classificada pela UNESCO como património cultural imaterial da humanidade tendo o território de Tavira como região e comunidade representativa. A elaboração da proposta de roteiro segue uma sequência lógica do processo de produção, transformação e consumo da alfarroba mediante um traçado, que conecta os principais pontos de interesse aspetos aquele processo e enquanto uma nova forma de descoberta e exploração do território, da paisagem e do património rural. Na concretização deste elo de ligação do território ao turismo houve a necessidade de recorrer a elementos de testemunho evolutivo da agricultura tradicional enquanto atividade primordial no âmbito do processo histórico da construção e transformação da paisagem do Algarve.

A proposta possibilita ao visitante um conjunto de emoções associadas não apenas à "cultura da alfarroba," mas também a outros aspetos do mundo e da vida rural numa região onde novos segmentos de turismo terão na ruralidade um palco privilegiado do sentido de possibilitar aos visitantes, novas vivências e experiências. Esta viagem pelo universo dos pomares de sequeiro e dos processos tradicionais e inovadores de transformação e consumo da alfarroba será apoiado por vários percursos possíveis, de

acordo com o interesse e disponibilidade do "viajante" que poderá optar por diferentes tipologias de roteiro definidas em função de um conjunto de critérios pré-estabelecidos e cujos traçados (dos roteiros) foram cartografados. Para a concretização deste objetivo foi necessário estabelecer contactos com distintas entidades, públicas e privadas, e realizar trabalho de campo com vista a identificar e caracterizar os principais pontos/locais de interesse que deveriam integrar o(s) Roteiro(s) da Alfarroba. Através deles pretende-se a aproximação Homem-Natureza-Cultura e o envolvimento e interação social através da troca de saberes e de conhecimentos sobre os hábitos desta gente, símbolo vivo da identidade e da cultura algarvia.

A implementação do Roteiro exige a sua divulgação, de modo a permitir o conhecimento dos lugares inscritos nesta paisagem repleta de memórias e histórias, através de uma oportunidade dada ao visitante no sentido de explorar e descobrir a paisagem do Algarve e o(s) seu(s) património. Ao dar a conhecer os diferentes concelhos algarvios e os seus pontos de interesse associados ao tema principal do roteiro, este contribuirá para a expansão do comércio local e regional. Neste sentido, integra uma visão futura, e uma alternativa turística de qualidade que associada à preservação da paisagem e do património algarvio determina que o Roteiro da Alfarroba esteja inteiramente integrado num modelo de desenvolvimento regional assente nos pilares da sustentabilidade.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, A. C., Correia, T. P., & Oliveira, R. (Eds.). (2004). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental* (Vol. 5). Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.
- Abreu, A. C. d', Barreto, A. V., Pessoa, F. S., Telles, G. R., Araújo, I. A., & Moreira, J. M. (2011). *Perspectivas da Arquitetura Paisagista*.
- AIDA. (2005). *AIDA: 20 anos com a alfarrobeira*. Loulé, Portugal.
- Alves, A. A. M., Espenica, A., Caldas, E. C., Cary, F. C., Telles, G. R., Araújo, I. A., & Magalhães, M. R. (1994). *Paisagem*. Lisboa.
- Anastácio, I. M. (2000). *Estudo de diferentes porta-enxertos de alfarrobeira (Ceratonia siliqua L.)*. Universidade do Algarve, Faro.
- Arkeotavira. (2016). Campo Arqueológico de Tavira: mapas antigos do Algarve e de Portugal. Retrieved September 10, 2016, from <http://geohistorica.net/arkeotavira.com//Mapas/Pery/ÁrvoresPortugal>.
- ÁrvoresPortugal. (2009). Árvores Monumentais do Algarve e Baixo Alentejo: a alfarrobeira da Quinta da Parra. Retrieved June 19, 1BC, from <http://arvores-do-sul.blogspot.pt/2009/12/alfarrobeira-da-quinta-da-parra.html>
- Assunção, J. F. P. de. (1982). *Informação sobre a cultura da alfarrobeira no Algarve com vista à inclusão da alfarroba na relação de produtos considerados pela CEE: 1º suplemento* (Direção re). Tavira, Portugal.
- Atlas Ambiente (Ed.). (1979). *Carta Agrícola e Florestal: grandes grupos de utilização do solo*. Lisboa, Portugal: Comissão Nacional do Ambiente, Escala: 1: 1000 000.
- Augé, M., & Mucznik, L. (1994). *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Venda Nova: Bertrand.
- Batista, D. (2009). *Paisagem, cidade e património o sistema urbano : Olhão - Faro - Loulé, propostas para uma estratégia de intervenções integradas de requalificação urbana e valorização ambiental*. Universidade de Évora, Évora.
- Batista, D. (2015). *Arquitetura Tradicional no Mediterrâneo Ocidental -1º Congresso Internacional - Percursos enquanto estruturas arquitetónicas tradicionais da paisagem mediterrânica: O caso das azinhagas de Lisboa*. (M. R. Costa, S. G. Martinez, & V. Ribeiro, Eds.) (1st ed.). Lisboa.
- Cabecinha, A. R. (2007). *Possibilidade de utilização agrícola dos resíduos resultantes da transformação da semente da alfarroba*. Universidade do Algarve, Faro.
- Cardoso, I. L., & Tavares, A. (Eds.). (2013). *Paisagem Património: aproximações pluridisciplinares*. Évora: Universidade de Évora.
- Carvalho, J. (1992). *Sequeiro Algarvio: atualidade e perspetivas*. Faro: Associação In Loco.
- Carvalho, & Madeira, E. (Eds.). (2000). *Valorização do Pomar Tradicional de Sequeiro Algarvio*. Universidade do Algarve.
- Cavaco, C. (1976). *O Algarve Oriental: as vilas, o campo e o mar* (Vol. I). Faro: Gabinete de Planeamento da Região do Algarve.
- Choay, F. (2005). *Património e Mundialização* (Edition Bi). Évora: Centro de História da Arte da Universidade de Évora.
- Choay, F. (2006). *A Alegoria do Património*. (E. 70, Ed.). Lisboa.
- Chorondo & Filhos Lda. (2015). Chorondo & Filhos, L.da: Transformação de alfarroba. Retrieved May 5, 2016, from <http://chorondo.pt/>
- CNA (Ed.). (2003). *Algarve rural: vilas e aldeias*. Faro.
- Costa. (2009). *Alfarrobeira: aspetos a ter em conta na instalação de modernos pomares*. Misnistério da Agricultura, do Desenvolvimento rural e das pescas - DRAP Algarve.

- Costa, Aguiar, C., Capelo, J. H., Lousã, M., & Neto, C. (1998). *Biogeografia de Portugal Continental*.
- Dionísio, S. (1927). *Guia de Portugal: Estremadura, Alentejo, Algarve*. (Fundação Calouste Gulbenkian, Ed.) (Vol. II). Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- DRRALG, D. R. de A. do A., & GFS, G. F. S. no B. A. (Eds.). (2005). *Manual de Boas Práticas: alfarrobeira*. Faro: Patação.
- Enciclopédia (Ed.). (1989). *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. Lisboa, Portugal: Editorial Enciclopédia.
- Fernandes, J., Monteiro, J., Teles, G., Silva, M. M., Carvalho, G., & Barreiros, J. (1975). *Uns Comem Figos*. Seara Nova Editor.
- Figueiredo, C. (1996a). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (Vol. I). Venda Nova.
- Figueiredo, C. de. (1996b). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (25th ed., Vol. II). Venda Nova.
- Fortuna, E. (1951). *Contribuição para um melhor conhecimento da Alfarrobeira no Algarve*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa-Instituto Superior de Agronomia.
- Gameiro, N. (2012). *Paisagem e património: proposta de requalificação de espaços envolventes de conjuntos patrimoniais, no concelho de Ourém, Capela da Perucha, Calçadas do Castelo e Estrutura Arqueológica de Seiça*. Universidade do Algarve, Faro.
- Garret, A. (1973). *Viagens na minha terra* (2nd ed.). Coleção Literária Atlântida.
- Gomes, C. J. P., & Ferreira, R. J. P. P. (2005). *Flora e Vegetação do Barrocal Algarvio (Tavira-Portimão)*. Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve.
- Gonçalves, S. M. G. (2002). *Micropropagação da Alfarrobeira: Optimização das fases de enraizamento e aclimatização*. Universidade do Algarve, Faro.
- Guerreiro, M. G. (1991). *O mundo mediterrâneo sua diversidade e seu futuro*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.
- INIC. (1989). *O Algarve : na perspectiva da antropologia ecológica*. Lisboa: Seminário realizado no âmbito de um projeto de investigação.
- Jacinto, M., & Alves, H. (2004). Dossier de Apresentação da Rota da Cortiça. Retrieved March 4, 1BC, from <http://www.youblisher.com/p/809566-Apresentacao-da-Rota-da-Cortica/>
- Jesus, P. A. S. (2001). *Indução de rebentos adventícios em folhas de plantas micropropagadas de alfarrobeira*. Universidade do Algarve, Faro.
- Koop, E., Sobral, M., Soares, T., & Woerner, M. (1989). *Os solos do Algarve e as suas características: vista geral*. Faro: Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação-Direcção Regional de Agricultura do Algarve-Sociedade Alemã de cooperação técnica.
- Loução, M. A. M., & Carvalho, J. H. B. (1989). *A Cultura da Alfarrobeira*. Lisboa.
- Machado, J. P. (1977). *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida e muitos dos vocábulos estudados* (3ª ed., Vol. I).
- Magalhães, M. R. (2001). *Arquitetura Paisagista: morfologia e complexidade*. Lisboa.
- Melo, A. (2002). *Globalização Cultural*. Lisboa: Quimera Editores.
- Mendes, A. R. (2012). *O que é o Património Cultural*. Olhão.
- Mesquita, J. C. V. (1986). *A viagem: uma outra forma de turismo na perspectiva do conhecimento histórico*. Faro: Universidade do Algarve.
- Nascimento, J. (n.d.). *A Alfarrobeira: fator de equilíbrio ecológico e de desenvolvimento do Algarve*. Faro.
- Netto, A. P., & Gaeta, C. (2010). *Turismo de experiência*. São Paulo- Brazil.

- Pessoa, F., Reis, R., Campos, Á. de, & Cunha, T. S. (1994). *Poemas completos de Alberto Caeiro*. Lisboa.
- Pimenta, M. de C. A., & Figueiredo, L. C. (2014). *Lugares: património, memória e paisagens*. (Florianópolis, Ed.).
- Queiroz, J. (2014). *Dieta Mediterrânica: uma herança milenar para a humanidade*. Lisboa.
- Ribeiro, O. (1967). *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico: esboço de relações geográficas* (7th ed.). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora- Coleção Nova Universidade.
- Sá, A. F. F. de. (2012). *Rede de percursos de natureza da Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António*. Universidade do Algarve, Faro. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10400.1/3239>
- Sales, M. T. F. L. (2015). *Percursos na Paisagem*. Universidade de Évora, Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Gestão Interdisciplinar da Paisagem, Évora.
- Saramago, J. (1997). *Viagem a Portugal* (13th ed.). Lisboa: Caminho.
- Serrano, C. M., & Bruhns, H. T. (1997). *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. São Paulo- Brazil: Papirus.
- Serrão, A. V. (Ed.). (2012). *Filosofia e Arquitectura da Paisagem: um manual*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.
- Sousa, D. R., Santos, M. C., David, M. M., Mesquita, M. M., Correia, T. C., & Pereira, F. B. (1980). Trunk Biomass and tree-crown structure in *Ceratonia siliqua*, XVI.

SITOGRAFIA

- Batlle, I., & Tous, J. (1997). Carob Tree: *Ceratonia siliqua* L. Retrieved March 23, 2016, from http://www.biodiversityinternational.org/uploads/tx_news/Carob_tree_Ceratonia_siliqua_L._347.pdf
- Bock, I. A. de A., & Tomazzoni, E. L. (2012). Roteiro de Agroturismo “Quatrilho” de Gramado (RS, Brasil): Análise para o Reposicionamento, *10*(1, p.131). Retrieved from http://www.pasosonline.org/Publicados/10112/PS0112_11.pdf
- Câmara Municipal S. Brás Alportel. (2005). Percurso Pedestre S. Brás de Alportel: caminhos e encruzilhadas de ir à fonte. Retrieved July 3, 2016, from http://cms.cm-sbras.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/Concelho/Turismo/percursos/pr1_mesquita/folheto_PR1_Mesquita_PT.pdf
- Canas, R. Q., Viçosa, C. V., Ferreira, R. P., Ortiz, A. C., & Gomes, C. P. (2012). The Algarve climatophilous vegetation series-Portugal: a base document to the planning, management and nature conservation Les séries de végétation climatophiles de l’Algarve-Portugal: un document de base pour la planification, gestion et conservation de. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.1080/12538078.2012.737150>
- Condesso, F. (2011). *Desenvolvimento rural, património e turismo* (No. 67741593). Retrieved from <http://eds.a.ebscohost.com/eds/pdfviewer/pdfviewer?vid=2&sid=1c72b3bf-869c-45de-b21b-ad70152dfbb4%40sessionmgr4003&hid=4203>
- Correia, Guerreiro, Pestana, M., & Loução, M. A. M. (2016). Management of carob tree orchards in Mediterranean ecosystems: strategies for a carbon economy implementation. <http://doi.org/10.1007/s10457-016-9929-8>
- Correia, M. C. M. F. P., Lewes, G. J. A. G., Santana, J. R. de O. P., & Santos, M. R. S. (2009). Guia de Observação do Património Rural (Equipa de). Lisboa: Direcção-

- Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural. Retrieved from http://www.dgadr.mamaot.pt/images/docs/div_meiorural/i010464.pdf
- Covas, A., Carvalho, A. F., Brites, C. M., Oliveira, C., Moreno, I., Guerreiro, J., ... Graça, P. (2015). Dimensões da Dieta Mediterrânica: património cultural imaterial da humanidade. Retrieved May 4, 1BC, from <https://issuu.com/ualg/docs/dimensoes-dieta-mediterranica>
- Diniz, F., & Poeta, A. (2003). *Relatório da cidade de Tavira Portugal*. Vila Real, Portugal: Um Projeto de Investigaçãofinanciado pelo V programa quadro da Comissão Europeia-Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Retrieved from <http://home.utad.pt/~des/mt/relatorios/Tavira.pdf>
- Figueira, L. M. (2013). Manual para a elaboração de roteiros de turismo cultural. Retrieved March 16, 2016, from http://www.cespoga.ipt.pt/new/wp-content/uploads/2013/03/Manual_Roteiros_CESPOGA2013.pdf
- Freixo, Q. do. (2016). Quinta do Freixo: na paisagem da serra algarvia, um espaço de frescura. Retrieved from <http://quintadofreixo.org/>
- ICNF. (1992). Rede Natura 2000. Retrieved June 9, 1BC, from <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000>
- ICNF. (2001). Ficha da Árvore de Interesse Público. Retrieved May 11, 1BC, from <http://www.icnf.pt/portal/florestas/ArvoresFicha?Processo=KNJ1/392&Concelho=&Freguesia=&Distrito=>
- Lusa. (2013). Universidade do Algarve: é possível produzir biocombustível a partir de alfarroba. P3 Público. Retrieved November 6, 2015, from <http://p3.publico.pt/actualidade/ciencia/6176/universidade-do-algarve-e-possivel-produzir-biocombustivel-partir-de-alfarr>.
- Monteiro, J. P. V. da S. (2001). *Análise das alterações ao nível da estrutura das explorações agrícolas da Região Algarve e respectivo tecido empresarial, decorrentes da aplicação dos apoios comunitários, com especial incidência no período 1994/99*. Universidade do Algarve, Faro, Portugal. Retrieved from <http://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/1705/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Pedro%20Montei.pdf>
- MunicípioFaro. (2015). 10 Principais indicadores locais. Retrieved May 7, 2016, from http://cms.cm-faro.pt/upload_files/client_id_1/website_id_2/Estrategia/Faro_10_Principais_Indicadores_janeiro_2015.pdf
- MunicípioOlhão. (2012). Descrição Física e Geográfica do Concelho de Olhão. Retrieved May 12, 1BC, from <http://www.cm-olhao.pt/conhecer-olhao/geografia-do-concelho#descricao-fisica-e-geografica-do-concelho>
- MunicípioTavira. (2016). Município de Tavira: Santo Estevão. Retrieved July 12, 1BC, from <http://www.cm-tavira.pt/site/content/turismo-concelho/santo-est%C3%AAv%C3%A3o>
- Museu Municipal de Tavira (Ed.). (2010). *Cidade e Mundos Rurais - Tavira e as sociedades agrárias*. Tavira, Portugal: Centro de Estudos de Património e História da Universidade do Algarve. Retrieved from http://issuu.com/museum_tavira/docs/cat_logo_cidade_e_mundos_rurais?e=3727378/2728507
- Partidário, A., Cavalho, A. F., Marreiros, A., Rosa, A., Rodrigues, A., Alegria, C., ... Cabrita, T. (2014). *A Dieta Mediterrânica em Portugal: Cultura, Alimentação e Saúde*. (A. Romano, Ed.) (Universida). Faro. Retrieved from https://issuu.com/museum_tavira/docs/a_dieta_mediterr_nica_em_portugal_?e=3727378/9371334
- Ricardo, L. (2014). *Alfarroba: Passeios e Comeres da Dieta Mediterrânica - texto de*

- apoio de passeio*. Tavira, Portugal: Municipio de Tavira. Retrieved from http://museumunicipaldetavira.cm-tavira.pt/sites/default/files/2014_09_folheto_passeio_agosto.pdf
- Silva, M. (2015). Um Roteiro para a Serra Beirã: Novos Traçados e Reabilitação Dinamizadores de uma Região. Retrieved October 10, 2015, from https://issuu.com/marianabras/docs/00_um_roteiro_para_serra_beira_mari
- Silveira, J. (2016). *Uma Proposta de Roteiro da Alfarroba para o Algarve*. Faro, Portugal: Universidade do Algarve.
- SoulPortugal. (2013). Rota dos Azeites: Alentejo uma cultura milenar. Retrieved July 13, 1BC, from <http://www.soulportugal.com/blog/rota-dos-azeites-alentejo-quinta-de-sao-vicente-oliveira-da-serra/>
- Turismo de Portugal. (1995). Organização Mundial do Turismo (OMT). Retrieved September 3, 2016, from <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoeinovacao1/Documents/CartaEuropeiaEnoturismo.pdf>
- TurismoPortugal. (2013). Polo Museológico dos Frutos Secos - Museu Municipal de Loulé. Retrieved June 15, 1BC, from <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/p%C3%B3lo-museol%C3%B3gico-dos-frutos-secos-museu-municipal-de-loul%C3%A9>
- Viegas, N. M. (2013). *Planeamento e gestão do turismo cultural enquanto fator de sustentabilidade: o caso da zona Belém/Ajuda, em Lisboa*. Universidade do Algarve. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10400.1/3580>
- VisitAlgarve. (2015). Turismo do Algarve-Rota da Cortiça. Retrieved November 20, 2015, from <http://www.visitalgarve.pt/visitalgarve/vPT/VivaOAlgarve/354/Cultura+e+Tradicao/Actividades/Modos+de+Fazer/Sugestoes/Rota+da+Cortica.htm>

DECRETOS DE LEI

DECRETO DE LEI n.º 4/2005. Diário da República – I Série-A. Convenção Europeia da Paisagem. Retrieved March 18, 2016, from < <http://www.apha.pt/wp-content/uploads/boletim3/ConvencaoEuropeiaPaisagem.pdf> >

DECRETO DE LEI n.º n.º 107/2001. Diário da República – I Série-A. Estabelece as Bases da Política e do Regime de Protecção e Valorização do Património Cultural. Retrieved April 21, 2016, from <<https://dre.pt/application/dir/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>>

ANEXOS

ANEXO I - PRIMEIRO ESQUEMA DO ROTEIRO E DOS SEUS PONTOS



Primeira simulação do roteiro da alfarrobeira de modo esquemático. Fonte: (Silveira, 2016).

ANEXO II - PERSPETIVAS



Viajantes no pomar de alfarrobeiras, em contato com a paisagem, na época de Outono/Inverno. Fonte: (Silveira, 2016).



Viajantes à descoberta do território na época húmida Outono/Inverno. Fonte: (Silveira, 2016).



Viajantes no Roteiro pequeno, a explorar a paisagem a andar de bicicleta, na época seca Primavera/Verão (Silveira, 2016).



Grupo de viajantes com guia turístico a ouvir a explicação, jovem a fotografar e as crianças a brincar por entre os muros de pedra na época de quente, Primavera/Verão. Fonte: (Silveira, 2016).



Visitantes a usufruir da alfarrobeira centenária no estabelecimento de Fátima Galego, época seca Primavera/Verão. Fonte: (Silveira, 2016).

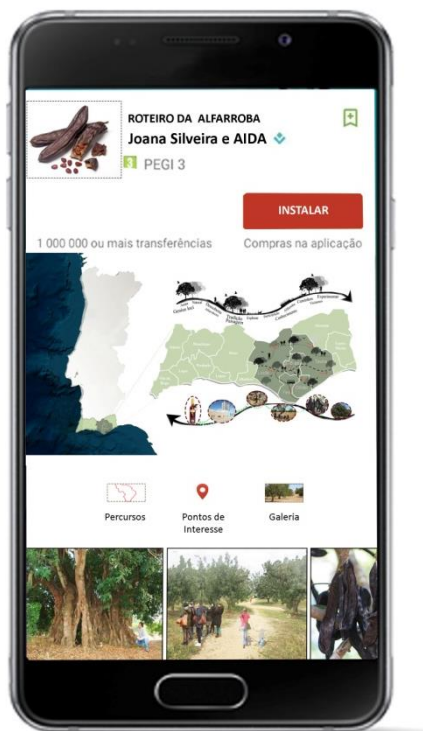


Explicação do Guia turístico sobre a trituração da alfarroba na fábrica de Chorondo & Filhos, Lda. Fonte: (Silveira, 2016)

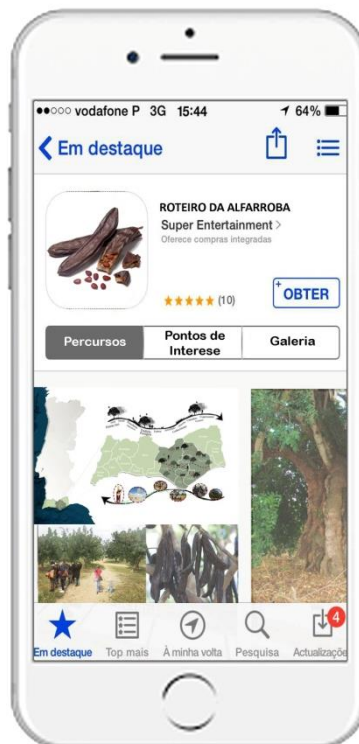


Viajantes experimentam a tradição da apanha e do varejo nos campos de alfarrobeiras. Fonte: (Silveira, 2016).

ANEXO III - PERSPETIVA FUTURA DO ROTEIRO DA ALFARROBEIRA



Aplicação Google play para Android. Fonte: (Silveira, 2016).



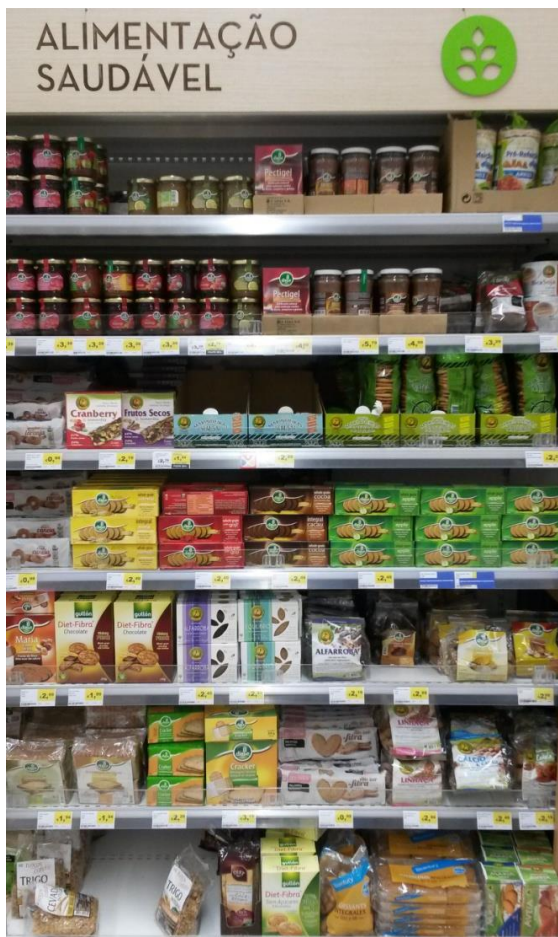
Aplicação App store para Iphone . Fonte: (Silveira, 2016).



Viajantes experimentam a tradição da apanha e do varejo nos campos de alfarrobeiras. Fonte: (Silveira, 2016).

ANEXO IV - DIVERSAS APLICAÇÕES DA ALFARROBA

A aplicação da alfarroba varia. É utilizada para fabrico de produtos constituídos unicamente por alfarroba e ainda por produtos que abarcam a alfarroba e outros ingredientes.



Produtos de alfarroba localizados na secção da alimentação saudável nos supermercados. Fonte: (Silveira, 2016).



Licor de Alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016).



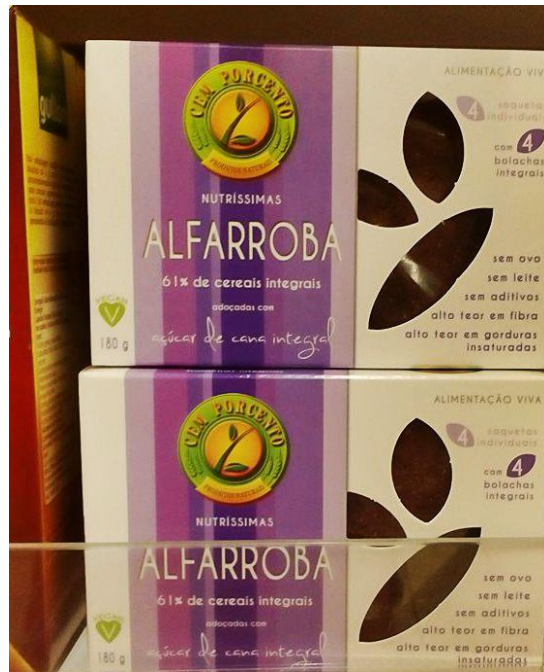
Biscoitos de alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016).



Biscoitos integrais de alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016).



Biscoitos normais de alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016)



Cereais de alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016).



Farinha de Alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016).



Tostas integrais de alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016)



Tablete de alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016).



Farinha espessante de alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016)



Biscoitos de alfarroba e figo. Fonte: (Silveira, 2016).



Bolo de figo com amêndoa e alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016).



Preparação de bolos de alfarroba com limão. Fonte: (Silveira, 2016).



Gelado de Baunilha e alfarroba. Fonte: (Silveira, 2016).

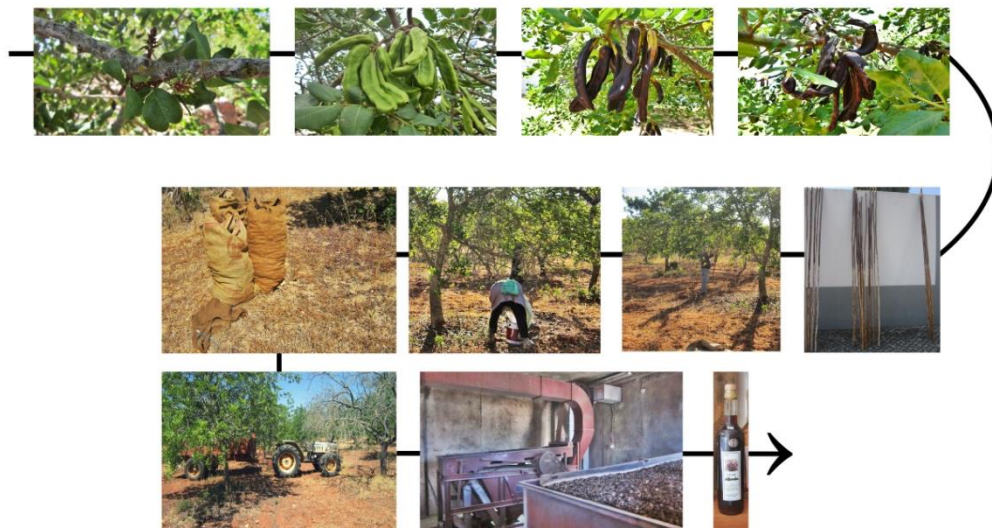


Compota de Alfarooba e Amêndoa. Fonte: (Silveira, 2016)

ANEXO V - TRADIÇÕES



Vendedor de varas de eucalipto para varejar as alfarrobeiras, na Feira das Varas, dia 24 de Julho de 2016, em Pademe. Fonte: (Silveira, 2016).



Cronograma do destino da alfarroba, desde a floração até ao consumo. Fonte: (Silveira, 2016).

ANEXO VI - SITE

Roteiro da Alfarroba no Algarve
Rota | 5 Bús de Alentejo | Loulé | Faro | Tavira

Alfaro | Rota da Alfaro | Galeria | História / Pesca | Monções / Contatos

Este projeto foi desenvolvido para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura Paisagista. Com o apoio e colaboração da Universidade de Algarve e da ADA (Associação Interprofissional para o Desenvolvimento de Produção e Valorização da Alfarroba). Para aceder a estas entidades contacte através de: <https://www.usg.pt/> | adalfarroba@usg.pt



Alfarroba

A Alfarrobeira e a Paisagem

A alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*), é uma espécie pertencente à família leguminosas e à sub família das Cesápioides. É uma árvore de copa ampla e densa, o seu fruto é uma vagem denominada de Alfarroba.

A colheita da alfarroba é efetuada perante o regime tradicional, nos meses de Agosto, Setembro/Outubro, através do varejo e efetuado pelos homens e a aporba pelas mulheres.

A alfarrobeira é considerada uma árvore característica da flora mediterrânica. Tem a capacidade de suportar temperaturas elevadas até aos 45°C, devido à sua plasticidade morfológica, porém prefere temperaturas menos extremas.

A paisagem do Roteiro da Alfarroba é uma paisagem agrícola. Está aliada onde subsiste a produção agrícola dos pomares de alfarrobeiras. Estes pomares são o símbolo da tradicional pomar de sequeiro, normalmente misto, com outras espécies oliveira (*Olea europaea*), a figueira (*Ficus carica*) e a amendoeira (*Prunus dulcis*).

História e Tradição

A origem da Alfarroba não é certa, porém é considerada uma árvore originária da Síria que se expandiu por todo o mediterrâneo. Sendo a civilização árabe a introduzir esta espécie na Península Ibérica.

As recuamos no tempo a alfarroba é um fruto utilizado desde as gerações antepassadas. O modo tradicional da colheita dos frutos é iniciado pelo "varejo" realizado pelos homens que através de canas de bambu compridas e finas provocam a queda dos frutos para debaixo da árvore. Porém, as árvores grandes, mais antigas e desenvolvidas, levam os "varejadores" a subir para poderem atingir as frutas que se localizam no topo da copa. Após a queda dos frutos as mulheres iniciam a aporba.



Alfarroba

Património e Utilizações

O património é a salvaguarda material e imaterial. O património material integra significadas como os elementos ou objetos naturais, infraestruturas e obras culturais, a alfarrobeira é património material. O que significa que o património material contém todas as atividades, crenças, tradições, saberes, referentes a um passado rico em história e identidade.

Na utilização da alfarroba já por parte do povo egípcio no seu quotidiano. Utilizam a casca deste fruto para produzir vinho e para tingir couros. As sementes eram destinadas à elaboração de coloridos decorativos e naturais.

A alfarroba destina-se à tinturaria. É constituída por cerca de 90% de polpa e 10% de semente, originando produtos diferentes. A polpa que apresenta cerca de 2-5% de teor proteico e 40-50% de açúcar, é utilizada em farinhas torradas, agüardentes e licões, produtos tradicionais gourmet, "tabletes alimentares", coberturas, chocolates, gelados, produção de xaropes, compotas, enriquecendo a área da pastelaria, confeitaria e farmacéutica. Atualmente a parte principal utilizada da alfarroba é a semente com a finalidade de extração da goma. A goma por sua vez é utilizada como emulsionante e espessante, ou seja, ajuda a engrossar e estabilizar na confeção de produtos na indústria alimentícia.



Alfarroba



Alfarroba

Alguns exemplos de utilizações:



"A 'saia' não acaba nunca ... é preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se viu no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a chuva caiu, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava"
(José Saramago, 1997)



Roteiro da Alfarroba no Algarve

Faro | S. Brás de Alportel | Loulé | Olhão | Tavira



Alfarrobeira

Roteiro da Alfarroba

Galeria

Horários / Precos

Marcações / Contactos



Roteiro da Alfarroba

Os símbolos característicos do Algarve são determinados pela conjugação de uma diversidade de imagens, estórias, expressões, memórias, tradições. Estes elementos assumem o protagonismo da identidade paisagística e patrimonial da produção agrícola, que narram a história dos lugares e dos modos de vida.

Neste âmbito, o Roteiro da Alfarroba é uma estratégia e uma nova forma de valorizar, ver e conhecer os lugares na promoção pela identidade algarvia. O objetivo é fornecer uma rede de percursos, de modo a divulgar a alfarrobeira, os seus produtos, os valores culturais, sociais, patrimoniais e paisagísticos, assegurando um desenvolvimento regional sustentável.

A sequência do roteiro segue o processo e destino da alfarroba, através dos diversos Pontos de Interesse - Estações, considerando a produção, transformação e consumo. Assim, tornou-se imprescindível dividir o roteiro em três tamanhos distintos, Roteiro Grande, Médio e Pequeno. Referindo que o Roteiro Médio ainda se divide em dois percursos. Dá uma totalidade de quatro percursos ao dispor do viajante.

Área geográfica do roteiro



Em Portugal a alfarrobeira, assume uma distribuição dispersa pelo país, porém é no Algarve que esta espécie marca pelo seu reconhecimento e valor patrimonial.

Assim, o Roteiro da Alfarroba, localiza-se no Algarve, na zona do Sotavento. Abrange cinco concelhos: Faro, S. Brás de Alportel, Loulé, Olhão e Tavira, de modo a incluir a área de distribuição da alfarrobeira, que se encontra maioritariamente no Barrocal.

1 | Roteiro Grande

O Roteiro Grande abrange os cinco concelhos pronunciados anteriormente.

2 | Roteiro Médio

O Roteiro Médio divide-se em dois percursos possíveis. Dando origem ao Roteiro Médio Este e Roteiro Médio Oeste.

3 | Roteiro Pequeno

O Roteiro Pequeno abrange um único concelho, percorrido a pé ou de bicicleta.

Vem viajar, viver uma nova aventura !

Vem conhecer a alfarrobeira, as paisagens, as tradições e os produtos que lhe estão associados. Através de uma viagem, ligada ao turismo cultural, rural e de natureza, onde podes contactar com todo o processo da alfarroba e experimentar as suas tradições.

Segunda página do site. Fonte: (Silveira, 2016).



Album de fotomontagens e fotografias



Hórarío

1 dia - 10:00h - 18:00h = 8 horas onde das 13:00h até às 14:00h é a hora de almoço
 Uma Manhã - 9:00h - 13:30h
 Uma Tarde - 14:30h - 18:00h

Clique aqui para pedir online
 Para reservas ligue 960000000

Preçário

Roteiro Grande - 1 dia - Adultos/Seniores 50,00€ - Jovens 30,00€
 Roteiro Médio Este - Uma Manhã/Tarde - Adultos/Seniores 20,00€ - Jovens 10,00€
 Roteiro Médio Oeste - Uma Manhã/Tarde - Adultos/Seniores 20,00€ - Jovens 10,00€
 Roteiro Pequeno - Uma Manhã/Tarde - Adultos/Seniores 10,00€ - Jovens 5,00€

NOTA: Crianças com idade inferior a 10 anos a entrada é livre.
 Os preços referidos não incluem hospedagem, alimentação ou qualquer aquisição por parte do viajante.



Terceira página do site. Fonte: (Silveira, 2016).

Quarta página do site. Fonte: (Silveira, 2016).



Marque já a sua viagem!

Ligue para reservar a sua viagem: 282 100 900
 Ou
 Em caso de dúvida: rote.alfarroba@gmail.com

Vamos adorar receber a sua mensagem!

| | |
|---------|---------|
| Nome | Assunto |
| Email | |
| Assunto | |
| Enviar | |



Quinta e última página do site. Fonte: (Silveira, 2016).

ANEXO VII - ESTRUTURA DOS INQUÉRITOS REALIZADOS



UNIVERSIDADE DO ALGARVE - FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIAS

INQUÉRITO

Este inquérito é realizado no âmbito da pesquisa para o mestrado em Arquitetura Paisagista, para Uma Proposta de Roteiro da Alfarroba para o Algarve, com o objetivo de perceber a opinião da população local e viajantes sobre esta proposta e a sua ligação pessoal com esta espécie.

Sexo: M F

Idade: _____ **Nacionalidade:** _____ **Local de residência:**

1. O que acha da implementação de um Roteiro da Alfarroba no Algarve, que abrange os concelhos de Faro, S. Brás de Alportel, Loulé, Olhão e Tavira?

2. Se for implementado o roteiro, acha que trás vantagens ou desvantagens ao povo algarvio?

Vantagens Desvantagens

2.1 Se respondeu vantagens, que tipo de vantagens?

Sociais Culturais Ambientais/Ecológicas Económicas Todas

3. O que simboliza a Alfarrobeira para si?

4. A Alfarrobeira é importante no Algarve?

Sim

Não

5. Iria percorrer o Roteiro da Alfarroba nestes concelhos?

Sim

Não

Talvez

6. Gostaria de contatar, ensinar e conversar sobre a alfarrobeira com as pessoas que não conhecem esta árvore?

Sim

Não

6.1 Se sim, porquê? _____

7. Acha interessante dinamizar a alfarrobeira e preservar a tradição antiga da apanha e varejo? Qual o seu grau de satisfação? (1 significa pouca satisfação e 4 muita satisfação)

1__ 2__ 3__ 4__

ANEXO VIII - PLANO DE NEGÓCIOS

1. APRESENTAÇÃO DA EMPRESA

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROMOTOR E DA EQUIPA DE TRABALHO

A entidade promotora é composta inicialmente por dois elementos: Joana Silveira e a AIDA. A Joana é uma jovem estudante sem experiência no ramo dos negócios e a AIDA a Associação Interprofissional para o Desenvolvimento da Produção e Valorização da Alfarroba, que envolve profissionais de várias áreas tencionando proteger, conservar e divulgar a alfarrobeira. Pretendem iniciar um negócio, pondo em prática as suas características empreendedoras.

1.2 DENOMINAÇÃO E FORMA JURÍDICA

Sociedade por quotas é o estatuto jurídico da empresa. Esta sociedade é formada por dois sócios iniciais. E posteriormente pretende-se envolver mais entidades (Câmaras de Faro, S. Brás de Alportel, Loulé, Olhão e Tavira).

A empresa é formada pelo nome do projeto "Roteiro da Alfarroba", a que é adicionada a palavra "Limitada".

1.3 LOCALIZAÇÃO

Este negócio terá a sua localização pelo Algarve, em Portugal. De forma mais específica, localizar-se-á nos concelhos de São Brás de Alportel, Loulé, Olhão e Tavira, pertencentes ao Sotavento Algarvio.

1.4 MISSÃO

A missão do Roteiro da Alfarroba é: "Fornecer uma rede de percursos, de modo a divulgar a alfarrobeira, os seus produtos, os valores culturais, sociais, patrimoniais e paisagísticos, assegurando um desenvolvimento regional sustentável".

1.5 ATIVIDADE

A empresa tem como função prestar serviços ligados à descoberta do território através de uma rede de percursos. Ao contrário dos roteiros já existentes pretendemos divulgar a alfarrobeira, um produto típico do Algarve ainda por descobrir.

1.6 OBJETIVOS FUNDAMENTAIS

A empresa tem como objetivo liderar o mercado dos roteiros turísticos, tornando-se uma referência nacional num prazo de cerca de 2 anos.

Os objetivos fundamentais do Roteiro da Alfarroba são:

- Qualificar no mínimo tempo possível (máximo 2 anos) a imagem turística da alfarrobeira enquanto motor que impulsiona os valores ecológicos, sociais, patrimoniais, culturais, ambientais e económicos do algarve.
- negócio é acima de tudo baseado nos valores tradicionais, com a finalidade de dinamizar a alfarrobeira, a sua produção, a sua transformação e o seu consumo (produtos típicos);
- Liderar o mercado ligado ao turismo de natureza, rural, cultural;
- Construir um roteiro sólido com vista à internacionalização;
- Dinamizar a espécie e as potencialidades paisagísticas do Algarve;
- Ter capacidade para enfrentar os concorrentes;
- Desenvolver uma alternativa ao turismo balnear.

2. CONCORRENTES, MERCADO POTENCIAL E MERCADO ALVO

A empresa pretende que o mercado alvo seja, a população algarvia e os turistas ambos: jovens, adultos e séniores.

A população algarvia, pela transmissão de conhecimentos de geração em geração, das tradições antepassadas. E os turistas devido à atração por parte de componentes histórico-culturais, mas principalmente pela prática de turismo de natureza, cultural, rural e agroturismo, uma alternativa ao turismo balnear.

Este mercado alvo

- População algarvia, interessada por esta tipologia de programas ligados às componentes naturais e culturais;
- Crianças e jovens, de carácter pedagógico;
- Indivíduos interessados pelo turismo de natureza;
- Indivíduos interessados pelo turismo balnear, mas que também procuram atividades naturais e culturais complementares;
- Turismo sénior (ao nível nacional e internacional).

3. ESTRATÉGIA DE MARKETING

3.1 COMUNICAÇÃO

Os métodos de comunicação aplicados seriam:

- Site com informação sobre a rota (percursos, itinerário, preços, contatos, galeria)
- Vídeo promocional do Roteiro da Alfarroba;
- Publicidade é cartazes, painéis informativos, flyers, guião técnico;
- Uso de slogans e provérbios característicos do Algarve;
- Participação da população nas palestras, feiras, debates e no percorrer da rota;
- Aparecer em revistas, jornais e entrevistas de rádio para ganhar exposição;
- Utilização de aplicações no telemóvel para que o visitante possa efetuar a rota como um pedyaper ;

3.2 DIAGNÓSTICO

| | | | |
|----------------------|--|---|----------------------|
| Pontos Fortes | <ul style="list-style-type: none"> ● Conceito inovador e singular; ● Conceito direcionado para um produto típico do Algarve ● Impulsionador da economia local e regional; ● Oferta de uma variedade de percursos ligados à alfarrobeira; ● Aposta na dinamização da alfarrobeira; ● Preços das viagens acessíveis a todos; ● Alternativa ao turismo balnear; ● Aposta no turismo de natureza, cultural e rural; ● Preocupação social, ecológica, ambiental e económica; ● Site de informação online; ● Formação a guias turísticos, viveiristas (público envolvido no | <ul style="list-style-type: none"> ● Sazonalidade; ● Reconhecimento. | Pontos Fracos |
| Ameaças | <ul style="list-style-type: none"> ● Empresa recente, nada conhecida no mercado; ● Concorrência por parte de outros roteiros turísticos. | <ul style="list-style-type: none"> ● Aposta no marketing publicitário; ● Enriquecimento social, pelo envolvimento e transmissão de saberes; ● Contacto com as tradições. | Oportunidades |

3.3 VANTAGEM COMPETITIVA

Os valores:

- Promoção de um produto típico do Algarve (Alfarroba);
- Relacionamento turistas com o Algarve, as população local, a espécie característica e os produtos típicos
- Património - Tradição - Conhecimento da cultura portuguesa -Combate ao abandono agrícola e ao desaparecimento das técnicas tradicionais;
- Roteiro para a população algarvia e internacional.